

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO EM LETRAS)**

MARIANA SOARES DOS SANTOS

POR ENTRE CHÃOS E RIOS: caminhos narrativos da literatura imperatrizense

Imperatriz - MA
2023

MARIANA SOARES DOS SANTOS

POR ENTRE CHÃOS E RIOS: caminhos narrativos da literatura imperatrizense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras, na área de Linguagens e Literatura e na linha de Literaturas, Diálogos e Saberes.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Freire de Santana

Imperatriz -MA
2023

S237e

Santos, Mariana Soares dos

Por entre chãos e rios: caminhos narrativos da literatura imperatrizense / Mariana Soares dos Santos. – Imperatriz, MA, 2023.

164 f.; il.

Orientadora: Dr. Gilberto Freire de Santana

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2023 - Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Literatura regional. 2. Literatura imperatrizense. 3. Ensino. I. Título.

CDU 82:37(812.1)

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Jéssica Santana Lima CRB13/894**

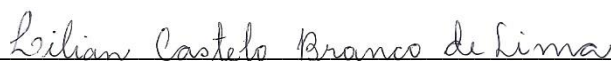
MARIANA SOARES DOS SANTOS**POR ENTRE CHÃOS E RIOS: caminhos narrativos da literatura imperatrizense**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Letras.

APROVADA EM: 09 / 02 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilberto Freire de Santana
Orientadora



Profa. Dra. Lilian Castelo Branco de Lima
Avaliadora

Documento assinado digitalmente
gov.br CESAR ALESSANDRO SAGRILLO FIGUEIREDO
Data: 28/02/2023 22:31:05-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. César Alessandro Sagrillo Figueiredo
Avaliador

À todas as mulheres da minha família que foram
e são minha referência de mundo.

AGRADECIMENTOS

Quando iniciei meus estudos ainda na antiga UEMA, me disseram que escrever era uma labuta solitária, era você e sua cabeça travando uma guerra, de fato é. Escrever é imersão, por isso é tão difícil. Mais difícil ainda é escrever algo tão complexo e extenso como uma dissertação, porque exige o nosso mais completo comprometimento com a solidão da escrita.

Felizmente, nesta jornada nem tudo se resume às nossas batalhas internas e solitárias. Existem pessoas que atravessam esse estado ermo de criação da escrita, e são a essas pessoas que dedico essas palavras de agradecimento. Seja por colaborarem de alguma forma com os resultados desta pesquisa, ou por tão somente, existirem nessa minha caminhada.

Agradeço a minha família, Diogo, Luzia e Delfino pela confiança e apoio que sempre depositaram em mim, por me concederem o privilégio e os meios para realizar os meus sonhos. Aos amigos que fiz nessa minha trajetória acadêmica pelo carinho e acolhida nos momentos difíceis e ao meu querido amigo Jailson, que tanto me encorajou.

Agradeço aos professores que passaram pela minha vida e tiveram papel fundamental na minha formação como pesquisadora e como ser humano. Deixo aqui também meu agradecimento ao professor Gilberto Freire de Santana que me orientou nesta pesquisa, pelo carinho e parceria em mais essa empreitada.

Agradeço à UEMASUL e ao Programa de Pós-Graduação em Letras por possibilitarem a produção do conhecimento e o desenvolvimento desta pesquisa. Lembro aqui também dos meus colegas de mestrado, a primeira turma do mestrado em letras da UEMASUL, que acompanharam de perto toda essa jornada.

Por fim, agradeço aos autores Ribamar Silva, Gilmar Pereira, Lilia Diniz, Domingos Cezar, Trajano Neto, Zeca Tocantins e Ariston França, por serem tão receptivos a minha pesquisa, pela colaboração e carinho com a minha caminhada.

Se faço
“Versos com gosto de vida”
“do que parece nada valer”
é que bebi água do chocalho
ao amanhecer,
fui ungida pelos dedos de
minha mãe
aquecida ao fogo das
lâmparas
provei o gosto
das canções enluaradas,
correndo
atrolei
estrelas nas
ladeiras
da Serra do Cravim,
banho meus sonhos
no açude da esperança
de Água Viva e
mato minha sede
com o miolo do pote
da cacimba de beber

(Lilia Diniz)

RESUMO

A presente pesquisa problematizou os aspectos que compõem a literatura regional, em especial a produzida na cidade de Imperatriz, no interior do estado do Maranhão, tendo como objetivo principal analisar a literatura produzida em Imperatriz, e como objetivos específicos buscou-se refletir sobre as construções históricas da literatura regional, discutir a questão regional tendo como cenário a produção literária imperatrizense, levantar parte do seu acervo e tecer algumas considerações sobre as obras engendradas. Para isso, foram analisadas parte das narrativas literárias produzidas na cidade e uma discussão foi fomentada sobre as concepções de Regionalidade, Literatura, Identidade e Memória. O método de pesquisa adotado possui caráter dialético e segue os procedimentos da pesquisa bibliográfica, no levantamento do material teórico e do acervo literário imperatrizense. Também conta com a pesquisa de campo, realizada por meio de entrevista com autores locais para a coleta de material. Constatou-se durante as entrevistas com os autores que o processo de formação da literatura imperatrizense ocorreu a partir da participação coletiva de pessoas engajadas com as criações culturais da cidade, especialmente as voltadas para o teatro. A partir disto, é possível compreender a literatura imperatrizense como o resultado de colaborações e iniciativas coletivas de escrita, revisão e crítica. Além disso, essa literatura estabelece uma leitura das dinâmicas sociais e culturais produzidas pelas reverberações regionais, identitárias e memorialísticas que conduzem o leitor a experimentar as diversidades que habitam os regionalismos existentes na cidade e região. Tendo essas perspectivas em vista, a Biblioteca Virtual (*Ser)tão de cá* foi produzida como etapa final desta pesquisa. Ela conta, a princípio, com textos dos autores entrevistados e será gratuitamente disponibilizada para a comunidade, em especial, para professores e alunos da rede pública de ensino, no sítio do PPGLe, Mestrado em Letras, da UEMASUL.

Palavras-chave: Literatura regional. Literatura imperatrizense. Ensino.

ABSTRACT

This research problematized the aspects that make up the regional literature, especially that produced in the city of Imperatriz, in the interior of the state of Maranhão, with the main objective of analyzing the literature produced in Imperatriz, and as specific objectives, it sought to reflect on the constructions historical aspects of regional literature, discuss the regional issue against the backdrop of the literary production of the Empress, survey the literary collection of the Empress and make some considerations about the works produced. For this, part of the literary narratives produced in the city were analyzed and a discussion was fostered on the concepts of Regionality, Literature, Identity and Memory. The research method adopted has a dialectical character and follows the procedures of bibliographic research, in the survey of theoretical material and the literary collection of Empress. It also has field research, carried out through interviews with local authors for the collection of material. It was verified during the interviews with the authors that the process of formation of the literature of Empress occurred from the collective participation of people engaged with the cultural creations of the city, especially those turned to the theater. From this, it is possible to understand the literature of Empress as the result of collaborations and collective initiatives of writing, revision and criticism. In addition, the Empress literature establishes a reading of the social and cultural dynamics produced by the regional, identity and memorial reverberations that lead the reader to experience the diversities that inhabit the existing regionalisms in the city and region. With these perspectives in mind, the Virtual Library (Ser)tão de Cá. was produced as the final stage of this research. In principle, it has texts by the interviewed authors and will be made available free of charge to the community, in particular, to teachers and students from the public school system, on the PPGLe website, Master in Letters, from UEMASUL

Keywords: Regional literature. Empress Literature. Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PDAS	Planos de Desenvolvimento da Amazônia
ASSARTI	Associação Artística de Imperatriz
GRULI	Grupo Literário de Imperatriz
AIL	Academia Imperatrizense de Letras

SUMÁRIO

1	DE INÍCIO.....	12
2	(PER)CURSOS REGIONAIS.....	17
3	TRAÇADOS NARRATIVOS.....	46
4	OS TERRITÓRIOS LITERÁRIOS DE IMPERATRIZ.....	78
4.1	O começo.....	78
4.2	Os anos 70 e o teatro.....	82
4.3	Eu, Imperatriz.....	86
4.4	O GRULI.....	89
4.5	A AIL e a visibilidade literária de Imperatriz.....	97
4.6	Os caminhos narrativos/poéticos imperatrizenses	101
4.7	Enveredando, ainda, em algumas pertinentes questões e reflexões.....	107
5	O (SER)TÃO DE CÁ.....	119
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
	REFERÊNCIAS.....	124
	ANEXOS.....	131

1 DE INÍCIO...

Os caminhos traçados em busca de autoconhecimento podem nos levar a muitos lugares, dos mais longínquos até ao olhar atento e profundo sobre a casa, o lugar e a intimidade que nos cercam. A busca por descobrir de onde surgiam as histórias contadas pelas tias, pelo pai e pela mãe, e o que moviam aquelas memórias motivou a curiosidade que fundamenta a construção desta pesquisa.

É na literatura que a familiaridade com os becos, as praças, os cais e os rostos de Imperatriz transparece com mais força. Está nessa literatura as representações, os símbolos e as vozes das pessoas que sedimentaram memórias e que moldaram o desejo por descobrir os muitos aspectos da vida imperatrizense e que, por sua vez, fortaleceram essa pesquisadora nessa empreitada materializada nas linhas desta dissertação.

Roland Barthes (1987) diz que o importante na literatura não são as pessoas envolvidas na feitura ou na leitura da obra literária, mas sim o espaço criado entre leitor e narrativa. A possibilidade da construção de contrastes, de contrapontos entre a literatura e o que o leitor é capaz de enxergar na narrativa literária. Já Regina Dalcastagnè (2012) afirma que a literatura é um espaço de contestação, habitado por conflitos, confrontos e resistências, que devem ser observados e analisados em toda a sua complexidade de construção e de diálogo com os aspectos discursivos, históricos, culturais, políticos e sociais que envolvem esse espaço. É exatamente nesse espaço contestado e de construção dialética que a literatura regional encontra morada.

Para esse primeiro momento é importante entender a literatura regional como a manifestação de representações culturais, resgates da memória afetiva e marcas da identidade coletiva corporificadas em narrativas que se apropriam e desenvolvem uma linguagem e uma estética literária particular. Nessa perspectiva, a regionalidade na literatura é contumaz associada a contextos de produção historicamente definidos, por interesses políticos-culturais de diferentes origens. Esse perfil estabelecido como o ambiente da literatura regional é, habitualmente, descrito como um espaço rural, rusticamente elaborado para acolher o indivíduo fruto desse ambiente.

A partir disso, muitas questões surgem sobre o que seria essa regionalidade difundida na literatura nacional, e a que propósito ela serve. Desses questionamentos surgem também dúvidas sobre qual o lugar dessa literatura no cenário nacional.

Nessa perspectiva, esta pesquisa se propõe a analisar a literatura produzida em Imperatriz, cidade localizada no sudoeste do estado do Maranhão, buscando a partir disso, refletir sobre indagações diversas quanto à regionalidade e à literatura. Em vista disso, surge a problemática deste projeto: como se caracteriza a literatura regional produzida na cidade de Imperatriz-MA? Além disso, busca-se também refletir sobre as construções históricas da literatura regional, discutir a questão regional tendo como cenário a produção literária imperatrizense e tecer algumas considerações sobre as obras engendradas.

O método de pesquisa adotado nesta pesquisa possui caráter dialético e seguiu os procedimentos da pesquisa bibliográfica, na discussão teórica e no levantamento do acervo literário imperatrizense. A discussão teórica estabelecida tratou de questões como a regionalidade, a memória e a identidade dentro da perspectiva da construção da narrativa/poética literária. Sendo assim, é uma pesquisa qualitativa de revisão histórica e bibliográfica que observa a relação entre literatura, história e aspectos geográficos.

Para desenvolver essas discussões, a seleção de materiais relativos à história e à literatura da cidade de Imperatriz foi fundamental para nortear o trabalho de reconstrução histórica da literatura imperatrizense. Dentre os materiais coletados, foram os livros de introdução à história de Imperatriz que ajudaram a compreender como os avanços educacionais influenciaram, posteriormente, a produção da literatura imperatrizense. Outro material importante foi a Enciclopédia de Imperatriz (2003) que reúne fragmentos de textos históricos que não estão mais acessíveis ao público em virtude da deterioração causada pela ausência de mecanismos de preservação dos documentos históricos da cidade.

Apesar do rico material encontrado e utilizado nesta pesquisa, existem lapsos na história da cidade de Imperatriz que surgiram da perda de documentos oficiais, acadêmicos e demais registros importantes para recontar episódios cruciais da literatura, desenvolvimento e cultura da cidade. Os poucos livros e documentos encontrados estão na Academia Imperatrizense de Letras - AIL, onde também foram realizadas as entrevistas que constituem essa pesquisa. As entrevistas, inclusive, foram fundamentais para preencher parte dos espaços deixados por essas ausências. Como os entrevistados também fazem parte da história de surgimento e construção da literatura imperatrizense, as transcrições das falas dos entrevistados foram essenciais para estruturar e organizar os eventos que são importantes para (re)contar essa história. As entrevistas foram autorizadas, bem como as transcrições das mesmas foram feitas na íntegra e os vocabulários, pausas e lapsos captados nas gravações foram preservados.

Além da pesquisa bibliográfica, foi realizada também uma pesquisa de campo que buscou coletar material para (re)contar parte da história da literatura imperatrizense, bem como também fortalecer as discussões sobre literatura regional. Por meio de entrevistas abertas e semiestruturadas com autores da cidade, dentre eles: Ribamar Silva, Gilmar Pereira, Lilia Diniz, Domingos Cezar, Trajano Neto, Zeca Tocantins e Ariston França. As entrevistas foram realizadas na Academia Imperatrizense de Letras - AIL, onde grande parte do material selecionado para esta pesquisa também foi coletado. As entrevistas foram gravadas e transcritas com o consentimento dos autores por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Os autores entrevistados também tiveram participação no desenvolvimento do PTT - Produção Técnico Tecnológica e tiveram alguns dos seus textos literários como corpus desta pesquisa.

Todo o processo de desenvolvimento da pesquisa de campo ocorreu em meio a pandemia de Covid-19, por isso, as entrevistas foram agendadas de acordo com os momentos de menor transmissão do vírus na cidade de Imperatriz. Dessa forma, as entrevistas foram realizadas entre o final do ano de 2021 e início de 2022, sempre cumprindo todas as exigências sanitárias obrigatórias em locais fechados, conforme as normas de combate à disseminação do vírus do covid-19.

Desse processo de seleção de materiais alguns outros percalços foram encontrados no caminho de construção da narrativa elaborada nesta pesquisa, dentre eles a pandemia de Covid-19 talvez tenha sido o mais desafiador. Como era necessário buscar materiais e documentos na Academia Imperatrizense de Letras, uma vez que era o local que reunia o maior número de materiais compatíveis com os objetivos desta pesquisa, algumas visitas foram realizadas sempre com o acompanhamento do presidente da Academia, o autor Trajano Neto, que contribuiu tanto na entrevista como autor, quanto na procura por livros e registros na AIL. As visitas e a utilização da AIL para as entrevistas com os autores foram devidamente autorizadas pelo presidente da AIL por meio de declaração assinada pelo mesmo. No entanto, essas visitas foram atrasadas e reagendadas muitas vezes em virtude do contexto pandêmico vivido entre os de 2020-2022. Por isso, as visitas e as entrevistas foram realizadas nos períodos com o menor índice de transmissão do vírus do Covid-19 na cidade de Imperatriz, entre o final do ano de 2021 e início de 2022. Esses encontros respeitaram as exigências sanitárias de combate a disseminação do Covid-19, com o uso de máscara e álcool gel, além do distanciamento físico entre a entrevistadora e os entrevistados.

Sobre as entrevistas, essas foram realizadas nos espaços da AIL em dias agendados de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Os autores entrevistados foram Ribamar Silva,

Gilmar Pereira, Lília Diniz, Domingos Cezar, Trajano Neto, Zeca Tocantins e Ariston França. O professor Gilberto Freire de Santana teve suas falas acrescentadas à pesquisa posteriormente. As entrevistas foram gravadas por captação de áudio e possui perguntas semiestruturadas que nortearam o seu desenvolvimento. Foi perguntado sobre o início da produção literária de cada autor, suas influências literárias, a relação de suas produções com a história da literatura local, suas participações no processo de construção da literatura imperatrizense e a estrutura, linguagem e temática de suas produções literárias.

Para fundamentar as discussões presentes nesta pesquisa foram utilizados estudos sobre a memória coletiva com autores como Maurice Halbwachs (2004), Henri Bergson (1999), Ecléa Bosi (2003) e Pierre Nora (1993). Para estabelecer discussões sobre região e regionalidade foram utilizados os trabalhos de João Claudio Arendt (2015), Jürgen Joachimsthaler (2009), Durval Albuquerque Júnior Muniz (2011) e André Tessaro Pelinser (2020). Acerca das questões identitárias, foram abordados autores como Stuart Hall (2016), Rogério Haesbaert (2010) e Denilson Lopes (2012).

Dessa forma, esta pesquisa, excluindo a introdução e as considerações finais, está estruturada em 4 capítulos. O primeiro capítulo intitulado *(Per)cursos regionais* se concentra em refletir sobre a regionalidade e a região. Pensando o nordeste brasileiro a partir do estabelecimento discursivo e histórico desses conceitos.

O segundo capítulo, denominado *Traçados narrativos*, discute o papel da memória e da identidade na literatura regional. *Os territórios literários de Imperatriz* é o terceiro capítulo, voltado para a análise/estudo de alguns textos da literatura imperatrizense, bem como traz, também, a reconstrução histórica da literatura da cidade a partir das falas dos entrevistados e dos materiais coletados.

Entendendo que a literatura regional é importante para construção cultural de uma sociedade e, por consequência, se faz relevante como recurso metodológico em sala de aula, a produção final dessa pesquisa é a construção de um texto-dissertação e, como Produção Técnico-Tecnológica – PTT, o quarto capítulo, a criação da Biblioteca Virtual *(Ser)tão de cá*, que disponibilizará, gratuitamente, obras literárias produzidas na cidade para à comunidade, em especial, professores e alunos da rede pública de ensino. Com o intuito de oportunizar o acesso a essas obras, como alternativa de letramento literário, essa biblioteca virtual ficará disponível na página do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGLe da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL.

Em vista de tudo o que foi dito até aqui, essas primeiras palavras dão início a jornada de planejamento, escrita e carinho que envolvem esta pesquisa. As linhas que materializam essa

trajetória guardam longas reflexões sobre o fazer literário, dentro dos espaços alcançados pela literatura imperatrizense, enquanto reduto de experiências, afetividades e memórias compartilhadas pelas muitas comunidades imaginadas¹ e físicas que influenciam e interagem com a cidade de Imperatriz. Essas palavras introdutórias são só os primeiros passos desta caminhada de conhecimento e descoberta, traçada por essa pesquisadora, que agora convida você leitor a percorrer essas linhas em busca dos caminhos, romances que atravessam a literatura imperatrizense.

¹ Uma nação é *limitada*, uma vez que apresenta fronteiras finitas e nenhuma se imagina como extensão única da humanidade. Contudo, é também *soberana*, já que o nacionalismo nasce exatamente num momento em que o iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade dos reinos dinásticos e de ordem divina. Por fim, nações são imaginadas como *comunidades* na medida em que, independentemente das hierarquias e desigualdades efetivamente existentes, elas sempre se concebem como estruturas de camaradagem horizontal. Estabeleceu-se a ideia de um “nós” coletivo, irmanando relações em tudo distintas (ANDERSON, 2008, p. 12).

2 (PER)CURSOS REGIONAIS

TANTA
 TERRA
 TANTA
 TERRA
 TANTATERRA
 TANTATERRATANTATERRATANTATERRATA
 NTERRATANTATERRATANTATERRA
 TANTATERRA
 TANTO
 TIRO
 TANTATERRA
 TANTO
 TERROR
 TANTATERRA
 TANTA
 TRAMA
 TANTATERRA
 TANTA
 TENSÃO
 TANTATERRA
 TANTA
 TIRAM
 TANTATERRA
 TANTOS
 TOMABAM

(Lilia Diniz)

Literatura é território de conflito. Dentro desse espaço tudo ganha forma e corpo. As narrativas são construídas por discursos e perspectivas que apontam para olhares outros, às vezes, ainda não postos em discussão ou sinalizando novas perspectivas exploratórias, facetas do comportamento humano. A literatura possibilita lançar luz sobre o que nossos olhos, comumente, não são capazes de enxergar com profundidade.

Literatura também é discurso. É a consolidação de construções discursivas que nascem das organizações políticas, sociais e culturais. Dessas acomodações discursivas são moldadas as narrativas, as perspectivas sobre os caminhos traçados pelas sociedades historicamente. A narrativa literária é tempo e espaço. É a soma de uma espacialidade interpelada pela anacronia do tempo. Segundo Haesbaert:

O espaço, neste sentido, abordado de modo relacional, longe de aparecer como um palco ou um “teatro”, torna-se parte integrante e indissociável das próprias relações sociais, constituinte inerente à condição do humano e do social (2010, p.15).

Tanto o tempo quanto o espaço são instrumentos importantes para a dissolução e a edificação dos discursos dentro da narrativa literária. Ao longo da história, as discursividades deram vida a personagens que consolidaram as perspectivas políticas, sociais e culturais internalizadas no imaginário social. Na literatura essas discursividades moldam as narrativas,

seus personagens, repercutindo e personificando imagens historicamente construídas. No que se refere às produções literárias que abordam os elementos regionais como argumentos narrativos, o processo de internalização e disseminação de discursos políticos, sociais e culturais também foi e continua sendo aplicado.

Quando surge o termo regional, dentro da perspectiva literária, irrompem algumas disposições que questionam o espaço dessa literatura dentro do panorama literário nacional. De fato, muitas são as discussões sobre o que confere a essa literatura tal status. São levantadas desde as particularizações que diferem essa literatura das demais categorizações literárias, até a força dos discursos políticos dentro dessas narrativas.

Mas afinal de contas, o que torna um espaço cultural em uma região? Joachmisthaler (2009, p. 31) aponta para o aspecto das construções identitárias da região como redutos de discursos políticos (re)produzidos socialmente, que incorrem sobre as produções culturais e literárias, em que são condensados os aspectos significativos da memória coletiva e afetiva das comunidades em produções estético-narrativas. Tomemos como exemplo o sertão brasileiro, popularizado historicamente, nas produções artísticas, como o espaço da seca e da miséria e que, por sua vez, acabou imageticamente consolidado e repercutido como a totalização de uma extensão territorial compreendida como o Nordeste brasileiro.

Então, a quem se deve a generalização do sertão como uma imagem solidificada do Nordeste brasileiro? Segundo Albuquerque Júnior (2011), essas disposições partem, justamente, da influência dos discursos políticos e ideológicos na construção de um Nordeste conveniente às elites da região que procuravam, além de instituir fronteiras imaginárias entre eles e as populações interioranas pobres, construir imageticamente uma região vulnerável e vítima da seca.

O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é a tal a consciência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.62).

Nesse sentido, o Nordeste configura um espaço historicamente construído por discursividades responsáveis pela internalização de imagens que são até hoje vistas como o resumo da regionalidade nordestina. De fato, essas imagens correspondem a região. O semiárido, o trabalho manual, a relação de dependência com a natureza são aspectos pertencentes a região. No entanto, essas reproduções imagéticas contribuíram para que, de forma generalizada, toda a diversidade da região nordestina fosse limitada a estereótipos

reducionistas.

As motivações para que a repercussão dessas perspectivas ganhasse tanta projeção com o passar dos anos são muitas. Albuquerque Júnior (2011) em sua análise sobre todo o processo de construção do Nordeste enquanto discurso, debate que a ideia de compactar a heterogeneidade nordestina dentro do discurso da pobreza e da seca, faz parte de um projeto político de reafirmação das elites rurais em conferir à seca a responsabilidade pela cruel desigualdade social que sempre assolou o território nordestino.

Além disso, difundir o discurso da seca pelo país, também serviu para que essas mesmas elites rurais ganhassem espaço nacionalmente com a arrecadação de verbas para o combate à miséria, o que acabou reforçando o poder dessas oligarquias por toda a região. O panorama contextual de construção do Nordeste a que estamos acostumados a ver, representado na mídia e nos demais campos artísticos, são frutos de esforços históricos para garantir o monopólio econômico e político das elites rurais.

Essa dinâmica foi sustentada por anos e aconteceu na maioria das regiões nordestinas, sendo esse discurso até hoje utilizado como instrumento para explorar e depreciar a região nacionalmente. O argumento da pobreza extrema, entretanto, reflete a realidade de muitos interiores brasileiros. Mas, constata-se que a miséria acabou sendo uma instituição financiadora da elite no Nordeste, bem como atuou como discurso para a marginalização da região nacionalmente.

Artisticamente, o Nordeste foi retratado em muitas produções em tom de denúncia social, repercutindo os fatores e as consequências das desigualdades sociais e da miséria humana diante, principalmente, da seca e da fome. Estas, em grande parte, resultantes do desempenho das elites da região. Vale citar, como exemplo, dentre várias obras que, de certa maneira, apontam para esta perspectiva, “Vidas secas”, de Graciliano Ramos (1938); “O quinze”, de Rachel de Queiroz (1930); “Os retirantes”, quadro de Candido Portinari (1944); as obras cinematográficas “Vidas secas”, de Nelson Pereira dos Santos (1963), “O país de São Saruê”, de Vladimir Carvalho (1971) baseado no cordel “Viagem a São Saruê”, de Manoel Camilo dos Santos e “Morte e vida Severina”, do poeta João Cabral de Melo Neto; “Um cante lá que eu canto cá”, de Patativa do Assaré; o cantar de uma “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira e um “Carcará”, de João do Vale.

Na obra cinematográfica “Os fuzis”, do cineasta Ruy Guerra (1964), o contexto da fome e de um conformismo exasperante ambientam uma narrativa que choca pela “naturalidade” com que as situações de extrema pobreza são tratadas, contadas, mostradas. O conflito entre os famintos e a preocupação do comerciante em retirar em segurança a comida para a

comercialização, escancara a crueldade da desigualdade social e da histórica procriação da miséria nos interiores do país, no caso, nordestinos.

A obra fílmica de Ruy Guerra, externa o olhar do “outro” para com os problemas sociais que castigam e vulnerabilizam o sertanejo nordestino. A perspectiva dos soldados, que são na realidade a representação das castas governamentais enviados para auxiliar na retirada da comida na cidade, é a expressão da ação externa frente a realidade assoladora da fome, acentuando os contrastes discursivos que também são a base da literatura regional a partir da primeira metade do século XX.

A geração de 30, segunda fase do modernismo brasileiro, tem no regionalismo a proposta de denúncia social atribuindo protagonismo a figuras ainda excluídas das narrativas literárias brasileiras. Nesse contexto, a miséria e as desigualdades espelhadas na vida do sertanejo e do nordestino, são elementos relevantes na composição dessas narrativas regionalistas. Apesar de haver a preservação de valores morais em algumas narrativas, a tendência de enxergar a desigualdade social como uma temática produtiva, constitui um movimento crucial para a formação dessa literatura (LEONEL; SEGATTO, 2008).

Necessário apontar que, desde os primórdios, no processo de formação da história literária brasileira e na busca de uma representação da identidade nacional, a presença de traços regionais se fez presente, desde a poética baiana de Gregório de Matos Guerra até às Minas de Cláudio Manuel da Costa. Em especial, no regionalismo romantizado, como afirma Antonio Candido (1967), de José de Alencar (*O sertanejo*, 1875), de Bernardo Guimarães (*A escrava Isaura*, 1875), de Visconde de Taunay (*Inocência*, 1872), entre outros.

Tendo isso em vista, a literatura regional no Brasil é resultado, até então, do processo de construção de uma narrativa com apontamentos sobre aspectos ainda pouco explorados dentro da literatura brasileira. Trata-se da visibilidade de narrativas e culturalidades de comunidades e regiões, interioranas ou não, ainda inexistentes dentro de uma literatura nacional, que procurava fincar alicerces dentro de um padrão de escrita e narrativas que excluía os extremos do país.

Nessa perspectiva, a literatura regional busca contar e estilizar a realidade regional permeada por elementos identitários inerentes e significativos, e está preocupada com os aspectos formadores de sentido, que são construídos, nesse tipo de literatura, para estabelecer uma comunicação a partir das sobreposições estéticas realizadas (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 34). É uma literatura formada pela ambientação de aspectos que são relevantes culturalmente para uma comunidade, sendo esses aspectos pontos de forte peso para essas comunidades, uma vez que preservam traços identitários importantes para a formação social do país.

Em contrapartida, as produções literárias, vistas como regionais, foram rotuladas historicamente como obras distanciadas da história que era desenhada para o Brasil. Em decorrência da criação de estereótipos, a ideia de regionalismo, a que estamos acostumados, está intrinsecamente relacionada a preconceitos pertinentes à exclusão dos extremos do país em sua própria narrativa. O “outro”, nesse caso, é uma parte do país ignorada pela história oficial e que, ainda assim, é a síntese de perspectivas e olhares profundamente brasileiros. (ARAÚJO, 2006).

Vale ressaltar que por história oficial entende-se toda narrativa que é registrada e validada por uma comunidade. É a história condicionada a uma posição de poder em que uma perspectiva, um olhar, é posto sobre a história, na sua maioria, retificada por uma instituição que reafirma essa posição de poder sobre a história contada. Esta pesquisa, nesta perspectiva, também, de alguma forma, se torna uma versão da história oficial uma vez que é uma narrativa sobre as narrativas que moldam a literatura regional produzida na cidade de Imperatriz.

Tendo isso em vista, a ideia de uma literatura brasileira foi por muito tempo associada ao que era produzido nos moldes da literatura europeia canônica. Dentro dessa perspectiva, uma hierarquia foi projetada para instituir uma literatura nacional que, no entanto, estava revestida dos padrões estéticos e narrativos europeus. Nesse contexto, as literaturas produzidas sob esses critérios internalizaram modelos eurocêntricos dentro da literatura nacional, produzindo espaços “outros” para literaturas que se desviavam dessa configuração, foi o que ocorreu, comumente, com as produções regionais.

A narrativa regional traduz um Brasil renegado pelas elites e isso ocorre também dentro do meio literário. São recortes do Brasil que sobreviveram às imposições exteriores e, antropofagicamente, com isso preservaram e criaram formas de perpetuar, por meio do imaginário social e da memória coletiva, os traços significativos da vida e da história dos lugares e das pessoas que integram a região.

Assim, essa literatura traz uma reflexão sobre a criação e o desenvolvimento do Brasil, pois tem a capacidade de expressar o sujeito brasileiro em vias de contextos sociais e históricos à margem da história criada para o país. E por isso, é possível entender essa literatura como um olhar para o Brasil “de dentro”, sem os arquétipos literários exteriores.

Esse movimento de vislumbrar o interior do país acontece em toda a trajetória da literatura regional. O indianismo é considerado um dos primeiros impulsos na produção dessa literatura, uma vez que buscava capturar o Brasil por meio das representações da ambiência e da natividade, expressões da “brasilidade primeira”. Cita-se como exemplo, na perspectiva indianista, a poesia de Gonçalves Dias, e as obras de José de Alencar, *O guarani* (1857),

Iracema (1865), e *Ubirajara* (1874).

Vê-se que a priori, a criação do indianismo como o primeiro sinal da criação do regionalismo e da regionalidade na literatura, uma vez que, houve a incorporação de elementos nacionais e descrições de passagens nunca antes vistas na literatura sobre aspectos regionais do país (LEONEL, SEGATTO, 2008). Porém, também é importante destacar que essa representação intencionava a unicidade nacional, tanto identitária como cultural, em decorrência do desejo de propor um olhar homogeneizante sobre o Brasil, desejo esse, produzido e suplantado pelas elites da época sob uma postura colonizadora dentro do próprio país. Sobre isso, Wanzeler diz que:

O colonizador se projeta no Outro e tenta fazer do colonizado sua imagem e semelhança, uma ação narcísica, criando uma atmosfera homogênea para facilitar o domínio, impondo sua língua, sua religião, suas práticas, ou seja, sua cultura, e os que não se subjugavam eram rejeitados por meio do discurso da diferença, discurso utilizado como justificativa para a superioridade do colonizador, a partir de uma dicotomia entre civilização x barbárie em voga, majoritariamente, até o século XIX, caracterizada por um discurso intelectual de progresso socioeconômico. A relação centro x periferia estava surgindo e faria parte de nosso vocabulário nos séculos XX e XXI, criando um abismo socioeconômico entre esses dois pólos (2015, p. 333).

Buscando compreender o percurso da literatura regional dentro da literatura brasileira, é importante questionar o que faz dessa literatura diferente das demais correntes literárias nacionais. É um questionamento complexo que encontra suas respostas em muitas definições que agregam, dentre outros fatores, a representatividade das diversidades das regiões e pessoas que integram o país, a representação e a preservação dos traços culturais importantes para as comunidades regionais, o reconhecimento de simbologias e folclores relevantes para a construção social, ou até mesmo de perspectivas outras de representações de regiões no espaço literário como Guimarães Rosa fez em suas obras.

Nesse sentido, a literatura regional utiliza/ou as relações criadas em um microcosmos constituído pelos elementos identitários regionais, formados a partir das simbologias e interações entre as comunidades e seus espaços físicos e históricos. Esses elementos significam a região enquanto um espaço vivo e de constantes construções. No entanto, tendo essas reflexões em vista, é errôneo pensar que as narrativas regionais, criadas dentro desses microcosmos, são limitadas aos contextos narrativos a que são aplicadas (CHIAPPINI, 1995).

Compreender o texto literário regional como uma produção que vivencia e se alimenta das regionalidades enquanto um conjunto de construções coletivas e significativas para a região, é, portanto, entender também que a capacidade de comunicabilidade desses textos com as diversidades de públicos leitores está, por vezes, condicionada à arquitetura literária do texto e

ao estabelecimento da linguagem enquanto instrumento de comunicação com o leitor.

Assim, a narrativa regional tem como um dos seus suportes, a linguagem enquanto recurso de organização das regionalidades dentro de uma estrutura estética e narrativa. Essa linguagem também é a forma como a regionalidade se manifesta no texto, é por meio da palavra, resultado da interação do sujeito com o seu espaço, que a regionalidade se configura enquanto literatura.

Dessa forma, é possível compreender a literatura regional como uma expressão artístico literária imbricada de ampla diversidade narrativa, poética, surgida das dinâmicas sociais de interação que consolidaram ao longo da história de formação do Brasil uma rede de fortunas linguísticas, ritualísticas e culturais.

Em vista desses apontamentos, é necessário entender a literatura regional como uma produção que estabelece profundas leituras a partir dos seus próprios elementos narrativos e/ou poéticos. André Tessaro Pelinser (2012) discorre sobre a tendência da crítica literária brasileira de validar a literatura regional por meio do argumento da universalização narrativa, atribuindo qualidade aos textos regionais a partir da sua capacidade de universalização, como se a literatura regional precisasse buscar apoio no sentido universal, das suas narrativas, para ser reconhecida como uma produção literária relevante.

A exemplo dessa dinâmica, Pelinser (2012) aponta a crítica de Antonio Candido sobre a obra de Guimarães Rosa em que o crítico ressalta a universalização da região na obra de Guimarães Rosa como uma qualidade importante, tendo em vista a possibilidade da narrativa se expandir para além do regionalismo narrativo. O intrigante dessa perspectiva de leitura, sobre a obra rosiana, é a necessidade de enxergar o universalismo como uma validação que supere as “limitações” supostamente impostas pelas narrativas regionais.

Em outros termos, uma obra regional(ista) somente ingressará na modernidade e na urbanidade se atingir um certo grau de excelência capaz de inscrevê-la na universalidade – essa podendo ser entendida, de forma ampla, como a capacidade de um texto de libertar-se de uma ancoragem restrita, por meio da superação de contingências de natureza linguística, cultural, espacial e temporal (ARENDR, 2015, p.118-119).

Leonel e Segatto (2017), reafirmam o discurso de universalização da literatura regional como uma qualidade literária ao declararem que a literatura regional abarca dois mundos: as singularidades do regionalismo, no uso da língua, na representação dos costumes, tradições, valores, crenças, mitos e ritos, ao mesmo tempo em que apresenta a universalidade na narrativa. É interessante observar como a tendência em qualificar a literatura regional, frente aos aspectos

universalizantes dentro da narrativa, incorre sobre a representação de uma realidade comum a todos, como se as configurações regionais tivessem que servir a uma leitura unilateral para ser validada.

Essas pretensas inclinações homogeneizantes na literatura tendem a ignorar os aspectos regionais e, assim, acabam contribuindo para o apagamento e marginalização das regionalidades na literatura. Regionalidades essas que, por sua vez, são a síntese de movimentos culturais historicamente construídos e, portanto, consistem em materiais preciosos tanto para as construções narrativas como para a história da formação do país.

Essa foi, e ainda é, um dos principais obstáculos da literatura regional frente à crítica literária brasileira. Encarar as produções literárias regionais como narrativas, que se bastam dentro das possibilidades discursivas, culturais e identitárias que se revelam, ainda é um movimento visto pela crítica como um fator limitador para essa literatura. Essa visão, ainda negacionista da crítica literária brasileira, revela além de uma resistência em admitir a diversidade social e artística do país, um desconhecimento dos processos de formação social e histórico-cultural brasileiros, que ainda sustentam, mesmo que hoje implicitamente, o desejo por uma literatura centralizadora e elitista.

Em contrapartida a esses movimentos ainda homogeneizantes da crítica literária nacional, algumas revisões estão sendo estabelecidas pela crítica contemporânea, que compreende a impossibilidade de entender com profundidade a literatura regional brasileira, sem um (re)conhecimento dos apontamentos, sociológico, histórico, geográfico e social, dos contextos em que essas literaturas regionais se forjam. Apreendendo, a partir dessas perspectivas, que as diversidades que contemplam a vastidão das regionalidades brasileiras são riquezas narrativas que devem ser lidas e analisadas a partir de suas complexidades e construções.

Naquelas, necessariamente, por menor que seja a região, por mais provinciana que seja a vida nela, haverá grandeza, o espaço se alargará no mundo e o tempo finito na eternidade, porque o beco se transfigurará no belo e o belo se exprimirá no beco (CHIAPPINI, 1995, p. 157).

É necessário entender ainda que nos padrões literários estabelecidos, por grande parte da academia, muito do que é produzido nos interiores não são estudados e explorados como objetos de análise. Sendo assim, todo esse movimento de reconhecimento se perde em virtude da centralização academicista e canônica. Nisso, perde-se também muito material que ajudaria a perceber, descrever, reconhecer os novos regionalismos que surgiram/em na contemporaneidade. Considerando que a grande dificuldade dos críticos e historiadores

modernos em conceituar o regionalismo, na literatura, venha do desconhecimento das realidades usadas como cenários nessas narrativas literárias. As reflexões de Pelinser, de certa maneira, ressoam nos dias atuais.

Afinal, cabe perguntar então quais são/eram os olhos da crítica. A partir de que referencial ela procurou apreender essas produções e qual repertório imagético construiu sobre elas? Enquanto a crítica literária buscava na Europa a medida para as comparações, estabelecendo os níveis de excelência a partir dos escritores daquele continente, o mesmo direito não foi dado à obra literária (2012, p. 236).

As produções literárias centralizadas nos aspectos das regionalidades brasileiras, enquanto narrativas, são fortemente influenciadas pelas marcas das representações identitárias, tendo em vista que essas construções são responsáveis pela organização de aspectos importantes para a formação das regionalidades, como a construção mítica, da tradição, da espiritualidade e do costume no imaginário coletivo. Segundo Arent (2015), o regionalismo busca fixar no território delimitado geograficamente aspectos que o identifique socialmente. Esses registros que traçam a região como a expressão das identidades socialmente construídas, são resultados de processos coletivos de interação social corroborados historicamente pelos sujeitos da região.

O espaço e o tempo, nas quais a região está inserida, são construções humanas. Os sujeitos dentro das formações coletivas são responsáveis por modificar, preservar e ressignificar esses espaços que constituem a região. E, conseqüentemente, esses processos constantes de interação e socialização vão edificando a região enquanto um espaço permeado por discursividades políticas e culturais. Stuart Hall (1997, p.26), discorre sobre as construções identitárias, destacando que:

O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente.

Na perspectiva de Stuart Hall, identidade é o conjunto de discursividades que moldam a vida social, de modo a repercutir nos valores individuais e nas preferências pessoais do sujeito. Nesse sentido, é o resultado de discursos políticos, econômicos e sociais na formação cultural do sujeito e da região a que faz parte. Hall (1997), em seus estudos sobre as formações identitárias e culturais na contemporaneidade, pontua ainda a relevância das construções

culturais para as comunidades, entendendo a formação cultural como ponto chave para o reconhecimento do sujeito enquanto parte da realidade social a que está integrado.

As construções identitárias, também, são preponderantes para o reconhecimento das regionalidades que compõem a região. Wanzeler (2015) destaca que a identidade pode ser lida tanto de modo subjetivo e pessoal, quanto por uma perspectiva mais ampla e abrangente em que as formações coletivas são organizadas no imaginário social e repercutidas como registros da personalidade historicamente construída da região.

Wanzeler afirma ainda que o reconhecimento da regionalidade pelas construções identitárias cria um espaço de tensão e conflito, uma vez que, “reconhecemos nossa identidade a partir do Outro, com o qual nos identificamos ou não ” (2015, p. 341). O “outro”, nesse sentido, é a diversidade de construções culturais que integram a identidade nacional e que criam espaços de tensão ou identificação entre os sujeitos. Nessas situações de aproximação ou distanciamento são estabelecidos diálogos que podem significar, tanto a sobreposição de discursos em uma disputa de poder provocados pelas tensões culturais, quanto a construção de diálogos que se somam em espaços de contribuição para novas formações culturais.

O deslocamento sociocultural tende a provocar o “estranhamento” do Eu em relação ao Outro e vice-versa, desse “estranhamento” se sobressaem às diferenças, mas não uma pura e simples dicotomia entre a cultura do Eu e a cultura do Outro, tem-se na verdade um complexo jogo de negociações, em que essas diferenças podem vir a ser relativizadas ou tensionadas. Neste ponto, observa-se a grande importância da literatura para a análise das relações humanas (WANZELER, 2015, p. 348-349).

Assim, a literatura é o espaço em que os conflitos e o jogo de negociação, como menciona Wanzeler (2015), são discutidos e refletidos por meio da estética e da linguagem literária. Dentro desse espaço de discussão, Haesbaert afirma que a regionalidade seria construída a partir da relação entre a “realidade” e as representações regionais, “sem que elas possam ser dissociadas ou que uma se coloque, a priori, sob o comando da outra” (2010, p. 8). Pela perspectiva de Haesbaert (2010), essa relação teria implicações na construção do imaginário coletivo e nas representações simbólicas da região que, por sua vez, influenciam as vivências dos sujeitos em sua regionalidade, bem como as produções culturais que surgem dessas regiões.

Na relação entre realidade e representações regionais, instituída por Haesbaert (2010), existe uma problemática importante que se direciona a elucidar o que seria essa realidade e o que a separa, pelo menos teoricamente, das representações regionais. Tem-se no levantamento dessa questão, a sensação que as representações regionais estariam em um campo de abstração

e subjetividade que, em primeiro momento, a separa da dita realidade das coisas. As representações regionais são produtos das interações coletivas construídas ao longo dos tempos sobrepostos que interferem no resultado final dessas experiências coletivas, sendo assim, são frutos das realidades vividas historicamente e, portanto, são tão reais quanto qualquer evento que marcam os períodos históricos.

Considerando as reflexões originadas das representações regionais e construções identitárias, que moldam as narrativas regionais, é importante compreender a complexidade que reside nessa literatura. A discussão sobre o que é a literatura regional é ampla, os conceitos quase nunca englobam todas as especificidades que essa literatura comporta. Haesbaert em seus estudos aponta que:

Regionalizar, no seu sentido mais amplo e relacionado a uma de suas raízes etimológicas, enquanto “recortar” o espaço ou nele traçar linhas, é uma ação ligada também ao sentido de orientar(-se) – como na antiga concepção de “região” dos áugures (adivinhos) romanos que, através de linhas ou “regiões” traçadas no céu pretendiam prever o destino de nossa vida aqui na Terra (2010, p. 3-4).

Nesse sentido, regionalizar seria a atitude de vislumbrar um espaço a partir de delimitações espaciais ou culturais que orientem a construção de um perfil para a região. Para Haesbaert (2010) a compreensão da região, em que se negue a generalidade hegemônica da região, deve considerar as produções materiais e simbólicas produzidas nesses espaços, considerando os desdobramentos políticos, sociais e econômicos, bem como também compreendendo as simbologias e subjetividades que agem sobre esses espaços.

Tendo em vista todas essas disposições sobre a concepção de região e o que nela reside, percebe-se que existe uma complexa discussão sobre as denominações corretas para as produções que tematizam a regionalidade, ou ambientam suas narrativas em espaços em que a regionalidade se destaca, ou ainda para as produções que são escritas por autores nascidos em espaços regionais. Para Jürgen Joachimsthaler:

A *Literatura Regional* exige do *regional* (e se necessário também contra ele) a construção de um modelo de cada região, que ou pretende instituir a identidade coletiva para os habitantes dessa região (no caso de antigos expulsos) ou pelo menos expressar uma identidade única, coletiva, pretensa ou realmente já existente (ou ainda com intenção se distanciando criticamente)” (2009, p.34).

Por outro lado, João Claudio Arendt, afirma que:

Como a própria nomenclatura indica, essa categoria abrange produções literárias que tematizam uma região, mas que não são necessariamente produzidas na região a que

se referem. A literatura *sobre* uma região pode ser reconhecida pelas regionalidades internas aos textos literários, ou seja, pelas particularidades culturais representadas ficcionalmente (2015, p.122).

Pela perspectiva de ambos os autores, tanto a literatura regional quanto a literatura acerca de uma região estão fundamentadas na capacidade de expressão que essa região tem mediante a manifestação de elementos simbólicos e culturais em consonância com as discursividades políticas, econômicas e sociais que constituem a sua estrutura. Enquanto Arendt (2015) conceitua a literatura em uma região como a representação de “particularidades culturais” reconhecíveis e palpáveis aos leitores, sem serem especificamente produzidas em uma região ou falarem de uma determinada região, Joachimsthaler (2009) afirma a literatura regional como a construção de um modelo de região em que os aspectos da vida coletiva, que constroem a região, sejam vistos como a expressão de uma “unicidade identitária”.

Vale ressaltar, que a postura de Joachimsthaler (2009) sobre literatura regional, é que a leitura de unidade identitária está intrinsecamente relacionada à formação de unidade, de homogeneização, como elemento de consistência, substancialidade, da produção literária regional. Essa unicidade é a reunião de uma coletividade que como o próprio nome sugere, é a soma das complexidades que constituem os vários sujeitos dentro de uma comunidade, uma região. A leitura do autor revela o poder que a homogeneização tem dentro dos estudos culturais e, conseqüentemente, literários.

Além das distinções estabelecidas entre literatura regional e literatura relativa a uma região, ainda existem apontamentos acerca da literatura regionalista, que para alguns autores diverge da literatura regional. Segundo Arendt (2015), a literatura regionalista aponta para o compromisso com a valorização da cultura local de uma região, além de ambientar a trama dentro desse espaço, utilizando para isso um discurso engajado, seja para revelar mazelas, ou para desconstruir a visão estereotipada que se tem de uma região, ou para exaltar os valores e qualidades de uma determinada região, ou ainda para preservar construções sociais e estereótipos sobre essas regiões

Parece, com base nesses depoimentos, que a condição fundamental para que uma obra literária seja qualificada como “regionalista” é o seu comprometimento voluntário com a cultura de uma região, e não a simples ambiência da sua trama em um espaço rural. A exaltação e a defesa de caracteres julgados ideais para a configuração de um *ethos* regional (em oposição, por exemplo, ao urbano ou ao suprarregional) é o que atribui especificidade a esse tipo de literatura. Em razão disso, é possível arriscar uma rápida exemplificação: *O sertanejo*, de José de Alencar, e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, não deveriam ser abrigados sob a expressão “regionalismo”, só porque ambos os romances estão ambientados em espaços rurais. Enquanto o primeiro idealiza (idiliza) o tipo de organização social do interior cearense oitocentista, o último questiona os mecanismos de poder do patriarcado rural alagoense do primeiro

quartel do século XX. O posicionamento dos autores diante da matéria representada, nesse sentido, é diametralmente divergente e inconciliável, parecendo incoerente denominá-los “regionalistas” e diferenciá-los apenas com o recurso da adjetivação (regionalismo pitoresco ou romântico e regionalismo crítico ou neorrealista, respectivamente), ou alçar a obra de um deles a uma dimensão supostamente “universal”, para negar-lhe o parentesco com a literatura regionalista (ARENDRT, 2015, p. 115).

Tomando as perspectivas de Arendt (2015) como afirmativas da literatura regionalista, as produções literárias regionais contemplariam narrativas engajadas com as representações culturais da região. Sendo assim, são produções comprometidas com o estabelecimento de uma postura frente às regionalidades abordadas em suas narrativas.

Independente da nomenclatura ou classificação sugerida, todas as conceituações aqui elencadas, de uma forma ou de outra, acabam dialogando em determinados pontos em como a representação cultural pode ser um argumento para a constituição das narrativas literárias. Muitas são as denominações criadas para conceber a literatura regional, mas algumas afirmações, mesmo sendo atribuídas a aspectos diferentes, apresentam definições que se assemelham.

André Tessaro Pelinser diz que a região é “uma noção performativa, que busca instaurar uma visão do mundo. Mas do que um espaço geograficamente delimitado, a região se configura como espaço construído pelo homem” (2014, p. 60). Ao mesmo tempo, Albertini Vicentini afirma que o “*caráter performativo* de apresentação de uma *identidade grupal*” (2008, p. 188), se relaciona ao caráter performativo da própria literatura regionalista. Fica evidente, nas afirmações dos dois autores, o aspecto tênue que permeia literatura regional e o próprio conceito de região, uma vez que uma nasce em detrimento da consolidação da outra.

Tendo em vista essas reflexões, é importante visualizar a literatura regional sob dois aspectos instituídos por Arendt (2015): primeiro, a de que a literatura regional possui elementos linguísticos, textuais e temáticos importantes de serem analisados dentro do texto; o segundo diz respeito ao contexto extralinguístico em que essas obras literárias foram produzidas, a forma de veiculação e divulgação, se existe possibilidade de estudo dessas obras, bem como a natureza dos elementos existentes nelas e toda a sua trajetória editorial.²

A literatura regional considera as formações culturais, históricas e sociais de uma região, a partir de elementos físicos ou abstratos que interagem com seu contexto de produção, na presença de símbolos físicos ou imateriais. Importante frisar que a representação regional é resultado de inúmeras discursividades que influenciam nas construções identitárias e que, por

² Nessa perspectiva, vale apontar, para possíveis futuros estudos, o papel da Editora Ética, do escritor Adalberto Franklin, no registro/construção da literatura imperatrizense.

sua vez, vão incorrer nas representações narrativas.

Nos estudos sobre literatura regional existem as produções que tematizam elementos e questões locais, mas sem necessariamente serem produzidas na região. Essa literatura é reconhecida pelos elementos textuais associativos a um contexto regional, o que alguns autores denominam de literalização, que segundo Arent (2015) diz respeito à escrita que retrata e ficciona uma região buscando descrever os valores presentes, as tradições e os costumes preservados que moldaram as vivências nessas regiões. Como exemplo, cita-se *O gaúcho*, de José de Alencar. Sodré (1984), em seu artigo *José de Alencar, a ficção numa sociedade escravocrata*, recorre ao Taunay que, em suas *Reminiscências*, revê algumas considerações antes feitas à obra de José de Alencar:

Nem se lhe leve a mal” — escreveria — “o convencionalismo das suas sorridentes paisagens e grandiosas perspectivas, quase todas mais criações da ardente e prodigiosa fantasia, do que da observação exata da natureza ou do conhecimento pleno do cenário em que deviam mover-se e agir os seus simpáticos heróis e adoráveis tipos de mulher; e esse contraste entre a realidade e a imaginação se torna então flagrante em *O Gaúcho*, em que um filho do Rio Grande do Sul não pode absolutamente reconhecer a feição particular da sua província natal (SODRÉ, 1984, p.34).

Acerca dessas questões, André Tessaro Pelinser, afirma que:

Literarizar uma região implica representar: 1. Um conjunto de valores compartilhados por um grupo de habitantes de um mesmo território; 2. as formas de vida cotidiana que identificam uma comunidade; 3. Um passado histórico e 4. as atitudes, tradições, costumes, símbolos e crenças comuns a um grupo humano (2015, p. 123).

Em outra perspectiva, Jürgen Joachimsthaler evidencia ainda algumas questões históricas sobre os processos de literarização de aspectos regionais. O autor discorre ainda sobre a ficcionalização das regionalidades pela literarização, destacando esse movimento de adaptação das regionalidades como uma organização das representações culturais e identitárias para acomodação do leitor. Segundo ele:

A literarização de uma região e a regionalização de sua literatura (e regionalização da região, portanto, a adaptação da região a ela na literatura regionalizada em imagem literarizada) muitas vezes estão imbricadas entre si até a indissolubilidade. Esses processos da literatura regional com sucesso suprarregional são, então, registrados de tal forma, que o leitor fora deste contexto regional não seja perturbado por eles – redução de complexidade que pertence às expectativas do leitor (2009, p. 56).

O autor ressalta que a literarização foi instrumentalizada para naturalizar estereótipos e reproduzir no imaginário social arquétipos preconceituosos de personagens integrados às

regionalidades brasileiras. Cita-se, como exemplo, *Jeca Tatu* de Monteiro Lobato. Jürgen Joachimsthaler, explica ainda que.

Em torno dessas personagens iniciou-se, por volta de 1800, a literarização das regiões: justamente a ‘naturalidade’ real e indisciplinada das figuras, das variações regionais decoradas de forma hesitante do ‘nobre’ selvagem, que se localiza, segundo as cláusulas de classe, ‘em baixo’, no ‘povo’, eram apropriadas, apesar de todas as constantes implicações discriminatórias como representativas personificações do povo, para servir como porta-voz à emancipação burguesa sob as diferentes condições, de região para região, em personagem regionalmente concretizada (2009, p. 46).

Em oposição aos movimentos discriminatórios de representação na literatura nacional, revisões na literatura regional foram realizadas ao longo dos anos considerando como as diversidades regionais eram lidas e retratadas na literatura brasileira, e nesse sentido a “corrente regionalista pode ter caminhado, lentamente e de acordo com o imaginário de cada época, no sentido de uma aproximação maior ao indivíduo marginalizado pelos centros a uma só vez urbanos e simbólicos” (PELINSER, 2020). Assim, a literatura regional, a partir dessas constatações, busca romper com a ideia de regionalismo homogêneo no Brasil, criada ainda no indianismo.

Entender a literatura regional implica observar, analisar e reconhecer as particularidades culturais e sociais das várias regiões brasileiras, que preservam elementos e simbologias que influenciam e moldam as vivências e as relações nessas regiões. A partir disso, compreende-se a literatura regional como uma literatura que vai além da narrativa ambientada em um espaço específico do interior do Brasil, ela enxerga as realidades particulares dos vários cantos do Brasil, que ainda repercutem e preservam as heranças culturais dos espaços regionais, mesmo com os avanços intempestivos da “globalização”, no sentido mais capitalista do termo.

Podemos, é claro, falar de um processo globalizador – e, concomitantemente, regionalizador – hegemônico, aquele envolvido pelos grandes sujeitos que pretendem dar as cartas e definir os rumos do capital financeiro, da especulação em diferentes níveis e da mercantilização generalizada. Em nome de uma lógica individualista-contábil mundial, este movimento propõe de alguma maneira integrar as mais distintas áreas do planeta, “regionalizando” sobretudo na forma que melhor convém às suas estratégias geográficas de circulação, acumulação e dominação (HAESBAERT, 2010, p. 4).

Os movimentos hegemônicos, em todos os campos da produção humana, são sintomas da vida contemporânea em conformidade com os valores capitalistas de venda e consumo das culturalidades como produtos. A lógica da individualidade e da integração global são símbolos da massificação das regionalidades como produtos para consumo que, conseqüentemente,

resulta no apagamento das diversidades cultivadas dentro dos processos de formação identitária e construção das regionalidades.

Nesse sentido, as comunicações de massa instrumentalizam aspectos da regionalidade brasileira em estereótipos que são vendidos para a constituição de simbologias que são internalizadas no imaginário coletivo, criando assim, uma pseudo identificação coletiva com essas simbologias que dissimulam um sentimento de unidade compartilhada (OLIVEIRA, 2017). Que por sua vez, é construída em detrimento de estereótipos que são reproduzidos pelos veículos de massa, como a televisão, que atuam na preservação de imagens historicamente produzidas e encobertas por discursos políticos³.

Tendo em vista as disposições sobre a consolidação dos discursos políticos na literatura brasileira, é importante destacar o papel da construção do imaginário coletivo na reprodução das imagens historicamente relacionadas às regionalidades do país. O imaginário coletivo é uma construção humana, histórica e intrinsecamente relacionada aos discursos políticos vigentes. É o resultado de uma disputa de discursividades que implicam no estabelecimento de registros, imagens, associados a uma região.

As imagens são fruto das repercussões do imaginário coletivo. São a consequência das escolhas que a memória coletiva faz durante as interações sociais no tempo e no espaço historicamente construído. Dessa forma:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo (BOSI, 2003, p. 11).

Nesse sentido, o recorte temporal de aspectos históricos junto com a sobreposição de elementos espaciais feitos a partir dos resgates afetivos, dão contornos à literatura regional (FÉLIX, 2016). Os elementos que constituem a perspectiva regionalista atuam como fatores que embasam as ações das personagens, mediante ao processo de resgate motivado pela interação com esses elementos. É o que acontece, por exemplo, na obra *Relato de um Certo Oriente*, de Milton Hatoum, onde os resquícios do passado dos personagens conduzem a narrativa e o leitor para um universo criativo literário, a partir dos recortes de aspectos

³ Carlos Bagno (1999, p. 59-60), ao se referir às representações de nordestinos na televisão, afirma que “todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, uma caricatura, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não-nordestinos se expressam num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão”.

linguísticos, territoriais, sociais, culturais, políticos e religiosos.

Toda narrativa é, fundamentalmente, temporalidade passada ou presente, sucessão de acontecimentos que ocorrem a um indivíduo personagem, que deve agir num determinado espaço e contracenar com outros personagens. Ao lado disso, por menor, mais frouxo, ou menos incapaz que seja, o discurso narrativo sempre cria, inventa uma representação verossímil de mundo, o que significa que ela expressa também um imaginário e uma mentalidade, ou visão de mundo ou ideologia, esta última no sentido comum do termo (VICENTINI, 2008, p.187).

O estar do personagem literário dentro de uma ambiência e de um tempo configuram, inevitavelmente, a inserção dos elementos regionais dentro da perspectiva narrativa. A consciência espacial e temporal, segundo Albertina Vicentini (2008), é preponderante para o estabelecimento da narrativa regional. Por outro lado, vale ressaltar, também, o discurso de verossimilhança atribuído à literatura regional, segundo a afirmação da autora. Do mesmo modo que a universalização da literatura regional, como fator qualitativo das obras, soa como uma leitura limitada, rasa das obras regionais. O fator verossimilhança, como ponto de partida para uma leitura analítica do texto regional, também evoca uma perspectiva reducionista das obras literárias regionais.

Associar a leitura das regionalidades literárias, a partir de um aspecto centrado no exterior da obra como uma referência para validar a qualidade literária, além de ser mais um subterfúgio para evitar a leitura e o reconhecimento das regionalidades como fortes argumentos narrativos, também cerceia o universo literário estabelecido e reduz as possibilidades de leitura a partir dos elementos intratextuais, pois condiciona a narrativa a uma perspectiva de leitura calcada na pura referencialidade externa.

Observa-se que a recorrência de entraves estabelecidos pela crítica literária brasileira, instituídos historicamente para ler e analisar as produções literárias regionais a partir de imposições que fujam dos aspectos regionais do próprio texto. A universalização e a verossimilhança são apenas alguns exemplos de justificativas que a crítica incorporou, em grande parte, para alçar a um patamar canônico as produções literárias regionais que possuísem qualidades estéticas e narrativas, segundo os ditames acadêmicos.

Dessa forma, cabe entender os aspectos que constituem os elementos regionais na narrativa literária, para assim, compreender a complexidade desse fenômeno na literatura brasileira e partir dele ler as produções regionais que essas narrativas requerem, como espaços culturais que produzem literatura.

Espaços culturais, segundo Joachimsthaler (2009), são espaços de propagação de diversos elementos simbólicos e culturais. São espaços geográficos constituídos por elementos

marcadamente culturais. Sendo assim, a região seria, segundo o autor, a acomodação de elementos e espaços culturais que formam um espaço significativo para os que nele vivem, sendo criados nesses sujeitos o sentimento afetivo de pertencimento ao lugar geograficamente delimitado e culturalmente significativo, seja pela composição simbólica dos elementos culturais preservados, seja pelas manifestações imateriais que a integram na forma da religião, dos ritos e crenças, ou nas manifestações linguísticas particulares da região.

Esses espaços regionais e culturalmente significativos a que a literatura se apoia, trata de espaços abstratos tomados por construções sociais e culturais, e não necessariamente se referem a delimitações espaciais físicas. Por isso, delimitar a regionalidade de uma região a partir das imposições geográficas é um equívoco, uma vez que existem movimentos migratórios que também atuam nas construções regionais e incorrem sobre as formações identitárias. Sendo assim, a regionalidade é um fenômeno em constante processo de ressignificação, subordinado a dinâmicas sociais e culturais coletivas. Seria então, segundo Joachimsthaler (2009), uma região o agrupamento de espaços culturalmente significativos que são usados para a construção identitária de uma população.

Tendo essas perspectivas em vista, as narrativas regionais constituíram, na literatura nacional um movimento de (re)afirmação da literatura brasileira. A partir das disposições sobre as formações identitárias e os espaços culturais que surgem nas narrativas regionais, firmou-se na literatura brasileira fronteiras que dividiam a estética da literatura dita “urbana” das literaturas interioranas, amplamente denominadas regionais por ambientar suas narrativas em espaços outros.

Sobre essa “fronteirização” instituída à “literatura regional”, cabe destacar duas perspectivas que explicam uma espécie de apartar-se na literatura nacional. Criando assim, o termo “literatura regional” para lidar com as produções literárias apartadas das narrativas centralizadoras. Uma está relacionada ao fato de que por tratarem de narrativas fora do contexto urbano, que se buscava fixar como uma ilustração do país, essas produções foram agrupadas em um “casulo” literário separado que procurava atribuir aspectos contrastantes do Brasil, aspectos esses que foram e ainda são diminuídos como representações inferiores do país. Vale destacar que esse discurso é resultante de um movimento nacional de apagamento e negação das narrativas regionais em função de fatores econômicos, sociais e principalmente políticos.

A outra perspectiva, revela que se por um lado a instituição da literatura regional foi um movimento “de fora”, de forças externas a esses contextos regionais, que desejavam alocar essas narrativas em um espaço determinado como forma de validar as literaturas centralizadoras (produzidas no Rio de Janeiro e em São Paulo), por outro lado, existiam

motivações internas das elites intelectuais dessas regiões que, também, tinham por objetivo fortalecer o ideário rústico e rural regionais, como maneira de reafirmar o modelo político e econômico estabelecidos pelos grandes latifundiários, a quem não interessava os possíveis avanços trazidos pela indústria.

Apesar de ser uma literatura com uma importante contribuição social por representar aspectos de valorização da história e da cultura brasileira, a literatura regional é perpassada por valores morais e ideológicos, uma vez que é formada por discursos.

Segundo Durval Albuquerque Muniz Júnior (2011) existiam interesses internos que procuravam fortalecer e preservar as hierarquias de poder de elites rurais. Para isso, a literatura foi usada como forma de reafirmação dos valores quase coloniais investidos por esses grupos. Nesse sentido, foram criadas e repercutidas a figura paternalista do dono da fazenda e a valorização da vida no campo como alusão a uma vida tranquila e oposta às tribulações trazidas pela urbanização.

Assim, o regionalismo retratado na literatura, reflete um espaço construído por discursos e elementos que formam um conjunto significativo para a identidade social desse espaço que reverbera as experiências sociais e políticas vivenciadas historicamente. O discurso valida a espacialidade e o território narrado. A literatura, por meio do discurso, utiliza os símbolos regionais para reivindicar os elementos cruciais para a vida no espaço regional, é o caso do rio na literatura imperatrizense. O uso dessas simbologias direciona o olhar e a percepção do leitor quanto ao espaço que está sendo construído nessa literatura.

Regionalismo é um conceito abstrato para apontar um espaço socialmente construído e repercutido. Sendo assim, qualquer fronteira, seja ela física ou não, é um conceito virtual que ganha corporeidade com a validação do discurso que delimita esse espaço e com o valor das representações que são estabelecidas para atribuir essas delimitações.

Nesse sentido, o sertão é um espaço vivo no imaginário brasileiro realizado por narrativas que, por vezes, colocavam esse espaço como a parte inalcançável do país. Essa distância imposta por fronteiras historicamente construídas, descreve o sertão como o lugar do outro, e essa alocação tem origem em quem promoveu esse discurso. No caso, o conceito do “outro” parte do olhar centralizador do brasileiro da metrópole, que estava sujeito às mudanças provocadas pela urbanização e que visualizava os sertões como o lugar incivilizado, preso ao passado. Entre muitas aspas, o sertão a partir desse olhar estrangeiro em sua própria terra, passou a ser referência do atraso e do distanciamento do país com o futuro.

“desconhecido”, o “longínquo”, o “interior”, o “inculto” (terras não cultivadas e de gente grosseira), numa perspectiva de oposição ao ponto de vista do observador, que se vê sempre no “certo”, no “conhecido”, no “próximo”, no “litoral”, no “culto”, isto é, num lugar privilegiado — na “civilização” (TELES, 2009, p.72).

O sertão, nessa perspectiva, serviu discursivamente para descrever o espaço oposto ao que se desejava para o país. No início, era oposto ao litoral, o lugar onde aportaram os colonizadores e onde os negócios comerciais se estabeleceram. Depois, o sertão foi alçado a esse posto novamente, mas dessa vez em oposição aos avanços crescentes da modernização industrial. De fato, é possível afirmar que o sertão é um espaço de contestação, um lugar “inexplorado em seus mistérios”. Teles (2009), faz um paralelo de como a palavra sertão era abordada em documentos históricos da época da invasão/colonização do Brasil. Dentre as várias constatações, é possível afirmar que a palavra sertão era utilizada para contextos diversificados. Podia se referir a lugares montanhosos, como também, aos interiores áridos, ou simplesmente aos lugares onde os colonizadores não conseguiam chegar.

Nesse sentido, o sertão desde os tempos mais remotos da história do Brasil é o sinônimo mais utilizado para designar o desconhecido. Teles, em sua crítica sobre esse olhar exterior sobre o próprio país, menciona as viagens de Jean de Léry, em que afirma que:

Quando deseja indicar fatos que ocorreram longe da costa não usa a palavra “sertão”, mas expressões como “cerca de vinte léguas pelo interior das terras”, no “mato”, “dentro do mato” e outras sinônimas. Comporta-se como se o olhar do civilizado devesse estar sempre no litoral, além do qual só existem as terras do interior e, portanto, do desconhecido, concepção que vai chegar a Machado de Assis e, de certa forma, a muitos habitantes do Rio de Janeiro na atualidade (2009, p.75-76).

As expansões territoriais realizadas no período colonialista foram imprimindo aos poucos a identidade nacional, com base nas “descobertas” feitas, conforme se adentrava os interiores ainda desconhecidos do país. Esse movimento exploratório criou imagens sobre o que seria o novo mundo ainda misterioso para os colonizadores, e por isso, os primeiros registros descritivos sobre o território recém “descoberto” foram os responsáveis pelas ilustrações que são vistas até hoje quando se busca descrever o Brasil da época.

Nesse sentido, esses registros descritivos foram introduzidos nas primeiras narrativas literárias brasileiras, principalmente no que se refere à percepção espacial do território e dos nativos que ali viviam. Essas primeiras narrativas, classificadas pela crítica literária como pertencentes ao período indianista, buscavam olhar o Brasil pela lente do purismo paisagístico e da ideia de paraíso intocado pelo homem. Essas narrativas, também, corroboraram para uma propaganda externa de território fértil para exploração e colonização estrangeira. Segundo

Sodré, nessa perspectiva de um paisagismo exuberante relacionado à criação literária, destaca-se a literatura de José de Alencar.

Posta sempre em relevo pelos que estudaram sua obra, quer antigos quer modernos, foi a calorosa exaltação da natureza, dessa natureza cuja grandeza descritiva sempre o apaixonou. Um dos comentadores escreveria a propósito: “Acrescia à linguagem o que era indefinível, mas sensível na obra, o perfume que a impregnava, da floresta virgem, a sonoridade das aves agrestes, a atmosfera radiante do trópico; e tudo lhe fazia a alma brasileira, e criava a afinidade da gente nova com o indígena reabilitado na idealização do seu heroísmo. Sentiu-se que havia nascido a literatura nacional”. Ronald de Carvalho, em sua *Pequena História da Literatura Brasileira*, tão cheia de deficiências e de despautérios, ofereceria um juízo que é o juízo comum, vulgar e médio sobre a obra de Alencar: “Seus romances de fundo americanista, incontestavelmente os melhores que produziu, são, para servirmo-nos de um conceito de Chateaubriand sobre *Atala*, “poemas descritivos e dramáticos”, onde a urdidura da intriga é quase sempre um pretexto para pintar a natureza (1984, p.33).

Esse primeiro olhar sobre o Brasil como berço narrativo tinha apoio, principalmente, no aspecto temático. O Brasil como espaço para a ambientação narrativa e criadouro de figuras “ilustrativas”, como por exemplo, o indígena como o bom selvagem. Mas não se cogitava ainda uma linguagem narrativa que buscasse entender, em suas complexidades, o lugar e os sujeitos que estavam sendo formados nesses espaços sob o jugo de aspectos históricos e conflitos que eram vivenciados.

A definição de Brasil ainda era superficial e fragmentada, nessas primeiras produções, e era mais preocupada com a apresentação espacial do que propriamente com uma estética ou uma abordagem narrativa que contemplasse o país em sua diversidade e imensidão.

Perpassando o período indianista de produção, os próximos passos da literatura brasileira foram em direção aos modelos românticos de produção, a partir dos moldes europeus. Nesse contexto, as produções que se preocupavam em abordar as narrativas, em contextos regionais, pareciam apartadas da literatura nacional feita na época. Existia uma literatura regional com a concepção de uma realidade, distante do Brasil que se vivia ou se pretendia divulgar, dos grandes centros urbanos ou que se via espelhado nas literaturas românticas lidas na época. João Cláudio Arendt (2015) afirma que o processo de regionalização da literatura nacional coincidiu com movimentos de nacionalização pós-independência. Se por um lado eram produzidas obras dedicadas a ilustrar os valores nacionalistas, por outro lado também se investia na representação de regiões como “pequenas pátrias”. Essas produções eram apostas do período romântico fundamentadas no exotismo da literatura rural em que “as paisagens, os costumes e os tipos humanos dos quatro cantos do país precisavam impressionar os leitores (urbanos) por suas peculiaridades primitivas e provincianas” (ARENDR, 2015, p. 118).

As produções literárias regionais eram “o outro”, o distante, o subversivo. Sobre isso, Teles diz que “a subversão deste conceito estratificado na língua só foi possível quando o escritor formulou a sua própria linguagem, assumindo-o como circunstância e falando de dentro dele, nele, “Destes sertões” (2009, p.73). A literatura regional tornou-se o lugar da enunciação de uma realidade negada e por isso era somente assumida mediante a ficcionalização. Entretanto, essa regionalidade ganhou forças ao assumir um lugar em que se externava a narrativa, por uma linguagem estética, que destacou as produções regionais, no estabelecimento de diálogos com partes consideráveis da população brasileira excluída historicamente.

Por uma outra chave de leitura, não seria possível indagar se não seria justamente esse o papel do Regionalismo, de estar à margem e falar com e por aqueles que não têm acesso ao centro? Talvez seja lícito pensar o desenvolvimento dessa vertente das letras brasileiras a partir desse lugar marginal, levando-se em conta, é óbvio, a posição culturalmente central dos primeiros autores. Não haveria sentido defender que um homem como José de Alencar estivesse devotado a dar voz ao índio, ao gaúcho, ao sertanejo em uma perspectiva culturalista nos termos atuais (PELINSER, 2020, p.7).

Assim, as produções regionais têm lançado luz sobre as desigualdades históricas que recaíram sobre comunidades regionais em movimentos de apagamento e marginalização culturais. Nesse sentido, as produções literárias regionais, principalmente a partir da primeira metade do século XX, têm buscado “iluminar a condição humana em face da iniquidade e, muitas vezes, da impotência” (PELINSER, 2020, p. 11), provocando assim o estabelecimento de uma literatura engajada, não só com a denúncia social, mas também com o reconhecimento das regionalidades como processos importantes para a formação da identidade nacional.

André Tessaro Pelinser (2020) ainda reflete sobre esses apontamentos críticos relativos ao papel da literatura regional a partir de meados do século XX, destacando que se por um ponto de vista a literatura modernista dos anos 30 discutia os aspectos da tradição regional como possibilidade esperançosa de superação de conflitos, ao enfatizar os fenômenos migratórios, por outro, a literatura contemporânea, remanescente das produções modernistas, “ciente de seus resultados reais, assinala mais um processo abortado” (PELINSER, 2020, p. 11-12). Lidando com as problemáticas não superadas do século XX e observando as regionalidades, a partir de uma óptica crítica e profundamente conectada com os elementos narrativos e discursivos do texto.

Acerca das heranças históricas herdadas pela contemporaneidade, a tematização da regionalidade ainda configura uma problemática nos estudos literários. Maria Luiza Germano de Souza (2013) aponta as divergências teóricas da crítica literária brasileira sobre as narrativas regionais, destacando como o aspecto descritor da região acaba como um fator determinante

para a definição dessa literatura.

Coutinho (1986) usa o conceito de regionalismo emprestando-o de George Stewart (1948). Este escritor discute duas possibilidades de verificação do regional. A primeira é pensada em sentido lato, a região é tomada somente como pano de fundo para outros dramas escolhidos a serem retratados pelos escritores, ou seja, a matéria ficcional são os sentimentos, as aflições, o ser no mundo que cada pessoa assume. Nesse caso, o escritor não privilegia de forma acentuada o espaço onde se desenrolam os conflitos das personagens. Na segunda, o local é usado em sentido estrito. As histórias são narradas em uma dada região e a matéria ficcional é o natural desse lugar: rios, florestas, clima. Esses elementos naturais determinam o viver de seus habitantes e, por conseguinte, a forma de narrar dos escritores (SOUSA, 2013, p. 46-47).

De fato, a forma reducionista a que a constatação de uma literatura regional se estabelece segundo as disposições observadas pela autora, mais uma vez recaem sobre características genéricas e conteudistas das narrativas regionais. A utilização da regionalidade como simples pretexto narrativo, sem considerar esse espaço como um lugar de reflexão e discussão de elementos literários, históricos, geográficos, sociológicos e culturais, ajudaram na consolidação de estereótipos sobre as produções literárias regionais.

O menosprezo “científico” ou do saber dominante, “qualificado”, pelos saberes subalternos, “dominados”, acaba por desqualificar e mesmo ignorar formas de conhecimento amplamente difundidas através de “categorias da prática” – entre as quais, sem dúvida, encontram-se região, regionalismo e, de certa forma, também, ainda que menos difundida com este termo, regionalidade (HAESBAERT, 2010, p. 13-14).

Com relação às obras regionais fundamentalmente descritivas, que buscavam retratar os Brasis dos sertões e dos interiores, a obra de Euclides da Cunha, *Os sertões*, trouxe para o campo dos estudos literários discussões importantes sobre como os discursos políticos e sociais eram tratados nas produções literárias nacionais e como a linguagem era construída nessas produções. Euclides da Cunha faz um relato sobre os conflitos que assolavam o nordeste brasileiro, em uma época em que pouco se sabia e se procurava saber sobre essa região. A narrativa euclidiana mescla a linguagem literária com a jornalística e a científica. Para Oliveira (2002) a obra de Euclides da Cunha se divide segundo o modelo estabelecido por Taíne, em raça, meio e momento. Visto na narrativa euclidiana como terra, homem e luta, onde “pode-se perceber claramente a proximidade intertextual entre esses pressupostos científicos” (2002, p. 519).

Em *Os sertões*, temos a exposição de discursividades que refletem a mentalidade da época sobre os sujeitos e os espaços que integravam os sertões nordestinos. Apesar de lançar luz sobre as problemáticas que a guerra trazia e as demais situações de desamparo e abandono

a que o sertão nordestino estava submetido, também, é inegável que as leituras atualizadas e as consequentes revisões da narrativa de *Os sertões* abriram caminhos sobre as próprias discursividades que constituem a obra. O determinismo e a visão eurocêntrica de superioridade intelectual, por exemplo, são pressupostos presentes na narrativa euclidiana.

Euclides enfatiza que haveria no meio físico brasileiro enorme variabilidade climática, heterogeneidade que, seguindo preceitos deterministas de autores como Henry Buckle, refletia-se em populações com fisiologias diferenciadas. O calor úmido amazônico, por exemplo, "deprime e exaure", resultando em indivíduos marcados por uma "evolução regressiva", portadores de "máxima energia orgânica, (e) a mínima fortaleza moral" (idem, p. 92). Já no sul do país prevaleceriam melhores condições climáticas. Tal contraste mesológico estaria intimamente associado à composição étnica. No norte o clima dificilmente permitia a aclimação de "tipos superiores", como os europeus, daí porque o elemento predominante ser o "selvagem bronco". Já o clima do sul, por vezes semelhante ao europeu, favoreceria a aclimação das "raças superiores". Teria sido justamente neste meio menos adverso onde teve origem o "paulista", que Euclides caracteriza com adjetivos como "autônomo, aventureiro, rebelde, libérrimo, com a feição perfeita de um dominador da terra (SANTOS, 1998, p. 4).

De fato, obras como *Os sertões* se somam como produções importantes para o reconhecimento de aspectos importantes sobre os interiores brasileiros e as regionalidades que marcam esses lugares. Na literatura descritiva que buscava retratar e relatar essas regiões, foram produzidos acervos importantes das expressividades culturais substanciais para o entendimento dessas regiões em sua época de produção, e ainda o são para os pesquisadores contemporâneos que desejam estudar historicamente essas manifestações, bem como, compreender como os discursos da época transmitiam as manifestações culturais regionais.

As produções descritivas, e demais literaturas produzidas no período indianista, por exemplo, estabeleceram as primeiras leituras e retratos das regiões brasileiras. Mesmo que permeadas por discursos problemáticos, esses ainda são importantes materiais de estudo para compreender a formação da literatura brasileira, e, portanto, trouxeram os primeiros contatos com os regionalismos brasileiros.

Dentre as problemáticas relativas à ação discursiva dentro das narrativas regionais, a postura centralizadora e colonizadora de figuras patriarcais são recorrentes e projetam o contraste entre o espaço regional, lugar do passado, e a urbanização dos centros urbanos, presságios do futuro moderno e próspero.

Litoral e sertão iniciam o diálogo. Um interlocutor, o do litoral recém-chegado, dominador, se percebe cheio de direitos, portador de superioridade. O litoral é condição de existência do sertão. Instituído a partir de um rico imaginário, a idéia de sertão se constrói e só adquire sentido no jogo de oposição. Essa dicotomia impõe ao sertão a condição de barbárie – terra de homens rudes, brabos e violentos, de terra

inóspita, avessa às regras da moral e dos bons costumes. A cidade, quando instalada em pleno sertão, significava a chegada do litoral inovador àquelas plagas. Até hoje tem uma carga simbólica muito forte de farol, de luz plena da sabedoria que ilumina e irradia a vida. A literatura clássica das ciências humanas denomina a cidade mais distante do litoral como “boca do sertão”. Depreende-se que o anteriormente sertão, deixa de o ser com a chegada da cidade. Com ela, desfruta-se dos ares civilizados do litoral O sertão agora passa a ficar mais adiante (SILVA, 2006, p. 45).

Essa dicotomia entre passado e futuro, urbano e rural, regional e universal, se presentifica ainda hoje nas produções regionais. Bem como, também, são resultados de complexos processos hierárquicos e colonizadores que constituem as formações políticas e sociais das regiões brasileiras.

Ao observar a formação dos estados nordestinos vê-se um movimento hierárquico entre os litorais e seus interiores, por exemplo. Por uma questão logística, os litorais foram espaços privilegiados em relação aos outros lugares que integravam as regiões dos estados nordestinos. Com o estabelecimento nas proximidades do mar, em decorrência da viabilização de transações comerciais, as produções intelectuais e literárias produzidas nesses estados foram centralizadas em suas capitais litorâneas.

A civilização ocidental alcançou o Brasil pelo litoral. O projeto colonizador português no início fixou suas bases em bolsões de negócios o que resultou num colar de cidades ao longo do litoral. Os balcões nada mais eram que as feitorias, de forte caráter explorador. À medida que adentrava o território aumentava a pauta de exploração de drogas, madeiras, minerais descobertos e trazidos até os portos incipientes (SILVA, 2006, p. 45).

Dessa forma, as elites comerciais, intelectuais e políticas estabeleceram seus poderes nessas localizações e, por isso, essas capitais se firmaram como detentoras de poderio comercial, político e cultural. Logo, eram as responsáveis por ditar modelos literários para o “resto” da região, modelos esses espelhados nos valores europeus que eram valorizados pelas figuras de poder, nas capitais.

O “resto”, nesse sentido, era constituído de uma imensidão territorial escondida nas profundezas desses estados. (Re)descobertos aos poucos, os interiores brasileiros tornaram-se espaços dependentes financeira e politicamente às suas capitais, e no que se refere aos espaços de produção culturais e literários, comumente, foram excluídos de suas próprias narrativas ao serem projetados nacionalmente, segundo o olhar estrangeiro do “outro” no seu próprio território.

Fazendo um breve comparativo histórico entre São Luís, capital do Maranhão, e Imperatriz, segunda maior cidade maranhense localizada no interior do estado, São Luís possui

um acervo histórico e literário muito ligado aos padrões estéticos europeus, em decorrência da presença de portugueses, franceses e holandeses na cidade, no período da colonização. A cidade, aliás, tem o título informal de “Atenas brasileira”, em virtude dessa conexão com uma estética eurocentrada, e por isso a literatura ludovicense termina tendo maior projeção nacional. Por outro lado, o processo de desenvolvimento da literatura imperatrizense demorou muitas décadas para acontecer, tendo seus primeiros exemplares produzidos na cidade só a partir da década de 70 e maior produtividade na década de 90. Além disso, todo o processo de construção da literatura imperatrizense foi muito artesanal e contou quase que exclusivamente com o engajamento dos envolvidos nesse processo, autores, professores e intelectuais da região, tornando o alcance dessa literatura mais tímido, principalmente em comparação com a produção literária ludovicense.

Em vista de todas essas considerações podemos enxergar o processo hierarquizador que se instalou nas percepções sociais referentes a regionalidade do Brasil, como um processo estruturante. A centralização do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, que monopolizava, e em certa desmedida, ainda monopoliza as produções artísticas e literárias no país, encobre/ia expressivas produções culturais e literárias nordestinas que, mesmo com acervos literários de reconhecida qualidade, não tinham/tem espaço ou protagonismo na conjuntura política e social a que o país se constituía/constitui.

Dessas reflexões surgem, na contemporaneidade, discussões importantes e necessárias sobre uma compreensão mais ampla e diversificada acerca da construção da literatura nacional, em vista do reconhecimento das literaturas regionais como produções que agregam novas perspectivas sobre a formação identitária e literária do Brasil. Bem como, presentifica escritas outras sobre personagens, espaços, narrativas dos mais extensos e variados cantos do país.

Portanto, entender a complexidade da literatura brasileira, é abrir caminhos para ressignificar aspectos dessas produções, considerando os fatores externos a ela, como, também, a influência dos discursos e das dinâmicas históricas na construção dessas narrativas regionais. Dessa forma, “a “literatura brasileira”, então, é um conceito problemático, que merece maior aprofundamento por parte da crítica literária de modo a compreender esse qualitativo de nacionalidade em face da reconfiguração da própria noção de nação” (MATA, 2010, p. 122).

Mesmo em face do ideal de pluralidade cultural que compreende a reconfiguração de nação proposta por Mata (2010), a construção de uma certa unidade nacional por meio de suas produções é inevitável, pois como afirma Stuart Hall (2006, p. 59), “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e

grande família nacional”. Nesse sentido, em uma leitura revisionista da literatura brasileira se considera a diversidade das narrativas e as dimensões culturais que integram o país como bases da formação literária brasileira.

Partindo de uma perspectiva contemporânea de ressignificação da literatura brasileira em vista das revisões históricas sobre essas produções, a literatura regional se firmou e se firma na construção de narrativas fortemente sustentadas pelo ensejo de redescobrir as possibilidades da literatura nacional pela diversidade cultural. Um exemplo importante dessa literatura, voltada para as narrativas regionais, são as produções literárias do autor amazonense Milton Hatoum. Apesar das divergências do próprio autor com relação à classificação de literatura regional associada a suas produções, divergências essas surgidas dos estereótipos reducionistas impostos à literatura regional, sua literatura tem apontado outras perspectivas de leitura e crítica quanto aos elementos regionais na sua narrativa literária.

Hatoum sem dúvida consolidou uma vertente na narrativa brasileira antes timidamente representada. Uma explicação para a popularidade da literatura de Hatoum encontra-se na convergência entre um certo regionalismo sem exageros folclóricos e o interesse culturalista na diversidade brasileira (SCHOLLHAMMER, 2009, p.87).

Assim, esse interesse pelos fenômenos culturais em consonância com a construção da narrativa literária, a partir da consolidação de perspectivas de leitura mais comprometidas com a multiplicidade dos aspectos literários, tem oportunizado a produção e a visibilidade de “literaturas regionais”. Essa tendência ainda possibilita a compreensão da tradição regional considerando as mudanças empreendidas historicamente dentro dessas estruturas tradicionais.

André Tessaro Pelinser (2020) reflete sobre isso, ao ressaltar que os conflitos originados nos processos repressivos e reducionistas, historicamente convencidos a literatura regional, impedem a compreensão das transformações da tradição dentro da literatura. A leitura estanque, imobilizada pelo pensamento unilateral, cria a falsa sensação de que a literatura regional dialoga apenas com o passado, impressão essa causada pela ausência de leituras profundas sobre as regionalidades que constituem a literatura regional. Assim, as produções literárias regionais, sejam as contemporâneas, as modernistas, ou ainda as românticas, possuem aspectos narrativos de grande relevância para os estudos literários, que precisam ser revisados e lidos a partir de perspectivas pluriculturais que compreendam essa literatura como produções ressonantes, tanto em sua época de produção, como no tempo em que é lida e estudada. Pelinser ilustra esse argumento tomando a literatura de Guimarães Rosa como exemplo, ao afirmar que:

Nesse processo, a novidade é enrijecida em padrão e subsumida pelo discurso historiográfico, que procura apreendê-la a partir das categorias existentes e com isso por vezes falha em perceber os processos de transformação da tradição. Assim, parte da renovação proposta pela ficção de Guimarães Rosa tem quedado silenciada nos estudos críticos, que ainda hoje têm tido dificuldades para identificar as ressonâncias da obra do escritor mineiro na literatura de seus pares, mesmo quando estes a anunciam em entrevistas e congressos, o que tem mascarado certas mutações da tradição regionalista” (2020, p.5).

Tendo essas perspectivas em vista, a tradição é o resultado de intensos processos interacionais entre sujeitos dentro de uma coletividade, que considera os aspectos do misticismo, da espiritualidade e das formações históricas e sociais na construção dos costumes da tradição transmitidos geracionalmente, e por isso, são processos que sofrem transformações no tempo e no espaço. Assim, a construção da tradição na literatura também é influenciada por essas interferências e pelos discursos que se consolidam dentro dos processos de construção regional na literatura.

Os discursos que circundam a organização dessas produções coletivas são compreendidos em construções imagéticas instituídas e propagadas pelo imaginário coletivo. A imagem é a consolidação da memória e a memória é a atividade geradora da imagem e dessa relação de reciprocidade pode-se inferir que “a imagem não é o suporte, mas o resultado”, (PELINSER, 2012, p. 232- 233). Assim, a constituição imagética que ressoa nas narrativas literárias regionais são produções da memória coletiva, projetadas a partir do sentimento afetivo, que denota uma coletividade em uma região.

Dessa forma, a memória na construção das imagens que são apresentadas nos textos literários evoca os aspectos da identidade e da afetividade com o espaço e com as relações humanas estabelecidas. No entanto, é importante destacar que as imagens realizadas na literatura regional, também, são frutos de discursos que são responsáveis por visibilizar e internalizar, no imaginário social, certas construções imagéticas dispostas a complementar a ação de discursos dentro e fora das narrativas literárias. Isso significa dizer que a projeção de imagens amplamente difundidas pela literatura nacional, acerca da regionalidade brasileira, por um viés unilateral, ajudou no projeto de homogeneização dessa regionalidade e, como consequência, corroborou para o fortalecimento da criação e da disseminação dos estereótipos regionais.

Considerando essas reflexões, vale ressaltar a existência de memórias em diálogo com uma diversidade de imagens que compõem as múltiplas regionalidades da literatura brasileira. Ainda que os intensos processos de homogeneização da identidade nacional tenham influenciado as narrativas literárias, dentre outros motivos, negar essa diversidade, atribuindo

determinadas nomenclaturas e classificações a essas produções, na tentativa de fugir das limitações convencionadas a literatura regional (PELINSER, 2012).

Dessa forma, as discursividades, a memória, as formações identitárias e o complexo jogo de construção das regionalidades se condensam dentro das narrativas literárias regionais, na consolidação de uma literatura robusta para os estudos literários, em vista das diversidades culturais e sociais que a estruturam. Nesse sentido, a literatura regional cria pontes de diálogos com, também, uma diversidade de sujeitos que visualizam suas memórias e afetividades nas tramas, nos conflitos e nas personagens que habitam essas narrativas.

3 TRAÇADOS NARRATIVOS

Filho

Sou mesmo feito
essa mangueira.

Que olha o rio
como se fosse sua própria fruta
(Zeca Tocantins)

Nas tramas que tecem a literatura imperatrizense, percebe-se que são vestígios da memória e das vivências que persistem em se presentificar na história da cidade e dos que dela herdaram os costumes, os falares e as reminiscências⁴ dos tempos que se fizeram permanentes por gerações.

A memória é um fenômeno de ordem coletiva que influi nas construções individuais dos sujeitos, tendo em vista que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2004, p. 30). Nas narrativas literárias regionais a memória é um recurso recorrente, uma vez que o retorno a acontecimentos passados e o apelo à memória, para a condução narrativa/poética, são elementos historicamente atribuídos às narrativas regionais. O diálogo com o passado e com o recobrar da memória são argumentos importantes para as construções literárias regionais. Isso significa dizer que o tempo e o espaço são explorados segundo as elaborações históricas e coletivas a que os espaços regionais estão condicionados por seus sujeitos e territórios discursivos.

Nessa literatura, portanto, há uma estreita vinculação entre memória, história e ficção, construída à medida que os romancistas escrevem a partir de suas próprias memórias individuais, de suas memórias familiares, da memória social e de um trabalho de pesquisa de arquivos, em alguns casos invejável até ao mais experiente historiador de ofício. Destrinchar essa relação entre História, Memória e Literatura é inquirir também sobre a relação entre ficção e realidade, uma realidade teimosa que as aspas não conseguem exorcizar (CORMINEIRO; MEDEIROS, 2016, p.125).

⁴ O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos nos momentos e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. Passados importantes que compomos para dar sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes (THOMSON, 1997, p. 57).

A memória, nesse sentido, é um argumento importante para o desenvolvimento narrativo das produções literárias regionais considerando a possibilidade de trabalhar, por meio do recobrar da consciência histórica, perspectivas narrativas e sociais relevantes para as construções coletivas.

Na construção das narrativas literárias imperatrizenses o passado é recorrente ao estabelecer pontes de identificação e diálogo com o tempo e o espaço histórico da cidade. A cidade construída aos arredores do Rio Tocantins preserva as marcas das transformações físicas e sociais provocadas pelo trânsito intenso de pessoas e comércio que firmaram Imperatriz como a segunda maior cidade do estado do Maranhão, e um importante pólo de desenvolvimento comercial do sul do estado, denominada com o Portal da Amazônia. Segundo a Enciclopédia de Imperatriz:

O título de “METRÓPOLE DA INTEGRAÇÃO NACIONAL” deve-se à localização estratégica do município, à existência de multimodalidade de transportes e de como tudo isso torna Imperatriz sede de um centro de logística de movimentação de cargas e passageiros (2003, p. 27).

Se por um lado o cenário econômico favorável para desenvolvimento do comércio e da indústria passou a ser um aspecto de referência da cidade, por outro, a preservação da vida ribeirinha e do cotidiano interiorano em diversos setores da vida pública demonstram que Imperatriz é uma cidade de contrastes explícitos entre a urbanização e suas consequências para a vida coletiva e a conservação da tradição e dos hábitos populares internalizados socialmente como expressões das manifestações culturais da região.

A partir dessas disposições, faz-se necessário compreender a região como um organismo vivo no tempo e na história, materializada em um espaço físico e em intenso processo de troca e diálogo com as materialidades e representações identitárias e culturais de outros espaços (HAESBAERT, 2010). Nessa perspectiva, a região é uma representação das concretudes das relações históricas e sociais, ao mesmo tempo em que, também, é constituída de abstrações que consolidam as relações entre os sujeitos em pactos sociais formadores da identidade cultural regional.

[...] Desta forma, qualquer análise regional que se pretenda consistente (e que supere a leitura da região como genérica categoria analítica, “da mente”) deve levar em conta tanto o campo da produção material quanto o das representações e símbolos, ideais, tanto a dimensão da funcionalidade (político-econômica, desdobrada por sua vez sobre uma base material-“natural”) quanto do vivido (simbólico-cultural, mais subjetivo) – em outras palavras, tanto a coesão ou lógica funcional quanto a coesão simbólica, em suas múltiplas formas de construção e desarticulação – onde, é claro,

dependendo do contexto, uma delas pode acabar se impondo sobre – e refazendo – a outra (HAESBAERT, 2010, p.17).

A região, assim, torna-se um sujeito discursivo constituído de muitas vozes surgidas no tempo e na história, responsáveis por construir o espaço regional como uma representação enunciativa. Nahum (2012) em seu estudo sobre a representação do espaço amazônico com os Planos de Desenvolvimento da Amazônia (PDAs), analisa a região como um discurso que se sobrepõe sobre as individualidades do homem. Segundo ele, os discursos firmados sobre a região amazônica consideram um processo de silenciamento dessas individualidades em detrimento às dinâmicas coletivas de formação dos enunciados da região.

Natureza, espaço e homem, não há dinâmica socioespacial, pois aquele os seres humanos que a deveriam construir foram representados como população e número. Nesses discursos, não há seres humanos para fazer a história, quem faz é a região. Elucida-se, por esse meio, a função enunciativa do tema região nos enunciados dos PDAs: ele consubstancia os silenciamentos do homem no tema natureza, no tema espaço e no tema homem objeto. A região, por esse meio, torna-se sujeito, como se as relações entre classes e segmentos sociais fossem relações entre lugares; posto que aquele encarregado de desenhar a história ficou silenciado em números e numa concepção física de espaço e de natureza enquanto despensa (NAHUM, 2012, online).

A região enquanto enunciado, pela perspectiva de estudo de Nahum (2012), é um emaranhado histórico de polifonias⁵ que agem sobre o espaço regional, e que nem sempre são representadas nos documentos escritos em sua diversidade. A variedade de vozes que integram o espaço regional, por vezes, são silenciadas nos registros oficiais e não oficiais em função de narrativas de poder que ocupam os espaços de discussão e visibilidade.

Nesse sentido, a literatura configura um espaço tanto de discussão das narrativas unilaterais, como da apresentação da diversidade de olhares e realidades vividas dentro da região (SOUZA, 2013). A linguagem e estética literária possibilita a reflexão sobre os jogos enunciativos criados pelos discursos de poder nos contextos regionais, além de ser espaço de acolhida de “outras” narrativas sobre as relações e as representações sociais e culturais do espaço regional.

Apesar de constituir um espaço delimitado geograficamente, a literatura imperatrizense compreende uma extensão territorial regional que ultrapassa os limites impostos pela geografia. As interações sociais estabelecidas com os municípios vizinhos e demais territorialidades que dialogam com os costumes da cidade, e outras espacialidades compartilhadas pelos sentimentos

⁵ A polifonia é um termo originado da música que diz respeito àquilo que transita nos textos e mostram uma diversidade de vozes, bem como visões de mundo diferentes (HAERTER; LIMA; ROSTAS, 2017, p. 143).

de pertencimento e identificação, fazem com que a regionalidade manifestada na literatura imperatrizense seja compartilhada com os territórios que integram a “região tocantina”, também conhecida como a região do Bico do Papagaio.

A primeira, Microrregião do Bico do Papagaio é uma determinação política para fins administrativos, recorte que considera o extremo norte do Tocantins com 25 municípios. A segunda regionalização, Norte do Tocantins, com 37 municípios procura inserir um maior número de municípios, já que a intenção deste recorte busca considerar as relações de fluxos na produção e no consumo entre os municípios. A regionalização criada pelo governo federal, Mesorregião Diferenciada do Bico do Papagaio, incorpora tantos municípios do estado do Tocantins, como dos estados do Maranhão e do Pará. São 66 municípios que partilham características políticas, econômicas e até culturais semelhantes (ALMEIDA, 2015, p. 4432).

A região do Bico do Papagaio compreende os muitos municípios que integram parte dos estados do Pará, Maranhão e Tocantins, tendo em vista as relações políticas, econômicas, e sociais construídas historicamente entre esses espaços. A região do Bico do Papagaio concebe um espaço de interação entre uma diversidade de realidades e construções identitárias que dialogam e compartilham sentimentos afetivos com as memórias repercutidas dentro desses espaços de comunicação. Dessa forma, “é arriscado definir um espaço regional, uma região, com tantas variáveis existentes no espaço contemporâneo” (ALMEIDA, 2015, p. 4432-4433), considerando a complexidade das construções regionais e a multiplicidade de realidades e experiências vividas nas muitas regiões que compõem a região do Bico do Papagaio, e que por sua vez, influenciam as relações sociais dos municípios que integram o sudoeste maranhense.

Mediante a isso, cabe entender que a denominação do Bico do Papagaio é uma consequência de dinâmicas políticas, e que essa denominação não sugere uma homogeneidade regional, mas sim uma compreensão administrativa das similaridades políticas e econômicas que existem entre esses municípios. Nesse sentido, a concepção homogênea sobre a região tocantina desqualifica as construções sociais e históricas dos municípios que a integram. “Outro erro corrente seria a negligência ao aspecto cultural” (ALMEIDA, 2015, p. 4433), que inviabilizaria a diversidade narrativa e cultural dos muitos espaços regionais existentes nessa denominação.

O que existe então são regiões que desenvolvem no interior das suas relações, discursos e práticas que são reconhecidas pelos os sujeitos como traços característicos de suas construções coletivas e identitárias dentro dos limites do que é entendido como seu município, ao mesmo tempo em que essas características são produtos de diálogos realizados com discursos exteriores ao localismo do município. Nesse sentido, é constituída uma relação de reciprocidade entre

esses espaços em que as dinâmicas culturais e sociais, criadas no interior de cada município, influenciam e são influenciadas pelos discursos que circundam a região tocantina.

Em vista dessa discussão, a cidade de Imperatriz estabelece diálogos com os demais espaços regionais que fazem parte da microrregião do Bico do Papagaio, e sua literatura realiza a materialização dos discursos que agem sobre a cidade em consonância com o contexto de integração regional proveniente da região tocantina. Nessa perspectiva, Imperatriz se apresenta como um importante polo regional econômico e cultural⁶ que centraliza as atividades sociais compreendidas na interação com os municípios e comunidades da região tocantina e da microrregião do Bico do Papagaio. A literatura, nesse sentido, é um instrumento de fortalecimento da cidade enquanto discurso. Acerca disso, Silva e Jerônimo explicam que:

A ideia de que a sociedade pode ser sintetizada como organismo vivo e coeso, sob a forma de nação, estado ou comunidade, evidencia uma postura que não se percebe enquanto agente de transformação, capaz de potencializar seus projetos pessoais de vida. O termo cidade impõe cadência própria: a linguagem que a personifica é uma estratégia de poder (2011, p. 440).

A literatura, em uso das experimentações da linguagem, repercute e discute as construções sociais e coletivas, reflexos das internalizações da ação discursiva sobre a perspectiva literária. Sob esse contexto, a Literatura Imperatrizense tem em seus registros contrastes interessantes que se relacionam com os aspectos da vida pública da cidade. A abordagem desses aspectos ocorre a partir do despertar da memória afetiva, no sentido de recobrar a existência da cidade em conflito com as problemáticas das relações políticas e sociais. Dessa forma, a reconstituição, por meio do despertar da memória afetiva, de espaços já inexistentes ou destruídos pelos inevitáveis avanços do tempo é uma temática recorrente na literatura imperatrizense, principalmente na poesia.

⁶ O trabalho local depende das infraestruturas localmente existentes e do processo nacional de divisão do trabalho nacional. Os segmentos locais da configuração territorial do país condicionam o processo direto da produção, sua demanda em mão-de-obra, tempo, capital. O trabalho nacional, isto é, as grandes escolhas produtivas e socioculturais, implica uma repartição subordinada de recursos, oportunidades e competências e a submissão a normas geradoras de relações internas e externas.[...] São as cidades locais que exercem esse comando técnico, ligado ao que, na divisão territorial do trabalho, deve-se à produção propriamente dita. Cidades distantes, colocadas em posições superiores no sistema urbano (sobretudo as cidades globais), têm o comando político, mediante ordens, disposição da mais-valia, controle do movimento, tudo isso que guia a circulação, a distribuição e a regulação. [...] Afirma-se, ainda mais, a dialética do território, mediante um controle "local" da parcela "técnica" da produção e um controle remoto da parcela política da produção. A parcela técnica da produção permite que as cidades locais ou regionais tenham um certo comando sobre a porção de território que as rodeia, onde se realiza o trabalho a que presidem. Este comando se baseia na configuração técnica do território, em sua densidade técnica e, também, de alguma forma, na sua densidade funcional a que podemos igualmente chamar densidade informacional (SANTOS, 2006, p. 184-185).

A memória dentro desse panorama de construção narrativa, para além de constituir um diálogo com o passado histórico da cidade, também é uma via de reconstrução desse passado em face dos conflitos do tempo presente, “a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993, p. 9). Sendo assim, a memória literária é uma forma de fortalecimento da identidade cultural da cidade, a medida que o sentimento de pertencimento construído entre leitor e obra contribui para a consolidação da narrativa como um processo dialógico e importante para a representação da regionalidade de Imperatriz enquanto território discursivo compreendido nas dimensões da região tocantina.

Podemos, portanto, dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 205).

A memória como referencial para a narrativa imperatrizense também é a manifestação das identidades coletivas realizadas em processos constantes de interação cultural entre a cidade e os recorrentes visitantes que se estabeleceram por aqui, bem como também com os demais territórios do Bico do Papagaio que exercem influência sobre a cidade. Nesse sentido, podemos inferir que “Por identidades coletivas, estou aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo [...] o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência.” (POLLAK, 1992, p. 207). É importante destacar que o sentimento de unidade sugerido por Michel Pollak não necessariamente se refere a uma homogeneidade, mas sim, aos eventos que corroboram para a construção da cidade como um espaço de produção das manifestações culturais e literárias em diálogo.

A repercussão da Imperatriz do passado, seguida dos contrastes pertinentes às mudanças significativas provocadas pelos movimentos de urbanização e massificação, tornaram a memória uma via de preservação dos laços afetivos com os espaços socialmente construídos e coletivamente compartilhados. A memória coletiva funciona, nessa perspectiva, como mecanismo de contestação das dinâmicas de modificação dos espaços. Como apontamento, ressalta-se o poema *Bicicleta cargueira*, do poeta imperatrizense Julio Cesar Pires:

um sentimento sim aquilo
era um sentimento
pequeno até mas que foi
esticando os dedos pra

abrir a porta pro vento
 o padeiro atravessando seus cestos
 de um lado ao outro da rua
 o cheiro de coentro e cebolinha
 na bacia de alumínio
 o asfalto nos pneus dos carros
 a cor dos uniformes das crianças
 as senhorinhas aguando as plantas
 do nada a gente perdia
 os movimentos e tudo
 tudo mesmo
 até a bicicleta cargueira
 era um sentimento

Em decorrência desses processos de (re)existência do passado surgem na literatura imperatrizense temas recorrentes, principalmente os que referenciam a historicidade e importância dos espaços naturais. Por isso, a presença dos riachos que cortam a cidade e as interações com o rio Tocantins, elementos simbólicos e representativos da cidade e região são constantes na literatura de Imperatriz.

A presença dessas temáticas é incorporada na literatura em virtude da força representativa dos espaços naturais para a vida pública. O vínculo com a memória do lugar ainda não importunado pelas modificações industriais e demais ações humanas é a reconstrução de um estágio original da cidade.

O apego por esse tempo primeiro em que os conflitos vigentes nesse passado são apagados da memória coletiva fazem parte de um processo de seleção, na qual “Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.” (BERGSON, 1999, p. 15). Esses recortes que são herdados pela memória coletiva e reproduzidos no tempo são resultados de pactos socialmente estabelecidos por fatores políticos e sociais materializados nas manifestações culturais e artísticas.

Acerca da memória coletiva, Michel Pollak afirma que: “A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa” (1992, p. 204). Assim, a memória produzida dentro de uma coletividade em interação também é herdada nos tempos que se sobrepõem sobre essa memória.

Essa herança se refere também aos processos sociais que estruturam e firmam imagens/representações capazes de identificar e provocar a identificação do sujeito mediante ao contexto social a que pertence, dessa maneira, “Enfatizar o caráter relacional e contextual dos processos sociais permite reconhecer a complexidade, a polissemia, a fluidez e a relacionalidade dos fenômenos humanos e culturais” (FREURY, 2003, p. 31). Como

consequência da dinâmica de relação entre o contexto e as relações sociais, o sentimento de pertencimento tem origem, principalmente, na repercussão pessoal e coletiva que as imagens representacionais têm sobre as vivências e as construções pessoais dos indivíduos em consonância com o estabelecimento da história coletiva do lugar.

Nessa perspectiva, a memória está intrinsecamente relacionada à formação dos processos identitários, uma vez que além de provocar o retorno aos lugares que a consciência coletiva busca preservar, também contribui para a elaboração de imagens que atuam na representação da região.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 205).

Nesse sentido, as construções imagéticas que são realizadas a partir da consciência coletiva elaborada historicamente pelos sujeitos nos espaços regionais, entende que “Sendo uma construção social, a memória é, em parte, modelada pela família e pelos grupos sociais. Vale dizer, a memória individual se estrutura e se insere na memória coletiva” (SILVA, 2002, p. 427). Assim, existe uma relação de reciprocidade entre os processos que estruturam os mecanismos da memória coletiva, tendo em vista que as relações pessoais/familiares exercem influência sobre a memória produzida coletivamente, ao mesmo passo em que essas mesmas relações pessoais são fruto das reverberações das dinâmicas coletivas vivenciadas em sociedade. Como exemplo, cita-se o poema-canção *Imperador Tocantins*, do músico-poeta Carlinhos Veloz.

Do lado daquela cidade existe um rio...
 De eternidade, amores e barcaças e barrancas e capins
 Tucunaré, piau e o matagal que é sem igual
 Riacho do cacau, a desaguar no Tocantins
 Toca essa água, toca essa mágoa
 Toca e deságua, Tocantins
 E quando é noite enluarada
 A água toda prateada traz a menina para o Tocantins
 E tudo então se faz canção as cordas de um violão
 Nas mãos de um poeta lá no Tocantins
 Toca essa água, toca essa mágoa
 Toca e deságua, Tocantins
 E os nobres filhos da princesa
 Frutos da mãe natureza cheios de beleza vão pro Tocantins

A tarde cai e o sol se vai, ó deus do céu abençoai
O imperador da Imperatriz do Tocantins.

Consequência do retorno reflexivo sobre as experiências sociais e sobre a repercussão dessas experiências sobre as vivências pessoais da infância à juventude, que a literatura imperatrizense apresenta em muitos textos, tanto em prosa quanto em poesia, uma tendência pela escrita memorialística ao abordar as vivências individuais a partir dos aspectos da cidade na presença das simbolizações da paisagem ou mesmo nas referências aos costumes, falares e hábitos construídos pelos imperatrizense em um passado que se faz ainda muito próximo e presente na memória e na afetividade de quem escreve e ler as produções literárias da cidade.

Sendo uma característica tão proeminente nas produções da cidade, o argumento da memória é recorrente na literatura imperatrizense, principalmente na poesia. A exaltação à “Princesa do Tocantins”, por exemplo, destaca a ligação da cidade com os aspectos simbólicos e históricos relacionados ao rio Tocantins, além de abordar e ambientar os costumes da regionalidade ribeirinha e dos interiores da região tocantina. É interessante salientar a função dos discursos de poder na articulação das simbologias da cidade. O título de “Princesa do Tocantins” dado à cidade de Imperatriz, aqui já mencionado, é resultado de discursos políticos que foram internalizados no consciente coletivo da cidade e reproduzido pela história como a comprovação dos avanços da cidade de Imperatriz em detrimento aos outros municípios da região tocantina.

Segundo o advogado e escritor Agostinho Noletto, nascido em Carolina (MA), até a década de 1950 o título de “Princesa do Tocantins” pertencia originalmente à sua cidade. Com efeito, Carolina se destacava no conjunto dos municípios da zona do rio Tocantins. [...] Depois do caminho das águas, o caminho de chão batido, piçarrado e, depois, asfaltado. Imperatriz estava nesse caminho. Carolina não. O traçado da rodovia Belém-Brasília distanciou-se dela. [...] Imperatriz começou a se organizar, a se tornar mais bela e graciosa, para o salto do progresso que efetivamente chegou. Com ele, o título de “Princesa do Tocantins” - que igualmente, e involuntariamente se transferiu para cá. E ficou (ENCICLOPÉDIA DE IMPERATRIZ, 2003, p. 44).

O destaque dado a esses aspectos da vida imperatrizense nas obras literárias da cidade revelam um recorte temático que se repete com certa regularidade na prosa e na poesia da cidade. Bosi (2003, p.11) diz que a memória seleciona fatos no espaço/tempo por uma razão lógica, sendo assim, a seleção não é aleatória, ela acontece em decorrência de “índices comuns”, estabelecidos pela vida comunitária e que são ressignificados com mais intensidade pelo peso atribuído pela memória coletiva.

Compreendemos a partir disso, que a atenção dada a esses aspectos da cidade são seleções realizadas pela comunidade imperatrizense no transcorrer do tempo. O rio Tocantins e o

cotidiano ribeirinho, nesse sentido, tornaram-se representações da vida, ou de uma fase significativa dela, e a partir disso, tornaram-se símbolos das expressividades culturais e sociais de Imperatriz.

A importância desse excepcional recurso estratégico, que é o rio Tocantins e suas águas, deve estar na cabeça de cada imperatrizense. Junto com outras comunidades que são beneficiadas pelo Tocantins. Imperatriz deve estar representada em qualquer debate cujo o assunto envolva esse curso d'água (ENCICLOPÉDIA DE IMPERATRIZ, 2003, p. 190).

Além disso, a escolha desses elementos como simbolicamente representativos são também estratégias de preservação desses recursos para cidade, pois, “Criamos sempre ao nosso redor espaços expressivos, sendo o processo de valorização dos interiores crescente na medida em que a cidade exibe uma face estranha e adversa para os seus moradores” (BOSI, 2003, p. 04). Podemos compreender que a ocorrência dessas temáticas na literatura imperatrizense é uma forma de conservação das riquezas culturais e naturais da cidade em contrapartida as dissoluções inevitáveis do tempo e das novas imposições discursivas sobre a memória da cidade.

É sempre importante frisar que não se trata de uma dicotomia entre rural e urbano, ou futuro e passado, como por muito tempo a literatura regional foi reduzida pela crítica literária, mas sim, sobre uma reflexão e uma atitude frente às limitações e a tendência de massificação que a vida moderna, gerida pelo capital e pela mercantilização de todos os aspectos da vida humana, impõe sobre as relações sociais.

O capitalismo escraviza voluntariamente seus cidadãos. A modernidade não permite a criação de vínculos reais e humanos. Há um constante jogo de interesses que muda aceleradamente. Até o tempo passa a ser valorado. Os que não se encaixam nesses padrões sub-humanos, ficam à margem da sociedade. (MACEDO, 2014, p. 18-19)

Entender a origem dessas tendências que se repetem na literatura regional é também compreender as formas que a literatura tem encontrado de subverter e discutir esses conflitos por meio da subjetividade e dos recursos que só a linguagem literária e seus universos são capazes de oferecer. Como exemplo, o poeta Ribamar Silva, em seu poema *Musa*, anuncia:

És a Imperatriz

mulher da beira
eira deste cais do porto.

Se és rainha, não sei.
Sei que vives

a mirar-te eterna
nas águas deste rio verde
que toca o sonho
que toca a vida
que Tocantins.

Se és princesa ou lavadeira,
 não sei.
 Que importa?
És mulher! Talvez sem beira
 nem eira
 que vive eterna na beira
a mirar-se no espelho
 porto
deste rio que te beija.

A memória como recurso narrativo/poético age para recobrar a consciência coletiva e comunitária da cidade. Assim, o sentimento de pertencimento a esse lugar com a ênfase para os aspectos da espacialidade é uma forma de aproximação com os aspectos da identidade regional construída pela vida coletiva da cidade.

Sobre esse recobrar da consciência existem duas perspectivas discutidas por Paolo Rossi, em que o autor afirma que “a memória parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua; a reminiscência [...], pelo contrário, remete a capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido” (2010, p. 15). É interessante a disposição feita pelo autor entre memória e reminiscência, pois a origem de uma ou outra, no texto literário, pode sugerir dinâmicas de preservação ou apagamento da memória distintas.

Considerando as perspectivas de Paolo Rossi e tendo como base as discussões sobre esquecimento e preservação da consciência coletiva já realizadas no capítulo anterior. A memória, segundo a leitura do autor, refere-se à reincidência sobre uma realidade ou acontecimento, a preservação de um fato que é contínuo na vida coletiva de uma comunidade, por outro lado, a reminiscência seria a recuperação de acontecimentos que sofreram com processos de apagamento/esquecimento na memória coletiva de uma comunidade (ROSSI, 2010).

Os fatos lembrados têm natureza diversa e suas repercussões são variadas, a forma e a frequência como as lembranças se repetem explicam a sua funcionalidade para a construção pessoal do sujeito. Bergson explica que a memória se divide em dois tipos: a memória espontânea e a memória hábito. Para o autor, a memória espontânea é aquela aprendida, que é fixada no consciente, situada no tempo e incorporada na realidade do sujeito pois é considerada útil, enquanto a memória hábito é excepcional, pois surgem “voluntariamente por repetição”

(BERGSON, 1999). Ambas possuem origens nos conflitos pessoais e são estudadas pela psicologia.

A lembrança espontânea é imediatamente perfeita; o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data. Ao contrário, a lembrança aprendida sairá do tempo à medida que a lição for melhor sabida; tornar-se-á cada vez mais impessoal, cada vez mais estranha à nossa vida passada. Portanto, a repetição não tem de modo algum por resultado converter a primeira na segunda; seu papel é simplesmente utilizar cada vez mais os movimentos pelos quais a primeira se desenvolve, organizar esses movimentos entre si e, montando um mecanismo, criar um hábito do corpo. Esse hábito, aliás, só é lembrança porque me lembro de tê-lo adquirido; e só me lembro de tê-lo adquirido porque apelo à memória espontânea, aquela que data os acontecimentos e só os registra uma vez (BERGSON, 1999, p.90-91).

Tomando as afirmações de Bergson a memória espontânea é significativa para relações sociais pois revela experiências e aprendizados ao sujeito. Nesse sentido, existe uma correlação entre a memória espontânea e a reminiscência, pois essa última em relação à memória exige a capacidade de considerar e ponderar os eventos que devem ser recobrados e os fatores que causaram o seu esquecimento, portanto, possui motivos para ser despertada no consciente humano. Acerca disso, Paolo Rossi, afirma que “a memória é de homens e animais, a reminiscência só é humana” (2010, p. 16).

Compomos nossas reminiscências para dar sentido à nossa vida passada e presente. Composição é um termo adequadamente ambíguo para descrever o processo de “construção” das reminiscências. De certa forma, nós a compomos ou construímos utilizando as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura (THOMSON, 1997, p. 56).

Tendo em vista que historicamente as memórias preservadas pela história oficial e repercutidas nas escritas literárias regionais foram, por vezes, subordinadas a discursos de poder que contribuíram para o enfático trabalho com determinadas temáticas regionais. É importante pontuar que mesmo compreendendo o processo de formação das recorrentes temáticas na literatura imperatrizense, existe a ação de discursos que tornam essas temáticas representativas para a região, isso em detrimento de outras realidades também simbólicas dos processos de representação da cidade, mas que não são tão abordadas.

Essa reflexão surge da observação pela ocorrência dos rios na literatura imperatrizense, em contraponto a outros aspectos da regionalidade como as vividas nas periferias e interiores da própria cidade, por exemplo. A predisposição pela tematização do rio na sua literatura revela a ação de discursos de poder, onde o rio é simbolicamente tratado como uma fonte de riqueza da cidade, não só no plano da representação, mas também como fonte da subsistência dos

recursos ainda preciosos para região, como para a geração de energia e de insumos para a industrialização. O rio referencia a cidade de Imperatriz em relação ao seu todo. Faz parte da construção identitária da cidade, e por isso, está no (in)consciente coletivo como símbolo do nascimento e do crescimento de Imperatriz.

O discurso que coloca esse símbolo como uma importante representação da cidade se baseia no posicionamento de discursos que buscavam internalizar o rio como síntese da identidade imperatrizense. A Enciclopédia de Imperatriz traz em seus textos de apoio o seguinte trecho em referência ao rio Tocantins:

No seu normal as águas do Tocantins são azuladas, cristalinas e saudáveis, abundantes de peixes e de tartarugas; suas praias, além de lindas, são largas e extensas, e suas margens revestidas de pomposa e variada vegetação de caça onde não há gentio (2003, p. 151).

O discurso imbricado no trecho acima, além de possuir teor poético ao descrever as características do rio, traz uma interpretação lúdica do rio e das paisagens que o integram. Essa compreensão do rio Tocantins constituinte de um documento informativo sobre a cidade, como o livro do qual foi retirado, possui também uma intenção política de reprodução de uma perspectiva sobre a cidade de Imperatriz fundamentada no desejo de apresentá-la como uma representação bucólica de desenvolvimento. Em outra perspectiva, deveras rara, o rio ao invés de palco de idealização, exaltação, se apresenta em destroços melancólicos do ser contemporâneo, como o protagonista do conto *Sol noturno*, do livro *Osculário (Lacrado)*, de Antonio Coutinho:

O homem sente culpa, que a energia volte e seus olhos se apaguem, Sansão que implora a cegueira, pelo menos mais uma vez Senhor. O rio vem em cheio pelas narinas. Daqui a um século, as águas do Tocantins serão as mesmas, os astros terão as mesmas órbitas em seus falsos movimentos. Estará o homem na janela do oitavo andar vendo as células da consciência nadarem livres na amplidão do rio profundo? O tempo, gigante insaciável, boca aberta sobre os homens, vivente e morrentes, ai de todos! [...] Um corpo lançado no meio da noite sobre o rio. A queda do apartamento. Ícaro perdeu as asas, congeladas” (2014, p. 105).

Esses discursos sobre as representações da regionalidade imperatrizense são resultados de reflexões sobre o espaço físico e suas consequências nas construções sociais internalizadas e reproduzidas no imaginário coletivo. A concepção da cidade a partir da percepção sobre os aspectos da natureza que circundam as relações afetivas e a subsistência da região é um fator para a construção das simbologias e discursos regionais.

Pensando Imperatriz como uma cidade situada em uma região geograficamente próxima aos territórios da Amazônia, muitos aspectos de sua regionalidade se assemelham e dialogam com as identidades desses outros territórios. Um dos discursos que comprovam essas similaridades e aproximações é o título de “Portal da Amazônia” que também é incubido à Imperatriz por razões que excedem os limites geográficos e que considera as interações sociais e econômicas. O advogado Agostinho Noleto na Enciclopédia de Imperatriz, explica que:

Imperatriz começou a ser chamada de “Portal da Amazônia” a partir dos primeiros meses de 1972. Quem deu esse epíteto para a cidade foi o advogado carolinense Agostinho Noleto Soares. Segundo ele, Imperatriz está situada exatamente onde terminava o cerrado e começava a floresta: “ O sertão, a zona de chapada, com os confratores do planalto, terminava no riacho do Cacau, onde começava a mata”. Para Agostinho Noleto, na expressão “Portal da Amazônia” “ há não só o sentido geográfico, mas também econômico e geopolítico. Ele continua: “Imperatriz era, e é, a cidade mais importante na rodovia Belém-Brasília, no começo da Amazônia. Aqui começa a Amazônia”. O advogado lembra que “Imperatriz já ajudou a povoar essa região toda. De repente, fico sabendo de gente daqui que foi para Caiena, na Guina Francesa. E isso é só um exemplo (2003, p. 29).

As circunstâncias de origem do “Portal da Amazônia” como discurso, sugerem que o trânsito de pessoas e comércios iniciados com a abertura da rodovia Belém-Brasília expandiu a cidade como reduto do desenvolvimento regional e provocou o estreitamento dos laços da cidade com os aspectos culturais de outras regiões, criando diálogos que foram e ainda são repercutidos na cidade como traços da identidade local. Essas interações estabelecidas historicamente entre a cidade de Imperatriz, os municípios vizinhos integrantes do conjunto da região tocantina e outros estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, contribuíram para a formação dos discursos da cidade e que, por sua vez, reverberam nas construções sociais e na memória coletiva de Imperatriz.

Nesse sentido, entender Imperatriz por esse viés significa dizer que sua constituição enquanto cidade é complexa e plural, tendo em vista a importância da influência e repercussão da diversidade de territórios do país e discursos em convergência com as construções de sua memória.

A criação de Imperatriz nesse contexto de comunicação cultural e social com outras territorialidades compreende o surgimento de uma cidade heterogênea em seus falares, referências e comportamentos⁷. O contato historicamente estabelecido entre a cidade de

⁷ Autores que fazem parte da literatura imperatrizense e nasceram em outros estados: Livaldo Fregona e Adriana Moulin, nascidos no Espírito Santo, Vito Milesi, natural de Roncobello-Itália, Neneca Motta Melo, nascido em Minas Gerais, Liratelma Alves Cerqueira, natural da Paraíba, entre outros.

Imperatriz e os territórios identitários de outras regiões tornou possível a pluralidade de vozes e discursividades nas formações identitárias imperatrizenses. Por outro lado, considerando os aspectos geográficos, históricos e socioculturais de formação da cidade, faz-se necessário também visualizar que dentro das diversidades identitárias existem conflitos e problematizações que recaem sobre os processos de construção dessa cidade enquanto reduto de acolhimento, rejeição e confronto.

Pensar o nascimento de espaços urbanos na Amazônia como —cidades-florestas significa problematizar e jogar com noções de urbanidades que se manifestam em terras firmes e de várzeas, bocas de rios, beiras de estradas, formadas por nativos, colonizadores, diaspóricos, migrantes e sujeitos que nasceram de distintos enfrentamentos socioculturais e interraciais (BALIEIRO; CORRADI; SARRAF PACHECO, 2015, p. 69).

A regionalidade de Imperatriz é tecida pela pluralidade de suas relações que, por sua vez, são herdadas pela memória coletiva e (re)produzidas pelas gerações subsequentes em processos de ressignificação mediante as novas perspectivas que incorrem sobre essas atualizações da memória. A ressignificação da memória coletiva é um exercício que exige a contribuição das percepções individuais dos sujeitos na construção da memória e da identidade da cidade. O sentimento de pertencimento provocado pela interação dos sujeitos com a memória e a afetividade do lugar influem sobre a individualidade dos sujeitos e sugerem uma pseudo autoridade e domínio sobre as percepções e convicções que fundamentam suas opiniões e posicionamentos.

É muito comum atribuímos a nós mesmos, como se apenas em nós se originassem, as ideias, reflexões, sentimentos e emoções que nos foram inspiradas pelo nosso grupo. Estamos em tal harmonia com os que nos circundam, que vibramos em uníssono e já não sabemos onde está o ponto de partida das vibrações, se em nós ou nos outros (HALBWACHS, 2004, p. 64).

Assim, o "uníssono" produzido por essas flutuações do tempo e do espaço que se encontram nas interseções da história, produzem efeito nas atualizações que a memória coletiva da cidade sofre pelas novas gerações. Essa atualização é a demonstração do envelhecimento e da sobrevivência dessas memórias em relação às imposições do tempo, como explica Bergson: “Mas toda percepção atenta supõe de fato, no sentido etimológico da palavra, uma reflexão, ou seja, a projeção exterior de uma imagem ativamente criada, idêntica ou semelhante ao objeto, e que vem moldar-se em seus contornos” (1999, p.118). Nesse sentido, os sujeitos dentro da comunidade regional são os responsáveis por tornar concretas as memórias sobreviventes do tempo passado.

Contudo, se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva (HALBWACHS, 2004, p. 69).

O conjunto de referências que situam a memória coletiva, e conseqüentemente a criação das memórias pessoais e afetivas, são produzidos mediante a organização das simbologias que agem para significar o espaço e a regionalidade que o habita. Dessa forma, a comum ocorrência de determinados lugares, elementos e figuras ilustrativas da região são manifestações dos simbolismos que margeiam a memória coletiva dos sujeitos que integram e se comunicam com o espaço regional.

A ação dos símbolos como identificação da regionalidade é uma forma de comunicação estabelecida pela historicidade e pelos discursos sobrepostos. Segundo Bosi “Tudo fala, o teto, o fogo, as esculturas, as pinturas” (2003, p. 06), sendo assim, os elementos que circundam a vida coletiva são significativos para as construções identitárias, são registros das transformações culturais, sociais e históricas do lugar ressignificadas pelas gerações, nos referenciando no mundo como sujeitos possuidores de uma origem e de uma história precedente.

O conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a disposição tácita, mas eloquente. Mais que uma sensação estética ou de utilidade, eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal (BOSI, 2003, p. 4).

Os símbolos da região são organismos vivos. Estão sujeitos a ação do tempo e dos indivíduos que os interpretam e vivem seus significados, dessa forma, possuem sentido para as vivências da comunidade com a qual se comunicam. As simbologias contribuem para a construção das experiências e das lembranças que constituem os sujeitos enquanto pessoas munidas de uma individualidade e uma consciência histórica e coletiva.

As afetividades da infância, dos laços familiares, dos lugares percorridos na juventude, dos espaços que em algum momento foram especiais são recobradas pelo sentimento de carinho despertado pelas memórias afetivas. A memória também guarda as sensorialidades dos momentos vividos, assim, o retorno ao passado é, portanto, também o retorno a momentaneidade das emoções e as suas repercussões físicas, tendo em vista, a capacidade humana de preservar/ressignificar as lembranças que são importantes e marcantes na formação

afetiva e cognitiva dos sujeitos. Assim, “Reconhecer um objeto usual consiste sobretudo em saber servir-se dele” (BERGSON, 1999, p.106), e dessa apropriação com os objetos que nos rodeiam tendemos a possuí-los e torná-los partes concretas, extensões de nossa personalidade.

Em vista dessas discussões, a memória opera as complexidades do ser humano, sua capacidade de enxergar e interpretar os momentos vividos e atribuir novos sentidos a esses momentos conforme as mudanças de perspectiva que se fazem inevitáveis com a maturidade da vida.

Mediante a essas disposições, a falsa impressão de individualidade cultivada pelos sujeitos e estimulada pela capitalização das relações sociais e afetivas, os leva a tomarem como terminantemente suas as lembranças preservadas. A ausência de consciência dos sujeitos sobre a influência dos fatores coletivos sobre suas perspectivas de vida é resultado de uma tendência pela individualização como forma de reafirmação da própria existência. Entretanto, a memória que faz parte da história pessoal do sujeito também é parte da formação histórica de uma geração passada.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2004, p. 30).

Tomando as citações de Halbwachs (2004) acerca das lembranças coletivas e individuais, é possível compreender a literatura como a materialização da memória compartilhada. Por isso, na literatura regional é comum a identificação do público leitor com os aspectos da regionalidade expressos pela linguagem literária, pois existe uma comunicabilidade entre as narrativas da literatura regional fortemente embasadas pela presença espacial, histórica e temporal da região, e as lembranças afetivas guardadas pelos sujeitos em que esses mesmos aspectos estão presentes, mas secundarizados pelas impressões pessoais manifestadas pelos sujeitos.

Nesse sentido, a literatura regional dialoga com as intersecções entre a memória que preserva os aspectos históricos e temporais em que se encontram as falas coletivas, e as perspectivas pessoais que o sujeito tem sobre os acontecimentos conservados por essa memória. Halbwachs (2004) afirma que “jamais estamos sós”, porque tudo em nós faz parte de um todo compartilhado com outros sujeitos e gerido por uma temporalidade onde outros tantos tempos correm e se sobrepõem.

Essa comunicação entre a individualidade e a coletividade expressas nas manifestações

da memória acontece em decorrência dos pontos comumente compartilhados pelos sujeitos, por um sentimento de identificação que subverte as fronteiras geográficas e possibilita com que a regionalidade manifestada na literatura seja apreciada e reconstruída por sujeitos de outros lugares, distantes ou não, de onde a literatura regional fala.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazemos recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2004, p. 39).

Essa comunicabilidade também é estimulada pela consolidação dos símbolos regionais da região como pontos de diálogo, isso é visto por exemplo, na literatura imperatrizense e nas demais literaturas tocantinenses com a presença recorrente de personagens ribeirinhos e da relação que estabelecem com os rios. Apesar de existirem distinções nesse tratamento, as similaridades presentes na existência desses elementos, não importando a região, cria pontes de identificação e comunicação que torna a regionalidade do lugar reconhecível para outros sujeitos em outras regiões.

Paolo Rossi afirma que “O mundo em que vivemos há muito tempo está cheio de lugares nos quais estão presentes imagens que têm a função de trazer alguma coisa à memória” (2010, p. 23), acrescento que essas imagens também trazem olhares outros sobre as nossas próprias perspectivas sobre as memórias que guardamos. O diálogo com outras imagens que se comunicam com a nossa existência ressignificam a condição humana, e conseqüentemente as lembranças e afetividades delas provocadas.

Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo. Também o passado que remontamos deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para diante nos leva a agir e a viver (BERGSON, 1999, p. 90).

Assim, a comunicabilidade entre as imagens em contextos regionais distintivos está condicionada a reconstrução dos efeitos de sentido dessas sobre a memória, o que por sua vez, influencia nas perspectivas dos sujeitos em relação a essas construções imagéticas, mesmo que essas sejam internalizações profundas. Acerca disso, Rossi ainda afirma que “As imagens haviam sido consignadas uma dupla tarefa: fixar conceitos na memória, agir sobre a vontade e, em consequência, modificar os comportamentos” (2010, p. 57). Assim, a materialização dessas imagens no consciente coletivo possui a capacidade de orientar a forma como os sujeitos se

organizam em comunidade e significam os aspectos da regionalidade que vivem.

Se vivemos sós, a região do espaço que nos circunda de modo permanente e suas diversas partes não refletem apenas o que nos distingue de todos os outros. Nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses objetos em grande medida se explicam pelos laços que sempre nos ligam a um número enorme de sociedades sensíveis e invisíveis (HALBWACHS, 2004, p. 158).

Dessa forma, essas organizações imagéticas realizadas pela memória mantêm diálogos com as muitas representações regionais dispostas ao nosso redor. A diversidade de comunidades que surgem das interações históricas e sociais lançam luz sobre a criação e a repercussão das simbologias que cercam a regionalidade das comunidades. As sociedades visíveis e invisíveis citadas por Halbwachs (2004) são, a partir dessas reflexões, força motriz para a construção dos espaços de identidade e pertencimento a que a memória recorre para reafirmar o lugar de fala⁸ e de direito do sujeito no mundo.

Na observância das contribuições da memória para a afirmação identitária é necessário aferir que a compreensão do sujeito enquanto ser munido de historicidade é, também, uma afirmação de poder dentro das relações sociais, e sob esse efeito a memória atua como fonte de insistente recuperação dessa afirmação ao longo da vida, que pode, similarmente, no decorrer das evoluções ou transgressões humanas serem questionadas. É o que ocorre na contemporaneidade com os conflitos que colocam a prova as construções da memória coletiva que são responsabilizadas por perpetuar opressões e estigmatizar as diversidades sociais e culturais brasileiras.

Na literatura as afirmações de poder também são constituídas pela memória, no que é reconhecidamente lembrado e que por consequência torna-se relevante para o contexto de criação da obra literária. Na literatura regional as simbologias obedecem uma lógica mentalmente organizada e internalizada pelo imaginário social em virtude dos fatores históricos, sociais, políticos, culturais e econômicos que incidem sobre a produção literária. Assim, as dinâmicas de formação das imagens reproduzidas pela memória são importantes argumentos narrativos, pois “as imagens devem funcionar como verdadeiros excitantes para a

⁸ Para além dessa conceituação dada pela comunicação, é preciso dizer que não há uma epistemologia determinada sobre o termo lugar de fala especificamente, ou melhor, a origem do termo é imprecisa, acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre *feminist stand point* – em uma tradução literal “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial. As reflexões e trabalhos gerados nessas perspectivas, consequentemente, foram sendo moldados no seio dos movimentos sociais, muito marcadamente no debate virtual, como forma de ferramenta política e com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva. Porém, é extremamente possível pensá-lo a partir de certas referências que vêm questionando quem pode falar. (RIBEIRO, 2017, p. 32)

imaginação” (ROSSI, 2010, p. 46). Ela, a imagem, é fonte de inspiração narrativa para a literatura regional e é a partir da sua reprodução no imaginário social que outras representações regionais são produzidas.

Na complexidade das discussões estabelecidas até aqui fica evidente que a memória é depositário dos tempos, espaços e narrativas das sociedades e os que nela vivem. Sabendo disso, compartilho das palavras do professor Sarraf-Pacheco, ao dizer que:

Utilizamos memórias no lugar de saberes por defendermos que o campo da memória em sua dimensão social se manifesta nos mais diferentes registros da cultura, seja ele oral, escrito, visual, digital, material, imaterial, simbólico. Igualmente, todas as formas de saberes ganham materialidade na memória (2015, p. 26).

A memória a partir das afirmações de Sarraf-Pacheco (2015) é conhecimento, mesmo que ainda não compreendido em seu tempo. É a conjunção dos saberes e manifestações da sociedade. A memória está em todas as atividades humanas e influencia os comportamentos dos sujeitos em sociedade, a sua materialidade nas produções culturais como na literatura é antes de mais nada, o estabelecimento, o registro do saber de uma geração revestida em seu tempo e sob a perspectiva desse tempo.

Por entender a memória como “o lugar do saber” e como o recobrar da consciência de pertencimento do sujeito em relação a sua identidade, fica compreendido algumas das dimensões da memória em perspectiva social e pessoal. A partir disso, é possível afirmar que a memória é um feito humano na história sob uma anacronia do tempo.

Nenhuma lembrança é por si só uma concepção individual ou é suscitada de forma unilateral no tempo, ela é compartilhada com as diversas vozes que estão sobrepostas do tempo e no espaço que incidem sobre o nosso olhar e percepção “toda imagem-lembrança capaz de interpretar nossa percepção atual insinua-se nela, a ponto de não podermos mais discernir o que é percepção e o que é lembrança” (BERGSON, 1999, p.119). Tendemos a enxergar as individualidades do nosso tempo, negando a presença do coletivo em nossa existência, pois a admissão dessa condição humana seria reconhecer a ausência de controle ou consciência sobre a nossa própria narrativa, por isso, insistimos em nos apropriarmos das lembranças e memórias como nossas. Portanto, mesmo vivendo essas memórias, elas não são unicamente nossas e nem estamos sozinhos quando as vivenciamos.

Não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo, porque o acontecimento que elas reproduzem foi percebido por nós num momento em que estávamos sozinhos (não em aparência, mas realmente sós), cuja imagem não esteja no pensamento de nenhum conjunto de indivíduos, algo que

recordaremos (espontaneamente, por nós) nos situando em um ponto de vista que somente pode ser o nosso? (HALBWACHS, 2004, p. 42).

Essas reflexões elucidam questões sobre a receptividade do fator memória nas obras literárias regionais. A literatura desperta no público leitor reações emocionais e a memória provoca a identificação entre a narrativa literária e as lembranças que estão preservadas na memória do leitor. Dessa forma, a narrativa literária é individualizada em recorrência das afetividades manifestadas no ato da leitura e da identificação com o que está materializado na literatura.

Reconhecer o que é manifestado na literatura como caminhos para o despertar da memória e dos pontos de vista por ela evocados é possibilitar e questionar as estruturas de poder que são firmadas no imaginário coletivo e que se presentificam nas "individualidades" dos sujeitos. Dessa maneira, identifica-se por meio das construções imagéticas que “liga a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos” (HALBWACHS, 2004, p. 55). Tendo essas discussões em vista, na literatura de Imperatriz as marcas da regionalidade do lugar são as ferramentas que impulsionam esse reconhecimento, realizado a partir das imagens que são (re)construídas e reproduzidas nos textos literários, pela perspectiva do experimentalismo da poesia e da prosa imperatrizense.

Entender a complexidade das estruturas da memória e das organizações sociais para a construção das regionalidades do lugar são importantes para compreender os argumentos embasadores das narrativas da literatura imperatrizense. Tomando como literatura imperatrizense as obras literárias que abordam os aspectos identitários da cidade, em sua fisiologia e diversidade.

O reconhecimento do Tocantins como extensão da cidade de Imperatriz é resultado da convivência entre os estados. Da condição de diálogo entre os municípios que circundam o limite entre o estado do Maranhão e o estado do Tocantins, separados pelo rio Tocantins, está o compartilhamento de tradições e costumes que são comuns entre as comunidades que constituem a regionalidade da região tocantina e região do Bico do Papagaio.

As situações de comunicabilidade entre as comunidades regionais da Região Tocantina surgem das simbologias que são significativas para vida nessas regiões. Na poesia de Zeca Tocantins, Lilia Diniz ou na prosa de Gilmar Pereira, as simbologias são recorrentes, principalmente as que se relacionam com os hábitos da vida ribeirinha e as reflexões do cotidiano urbano de Imperatriz. É possível visualizar isso, por exemplo, no poema-canção

Minha Cidade, de Erasmo Dibel:

Minha cidade engatinha
 E mujuba de palavras sábias sofre
 Vêde Elias perdido num boi tão iô-iô
 E tia merenda das tardes não veio
 Senhorinha das flores
 Dos cem noivos meninos de rua
 Da rua Coronel Manoel Bandeira
 Na praça do Cine Muiraquitã
 Amanhã tem tTarzan
 E antes a gente ouvia
 Os jogos da copa no megafone
 Da voz Manarlene
 As se si só sucessos sucessivamente
 Sem cessar na língua do s
 E vamos em frente atrás vem gente
 Com inveja da gente
 Dizia o locutor de cá
 Pros da voz Iracema que não era o livro
 E por falar em arte
 Arte aqui ainda é cortar dedo num
 Caco de vidro ou cair em um pé de
 Goiabeira e quer queira ou não
 O artista ainda é um Elias
 Uma senhorinha qualquer
 E os loucos do povo não
 Passam de santos de casa.

Acerca da poesia imperatrizense é preciso destacar que a abordagem das simbologias que repercutem os traços significativos da história e da identidade da cidade, realiza-se por meio de obras que recordam os aspectos da regionalidade imperatrizense a partir de perspectivas que por vezes são saudosistas, e/ou pensam esses registros identitários por uma postura reflexiva ou ainda de observação sobre os discursos que condicionaram as narrativas sobre essas simbologias. O trecho presente na Enciclopédia de Imperatriz, que foi extraído do Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão de 1870, traz uma visão paternal e idílica sobre a narrativa que foi construída sobre o rio Tocantins e que conseqüentemente fortaleceu a imagem do rio como símbolo maior e cartão de visitas da cidade.

Rio Tocantins Personagem maior. Foi por ele, foi com ele e foi nele que tudo começou. “Tudo”, aqui, é Imperatriz. O registro do nascimento de Imperatriz não foi escrito a tinta - foi escrito com água. O Tocantins é a grande pia batismal onde a cidade, ontem, fez sua iniciação, e hoje, tenta purificação. Esse rio trouxe há 150 anos os fundadores da cidade. Ajudou a fazer a cidade. Ajudou a fazer história. Um rio só é velho porque se renova. Desde 1982, o Tocantins foi um rio que passou, e continua, em nossa vida. Líquido e certo. [...] Um rio que permanece porque é passageiro. Transitoriamente eterno (2003, p. 150).

As narrativas que estruturam essas simbologias, oficializaram discursos sobre as

representações da regionalidade imperatrizense, e dessa forma, instaurou no imaginário social e nos registros oficiais narrativas de exaltação das conquistas desenvolvimentistas em relação às riquezas naturais proporcionadas pelas vantagens da localização e dos recursos naturais da cidade. Essas narrativas foram reproduzidas, discutidas e confrontadas pela literatura, onde também foi possível criar espaços para visibilizar outras perspectivas acerca da regionalidade imperatrizense. A literatura regional, nesse sentido, possibilita que discussões sobre a ação dessas discursividades sejam elaboradas e novos caminhos sejam descobertos para ressignificar e compreender essas representações não só como articulações da memória e das produções coletivas, mas como abordagem para a literatura dentro de uma linguagem e estética.

Dentro das discussões sobre a representação das marcas e simbologias da regionalidade da cidade, os objetos ganham novos sentidos dentro desses espaços de significação. A rede, a canoa, a cuia, entre outros objetos úteis na lida diária das comunidades mais humildes dos interiores tocantinenses, são manifestações das construções históricas e discursivas que na literatura regional são empregadas pela linguagem literária, ressignificadas pelos sentidos que foram e são atribuídos a suas utilidades práticas e simbólicas na vida e no tempo das comunidades regionais.

Halbwachs explica que “Os objetos a cada instante descortinam horizontes das novas orientações de moda e do gosto, e também nos recordam os costumes e as antigas distinções sociais” (2004, p. 158), e essa dualidade de objetivos atribuídas aos objetos, proposta pelo autor, faz parte dos processos reivindicatórios da memória coletiva em relação ao espaço e a identidade regional decorrentes do processo de recordação que é impositivo a cada retorno ao passado. Assim, o retorno às lembranças passadas nunca é a completa reinteração do passado, mas sim a sua eterna reinterpretação, como afirma Thompson, “Nossas tentativas de compor um passado nunca serão inteiramente bem-sucedidas” (1997, p. 58).

A memória não é e não fica intacta. Os fatos são lembrados de formas e perspectivas diferentes, a cada movimento de retorno as “experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram novas formas de compreensão” (THOMPSON, 1997, p. 57). As constantes (re)construções coletivas implicam no conflito e na discussão das certezas do passado. Essa contestação dos discursos é realizada pelos retornos feitos pela memória, e por isso a mudança de perspectiva sobre os fatos é natural, pois a memória nunca é em sua totalidade fiel, uma vez que os sujeitos sempre estão submetidos a novas compreensões sobre o passado.

Dessa forma, os retornos que a literatura imperatrizense faz sobre a sua memória se revelam distintas entre os autores e suas respectivas gerações. A perspectiva sobre a região e os

simbolismos regionais por vezes mudam, pois novos horizontes são (re)vistos, uma vez que “[...] nossa memória escolhe sucessivamente diversas imagens análogas que lança na direção da percepção nova” (BERGSON, 1999, p.118), outras perspectivas sobre o que é recordado. Na literatura essa revisão/seleção realizada pela memória é reformulada pela linguagem e estética literária na construção narrativa.

Podemos, inclusive, atribuir a essa característica o experimentalismo, principalmente, na poesia imperatrizense. Um exemplo desse experimentalismo é visto na obra *Colhedor das manhãs* (2003) do autor Zeca Tocantins, em que a mistura de cordelismo com poesia concretista abordam alguns aspectos da vida cotidiana ao mesmo tempo em que se nota a presença da vida urbana de Imperatriz, nos dizeres, nas referências ao rio e aos ribeirinhos, e no jogo de sentidos e palavras que revelam o tratamento de costumes da cidade.

O experimentalismo literário e a tematização do cotidiano urbano⁹ são características das produções literárias imperatrizenses. Se por um lado, Zeca Tocantins revisita o passado da memória cidadina e interiorana de Imperatriz, Gilmar Pereira pensa a vida diária de forma episódica na forma de contos que lançam luz sobre os acontecimentos inusitados da cidade. A prosa feita em forma de contação de causos é permeada pelo tom de recordação e reflexão sobre o estilo de vida de uma cidade agitada em contraste com as peculiaridades da afetividade da vivência coletiva.

A sobrevivência das regionalidades vividas nos simbolismos dos objetos possuidores de significância para vida coletiva da cidade é um sinal que a regionalidade não morre com os avanços urbanos e as tendências homogeneizantes da contemporaneidade. A regionalidade é uma construção complexa demais para ser destituída do seu lugar no mundo, por isso, ainda resiste nas manifestações artísticas, e por isso ainda é um objeto importante para entender as comunidades e seus códigos sociais, políticos, culturais e literários.

A arte é a materialização da regionalidade da cidade. Na literatura a concretude de aspectos que parecem abstratos, torna-se real no registro dos simbolismos e demais marcas da identidade regional, seja na forma dos objetos, nas referências espaciais ou nos comportamentos socialmente internalizados como representação da região. Nesse contexto, os objetos são elementos importantes para essa representação, uma vez que ressoam as discursividades que envolvem a regionalidade do lugar.

⁹ Os grupos urbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-urbanos, que estão submetidos à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologias agropecuária. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52)

De fato, as formas dos objetos que nos rodeiam têm [...] significado. Não estávamos errados ao dizer que eles estão em volta de nós, como uma sociedade muda e imóvel. Eles não falam, mas nós os compreendemos, porque têm um sentido que familiarmente deciframos (HALBWACHS, 2004, p. 158).

Essas sociedades invisíveis são a própria história. Elas revelam os processos que instituem a região e, nesse sentido, são a materialização das dinâmicas sociais vistas como representações da vida diária e da forma como a vida transcorre nas regiões. São invisíveis somente na denominação, mas contam todo o processo histórico e simbólico que as torna importantes para a significação do espaço regional. Nessas sociedades são depositadas a memória histórica da região, e a partir das disposições destes objetos no espaço e no tempo é que é possível mensurar a profundidade dos simbolismos para as comunidades regionais.

Perder seu lugar no canto de tal rua, à sombra de tal muro ou de tal igreja seria perder o apoio de uma tradição que os protege, sua única razão de ser. Assim se explica porque de edifícios derrubados e de mas apagadas, por muito tempo subsistem alguns vestígios materiais, no mínimo o nome tradicional de uma rua, uma praça ou a tabuleta de uma loja: “na porta velha”, “lá no velho portão da França” etc (HALBWACHS, 2004, p. 165).

Assim, as comunidades regionais não são somente ocupadas por pessoas que transitam entre seus espaços, existem muitas sociedades invisíveis que circundam a vida nas regiões, e é pelo poder de influência que essas sociedades invisíveis têm sobre os sujeitos que o ritmo e estilo de vida das regiões é pautado. A regionalidade é construída e ressignificada diariamente e a memória coletiva do lugar é a responsável por tornar essa vivência possível.

A presença dos espaços da região na poesia regional são formas de comunicação com a historicidade do local e com a memória coletiva das pessoas que constituem esses espaços. Um exemplo dessa dinâmica está no poema *Igrejas*¹⁰, da obra *Caminhos de nós* (1998) de Zeca Tocantins, na forma como a atmosfera religiosa se condensa aos aspectos da rotina imperatrizense e transparece os diálogos partilhados entre os simbolismos da religiosidade da cidade com os hábitos e costumes locais. O poema recorre ao estilo de vida urbana de Imperatriz em que os períodos do dia, principalmente nos centros da cidade, são marcados pelos sinos da igreja. A força dos silêncios que os sinos evocam mesmo durante os barulhos cotidianos dos centros, é uma percepção da literatura sobre as simbologias da região e o estilo de vida de uma cidade que já se configura segundo o hábito de trabalho das grandes cidades.

¹⁰ Gosto do silêncio/ das igrejas./ Mesmo quando/ tocam os sinos./ Mesmo quando/ o povo reza./ Ainda assim/ há silêncio (TOCANTINS, 1998, p.83).

Tendo isso em vista, na contribuição dos sujeitos que significam os espaços da região reside os aspectos da regionalidade da cidade. Esses sujeitos possuem e são possuídos pelas sociedades invisíveis que os rodeiam, e dessa relação entre os sujeitos e os discursos que se originam os fragmentos constituintes da região como um organismo vivo. Sobre isso Halbwachs explica que:

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. Como a imagem do quadro-negro poderia recordar o que nele traçamos, se o quadro-negro é indiferente aos números e se podemos reproduzir num mesmo quadro as figuras que bem entendemos? Não. Mas o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos”. O lugar recebe a marca do grupo e o grupo recebe a marca do lugar (HALBWACHS, 2004, p. 159).

A partir disso, a região é uma concha de retalhos tecida pelos grupos sociais. Essa concha não é homogênea nem linear, pois é a realização de muitos trânsitos que constituem o espaço regional. Assim é Imperatriz, uma cidade que se avolumou com o trânsito constante de pessoas vindas das mais diferentes regiões do país em busca de oportunidades de emprego e transações comerciais.

A diversidade contribuiu para as formações culturais e identitárias da cidade de Imperatriz. O trânsito de pessoas também significa a circulação de culturalidades que influem sobre as representações regionais da cidade. Sendo assim, a regionalidade imperatrizense nasce da contribuição de muitas outras construções culturais e sociais que interagem historicamente para a formação das regionalidades e da memória coletiva da cidade.

Assim, as narrativas literárias refletem os contrastes de perspectiva que ocorrem conforme recorremos à memória para recompor aspectos da história e da afetividade guardadas e presentificadas no lugar. As reminiscências resultantes do despertar da consciência histórica pela memória revelam a profundidade das identidades construídas no espaço regional. Nesse sentido, a narrativa literária reflete sobre as perspectivas do passado, tendo em vista, a forma como a linguagem literária se comporta ao abordar as perspectivas discursivas e temporais das relações sociais, uma vez que:

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. [...] podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido (THOMSON, 1997, p. 57).

Recorrendo aos estudos de Thompson (1997), nossas lembranças afetivas constituem nossa identidade em relação ao espaço e tempo em que produzimos nossas interações. Ainda podemos afirmar que “Reconhecimento é um termo apropriado para descrever o processo de afirmação pública de identidades e reminiscências” (THOMSON, 1997, p. 58). A identificação com o outro, seja pelas similaridades ou pelas diferenças, consolida o sujeito como um ser munido de discursos, posicionamentos e referências, e conseqüentemente, também um guardião das reminiscências oriundas dos processos de construção identitária.

Por essas discussões, é importante destacar o papel fundamental da literatura na materialização dos processos de construção das reminiscências. A narrativa literária encontra na formação do experimentalismo da linguagem e da forma literária berço para a reflexão e leitura das reminiscências da memória coletiva, ao mesmo passo em que elabora e discute os desdobramentos das produções identitárias das sociedades.

O revistar o passado significa, nessa perspectiva, mais do que o exercício de rememorar os acontecimentos afetivamente guardados na memória, ela é a reelaboração desse passado em vista das complexidades impostas ao recobrar das reminiscências em meio às mudanças de perspectiva a que os sujeitos estão submetidos. Dessa forma, no despertar das afetividades da memória:

O artista da memória não é mais o construtor de uma técnica útil aos oradores e advogados; [...] É o intérprete da realidade do universo e do seu destino, o possuidor da “chave universal” que está escondida e assim deve permanecer para os mortais comuns (ROSSI, 2010, p. 18).

O olhar para com as reminiscências da memória está para além do exercício de lembrar dos acontecimentos, ele significa (re)alocar/reposicionar os objetos, as pessoas, o espaço físico, a historicidade e os discursos dentro de uma situação de releitura. A interpretação das memórias feita em cada rememorar implica, antes de mais nada, na atualização dessas memórias, pois as mudanças discursivas da historicidade e das reconstruções inerentes aos processos identitários influem sobre o passado e em como o (re)interpretamos no presente e no futuro. O tempo é anacrônico, uma diversidade de temporalidades estão em comunicação e provocam reverberações em como os sujeitos condicionados às relações de sociabilidade modificam seus espaços de convívio e o momento histórico que vivem.

A memória é capaz de conservar e imortalizar os sujeitos, tendo em vista que estes continuam vivos conforme são lembrados pela memória coletiva. Como afirma Paolo Rossi “[...] os mortos que permanecem na memória dos outros são mortos-vivos, que só morrem

completamente quando desaparecem os últimos que estavam em condições de recordá-los” (2010, p. 24). Assim, a história e o tempo se mantêm vivos conforme os processos de rememoração dos sujeitos são realizados, desse modo, estes só morrem verdadeiramente quando suas memórias deixam de ser lembradas pelas gerações futuras.

Os sujeitos somente são reconhecidos como partes de um todo quando encontram suas referências no mundo, quando tomam consciência das suas afetividades e da sua identidade, “Ora, o ato concreto pelo qual reavemos o passado no presente é o reconhecimento” (BERGSON, 1999, p.101). Se reconhecer enquanto parte de uma comunidade em que influi da mesma maneira em que é influenciado sobre as relações sociais e a memória coletiva faz parte das internalizações dos processos identitários. A reciprocidade dessa situação evidencia o papel das relações coletivas para a manutenção das condições de vida do sujeito. Por outro lado, essa condição de interdependência entre os sujeitos se prolonga mesmo após a morte, uma vez que é papel da memória coletiva do lugar retardar a morte definitiva do sujeito ao tornar viva sua memória.

A partir dessas discussões, “a memória concerne ao objeto da memória e não àquele que memoriza: a “lembança” exprime de fato a preocupação acerca da existência, num mundo ultraterreno, de quem não está mais na terra” (ROSSI, 2010, p. 24). Nesse sentido, a memória é um fenômeno que traduz a existência dos sujeitos em comunidades, ela é capaz de determinar o tempo e seus discursos na forma das materialidades humanas.

A memória é uma construção coletiva influenciada por inúmeros fatores de ordem política e ideológica, assim, também está sujeita às idiossincrasias constituídas por interesses coletivos. Dessa forma, a memória coletiva também pode ser manipulada por discursos de poder que redirecionam no tempo a perspectiva coletiva em relação a acontecimentos rememorados coletivamente. Para Paolo Rossi, “A história do século XX, [...] está cheia de censuras, apagamentos, ocultações, sumiços, condenações, retratações públicas e confissões de inúmeras traições, além de declarações de culpa e de vergonha” (2010, p. 33). Essas dinâmicas de ocultamento de eventos históricos implicam na forma como esses acontecimentos são lembrados posteriormente. Sendo assim, a memória da história geral sempre foi e sempre estará sujeita aos redirecionamentos dos discursos de poder vigentes.

Vale destacar também que as censuras condicionadas à memória coletiva ocorrem em todos espaços da vida pública e influem sobre os comportamentos e demais relações sociais realizadas pelos sujeitos. A maneira como os fatos são lembrados e os possíveis estigmas que recaem sobre esses eventos rememorados, ditam como a coletividade levará suas relações adiante e como se localizarão na história. Assim, “ os apagamentos não ocorrem apenas na

realização dos manuais científicos ou na substituição de novas verdades por proposições antes aceitas como verdadeiras” (ROSSI, 2010, p. 31). A certificação dos eventos lembrados da literatura é um registro das perspectivas de uma sociedade sobre os acontecimentos. O registro atua como uma concretude das certezas dos sujeitos em seu tempo, e nesse sentido, movimentos ambiciosos de opressão são de extrema importância para que essas censuras sejam aderidas pela coletividade.

Os apagamentos da memória são, por vezes, atividades resultantes da opressão sistêmica. É o que ocorre com as memórias e narrativas das diversidades regionais que constituem a cultura e a identidade brasileira, principalmente as que se referem às comunidades do norte e nordeste brasileiros que foram estigmatizadas e anuladas em processos de censura e violência. Mas os apagamentos da memória também podem ser resultados de traumas coletivos, como acontece com comunidades expostas a guerras intensas e eventos violentos, como afirma Michel Pollak (2012).

Dessa forma, é possível compreender os movimentos de apagamento da memória coletiva sob dois aspectos: o de ordem política que suprime a memória e identidade de uma região em detrimento de interesses políticos e econômicos, e o de origem traumática que acaba por provocar dissonâncias e distorções nos discursos e relatos que trazem à tona as memórias coletivas para serem lembradas. Sob esse olhar, “Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade” (ROSSI, 2010, p. 32). Apagar também é o fortalecimento de uma certeza que pode não ser condizente com a veracidade dos acontecimentos, mas que por razões diversas acabam sendo lembradas de outras formas pela memória coletiva.

A história da humanidade é permeada por apagamentos. Muitas narrativas foram suprimidas da história e suas memórias foram fragmentadas e recontadas a partir da reconstituição histórica, é o que acontece por exemplo com as narrativas indígenas brasileiras, que apesar da contribuição da oralidade para a preservação dessas narrativas, sofreram muitos apagamentos causados pela opressão histórica e genocídio. Ecléia Bossi diz que: “O desenraizamento é condição desagregadora da memória” (2003, p. 07), e a perda de referencial no mundo ou a supressão das identidades culturais implica na descontinuidade da memória, o que também sugere o desaparecimento de toda uma organização coletiva. Dessa forma, a memória guarda o que é substancial para as construções identitárias e coletivas de uma comunidade.

Tendo essas disposições em vista, a comunhão da história com a memória é combustível para as construções narrativas da literatura regional, sendo quase impossível dissociar os

aspectos da identidade local das reminiscências da memória. Dessa união reside a edificação das imagens representativas para as regiões, sendo essas imagens evocadas mediante a ação dos tempos sobrepostos¹¹ e dos discursos de poder e de resistência, assim, “Concluamos que nem todo reconhecimento implica sempre a intervenção de uma imagem antiga, e que é possível também evocar tais imagens sem conseguir identificar as percepções com elas” (BERGSON, 1999, p.105). Nesse sentido, o sentimento de identificação provocado pela presença de imagens reproduzidas no imaginário social, nem sempre ocorre pelo viés da similaridade, pode também acontecer por situações de conflito que aproximam o sujeito dos sentidos impostos a essas produções imagéticas.

A condição de identificação pela forma como percebemos os sentidos imagéticos dos simbolismos se realiza conforme voltamos ao passado, considerando nossa posição no tempo presente, “Supõe-se, desta vez, que a percepção presente vá sempre buscar, no fundo da memória, a lembrança da percepção anterior que se lhe assemelha: o sentimento do *déjà vu* viria de uma justaposição ou de uma fusão entre a percepção e a lembrança.” (BERGSON, 1999, p.102). A percepção que age sobre as memórias remanescentes são frutos das relações que estabelecemos com o passado da memória coletiva e do que internalizamos no nosso subconsciente, e que por sua vez possuem autoridade sobre como lembramos o passado.

Todas essas discussões são corporificadas nas produções literárias regionais, tendo em vista as indissociabilidades comuns entre as representações regionais e a memória, visto que a literatura acaba por traduzir as complexidades que competem a esses fenômenos das relações sociais. A literatura é o espaço das expressões humanas e a escrita é o campo das materializações, onde é manifestada as relações sociais e orais das comunidades regionais.

É importante destacar a função da oralidade na construção identitária e coletiva das comunidades regionais, tendo em vista que as marcas da oralidade são produzidas e utilizadas como recursos nas narrativas literárias escritas. A linguagem é a ponte de construção entre os indivíduos e dentro da perspectiva regional é um registro de extrema relevância para a

¹¹ Como agenciador de espaços-tempos, o indivíduo imerge em um afã escritural no qual textos e ações parecem escapar continuamente do presente. Fugidio, o tempo corrente transforma-se – de uma onipotente estrutura regulatória da experiência – em um substrato para a reconstrução e para a recombinação de textos semióticos; difusas, fruto de um afã de fragmentação e montagem, narrativas são desconstruídas a partir de sua aparente linearidade, originando novos textos heterogêneos na escala da recepção, circunstância em que os textos individuais – cada qual situado, invariavelmente, em um lugar e tempo específicos, conectados a um contexto particular de produção – dão lugar a um macrotexto que resulta de leituras e encadeamentos dispersos entre conjuntos variáveis de referências. [...]

Tempo do leitor, tempo da leitura; tempo do mundo, tempo da escritura; lugar cognitivo de coexistência de tempos, presente de navegação descentralizada entre variados espaços tempos. Há, em toda essa conjuntura, apreensões abundantes do espaço-tempo, diversas formas de entender o texto, sua produção e, particularmente, sua recepção dentro e fora do continuum e dos espaços geográficos.[...] (VENEROSO, 2016, p.21-22)

historicidade das comunidades regionais, pois é por meio dela que as transformações sociais e culturais da região são manifestadas.

A oralidade, nesse sentido, é a testemunha das ações do tempo e o seu registro na escrita é resultado das leituras que o sujeito tem em relação às reminiscências da memória e a percepção desenvolvida sobre as coisas e os fatos. A oralidade é o berço da escrita. Antes dos registros escritos, a diversidade de diálogos realizados entre os sujeitos em interação era preservada pela reprodução coletiva e oral.

O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra. Nada prova a priori que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração (HAMPATÉ BÂ, 2010, s/p).

A escrita é o último estágio de uma série de reflexões e interações discursivas que fazem ressurgir a memória coletiva e as afetividades que dela incorrem. Os diálogos internos provocados pela ação dos discursos constituem o pensamento que nada mais é do que a interpretação do sujeito sobre os fatos recordados em decorrência da atuação desses diálogos.

Ainda sobre as conexões existentes entre reminiscência, interpretação e narrativa, Hampaté Bâ explica que: “Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é” (HAMPATÉ BÂ, 2010, s/p). Desse modo, a palavra é a substância da existência humana. Mesmo sem ainda recorrer à escrita, a palavra já habita o ser humano, pois ela é a concretização do Ser enquanto testemunha do tempo e parte da memória coletiva do lugar.

Sendo assim, a formação do sujeito dentro de uma sociedade faz parte de uma complexa rede de negociações discursivas que implicam na seleção da memória coletiva que será lembrada e repercutida pelo sujeito como registro das suas representações identitárias. A escrita, nesse cenário, é uma tentativa de organização das complexidades do pensamento humano. No entanto, a escrita nem sempre é capaz de comportar a natureza do pensamento humano em sua totalidade, “Como sabemos, pessoas não são livros, não podem ser estudadas como livros nem sequer podem ser *colocadas* nos livros. Há uma relação complexa entre as pessoas, as histórias que contam, e os livros que lemos, que estudamos e que escrevemos” (PORTELLI, 2010, p.210). A escrita é filtrada. Toda tentativa de captura da realidade ou mesmo desejo de concretude do pensamento são esforços que nem sempre dão conta das complexidades da

formação humana. Além disso, a palavra é uma materialidade humana, construída pela perspectiva de um sujeito historicamente construído, que possui posicionamentos que implicam nas narrativas que escreve.

Dessa forma, a memória é a referência do sujeito no mundo. É a guardiã das construções coletivas de um lugar e por meio dela os espaços, os objetos, e as pessoas são significados. Nesse sentido, as representações regionais são preservadas e ressignificadas segundo a ação da memória e a literatura regional aborda e repensa as manifestações e expressividades de uma região considerando o passado e a história construída dentro de um espaço significativo. E nesse contexto, a memória é o instrumento capaz de recobrar a consciência histórica e humana de uma comunidade, criando espaços de questionamento e reflexão sobre as memórias preservadas e repercutidas dentro da regionalidade do lugar.

4 OS TERRITÓRIOS LITERÁRIOS DE IMPERATRIZ

descendo a rua beirando
 o rio entre árvores
 e onde foi o banco do s
 vou passando a vista
 na ruptura que é
 água sem barulho lixo e florzinhas
 os adolescentes dão voltas
 e ao meu redor o tempo
 já passou depressa
 pra mim e pros meus amigos
 que ainda são bonitos
 e sem esperanças
 às vezes desisto da minha
 aparência mas o mundo
 não desiste vive me lembrando
 que o meu corpo ainda está
 aqui pra descer até o rio e vê-lo
 partir a vida em duas margens.
 (Julio Pires)

4.1 O começo....

Para compreender os caminhos trilhados pela literatura imperatrizense é necessário estabelecer uma relação interdisciplinar entre história e literatura¹², uma vez que para administrar todos os eventos e influências que envolvem os processos de criação e produção da literatura imperatrizense, olhar para o passado, para a memória desse tempo passado, seja em seus registros escritos ou nas falas dos próprios personagens dessa história, é uma atividade imprescindível e fundamental.

Tendo isso em vista, a experiência literária imperatrizense comparada com os anos de surgimento da cidade é recente. Os livros que tratam da historicidade de Imperatriz, como o livro comemorativo de 150 anos da cidade (2002), com textos de autoria do pesquisador e escritor Adalberto Franklin e o livro de memórias do também escritor da cidade Zé Herênio (2003), contam que a história da literatura imperatrizense começa a ser escrita a partir do ano

¹² No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico (BORGES, 2010, p.98).

de 1972 com a publicação do livro *Eu, Imperatriz*, de Edelvira Barros. Mas é a partir dos anos 80 que a produção artística da cidade desponta no cenário regional, sendo somente nos anos 90 que a Academia Imperatrizense de Letras - AIL, instituição responsável pela organização e mobilização da literatura local, é fundada.

O atraso na consolidação de uma literatura imperatrizense é um assunto debatido por alguns escritores que buscam elucidar as questões que inviabilizaram a construção de uma produção literária local anterior a meados dos anos 70, quando a escrita literária começa a ser pensada e elaborada na cidade.

Os motivos que levaram a esse processo moroso de formação artístico/literário, segundo os textos históricos da cidade, estão relacionados a questões políticas e econômicas que subordinaram Imperatriz ao isolamento econômico em relação às cidades vizinhas e que, conseqüentemente, tiveram repercussões no âmbito educacional. Segundo o texto de Adalberto Franklin, Imperatriz era:

Diminuta e isolada até o início dos anos cinquenta do século XX, não tinha quase nenhuma importância política. Sua movimentação cultural erudita só começou após a chegada das irmãs missionárias capuchinhas e a instalação do colégio Santa Teresinha, em 1927. Antes disso, sequer possuía escola regular (IMPERATRIZ, 2002, p. 153).

Dessa forma, a educação formal imperatrizense se inicia tardiamente e em função da educação religiosa católica. Entre os anos de 1924 a 1942 a educação da cidade ficou sob a responsabilidade das atividades realizadas no educandário que, posteriormente, tornou-se a Escola Santa Teresinha das irmãs franciscanas e o Colégio Sagrada Família, criado por Vital Pereira (HERÊNIO, 2003, p.40).

A inviabilidade das atividades econômicas em Imperatriz no início do século XX com o desenvolvimento de cidades como Carolina-MA e Marabá-PA, fizeram com que parte da população que residia em Imperatriz migrasse para outros municípios. A ocorrência desses processos migratórios afetou todos os campos de desenvolvimento da cidade (HERÊNIO, 2003).

Em consequência de tal comprometimento, gerações sucessivas amargaram imensas desilusões e descrenças. E não poderia ser diferente. Impotente ante omissões e desmandos, a sociedade imperatrizense, durante mais de um século teve de suportar a mais completa solidão e abandono. Tomamos como parâmetros municípios vizinhos que, em idêntico período, tiveram melhor sorte no que concerne ao desenvolvimento sócio-cultural de sua gente (HERÊNIO, 2003 p. 16).

A ausência de iniciativas econômicas e políticas foram cruciais para a desigualdade

educacional na cidade, uma vez que a educação religiosa não oferecia à maioria pobre da população instrumentos suficientes para a produção do conhecimento. É sob essas circunstâncias que a produção escrita da cidade de Imperatriz na primeira metade do século XX se estabelece como rara e limitada.

Visível omissão de seus dirigentes, a organização e o progresso da comunidade sempre repousou em lares bem frágeis. Tanto é verdade que hoje a história nada tem a registrar senão à ação individual dos que lecionaram em fazendas e alguns outros que, na cidade, difundiram seus pardos conhecimentos (HERÊNIO, 2003, p. 30).

Os municípios de Grajaú, Barra do Corda e Carolina na primeira metade do século XX já desenvolviam uma literatura regional com publicidade nos jornais locais, projetando assim, a cultura da região sul maranhense. A escritora e historiadora Carlota Carvalho, autora da obra *O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil* (2006), descreve a cidade de Imperatriz como o “lugar em que há menos amor às letras”, pois, “para incutir esse gosto ainda não teve um militão” (IMPERATRIZ, 2002, p.153). A constatação da autora considera a pouca produtividade da cidade no campo literário no período da primeira metade do século XX, tendo em vista os avanços alcançados pelos municípios vizinhos. No fragmento do texto de Alfredo Maranhão (online), *Imperatriz ontem e hoje*, o abandono vivido pela cidade nessa época é novamente citado em relação aos avanços que, posteriormente, a cidade viria a ter com a construção das estradas que interligam Imperatriz aos estados do Pará e Tocantins.

Até os anos 60, éramos conhecidos como a Sibéria brasileira. Vida de suspenses, silêncio crepuscular. Viajantes que por aqui passavam, faziam questão de não parar. Mas Imperatriz se transformou. Com a ligação do Sul com o Norte e a criação da Belém Brasília, novos horizontes se abriram. Muita gente chegou, muita coisa foi construída.

Na segunda metade do século XX com a ascensão econômica da cidade no cenário regional, a produção literária começa ser pensada tendo em vista a necessidade de (re)formular representações, símbolos intelectuais e culturais imperatrizenses. Dessa necessidade surge o nome do poeta Manoel de Souza Lima.

O autor imperatrizense Ribamar Silva é um estudioso do poeta Souza Lima e nas páginas de apresentação da obra *Outono* (2019), que Ribamar Silva participou dos processos de edição e publicação, uma curiosidade é abordada acerca da relação de Souza Lima com a cidade de Imperatriz.

Ribamar Silva conta que Souza Lima foi por muito tempo considerado o primeiro

escritor imperatrizense. Em virtude disso, a cidade homenageou o poeta com o título de “militão da literatura imperatrizense”, além de nomear espaços públicos com o seu nome, dentre eles uma das principais ruas do centro da cidade. As divergências com relação ao nascimento do poeta Souza Lima surgem principalmente pela omissão do local de nascimento do escritor nos seus documentos oficiais, além de serem poucas as informações sobre a sua passagem na cidade de Imperatriz. No entanto, Ribamar Silva aponta que Souza Lima além de ter tido uma curta passagem por Imperatriz, morou cerca dois anos na cidade, não faz nenhuma referência em sua obra poética a cidade de Imperatriz, nem sequer menciona qualquer aspecto relativo à cidade.

Entrevistado: Ribamar Silva (26min:00s): Não dialoga com Imperatriz, nada, não tem nada de Imperatriz na obra dele. Toda a obra de Souza Lima é praticamente indigenista. E a família do Souza Lima, com quem eu conversei, conversei com uma filha dele, 102 anos de idade muito lúcida, as netas, bisnetos, todos me asseguraram que ele falava muito bem a língua tupi e que ele nasceu em Grajaú. Ele veio pra Imperatriz, porque Imperatriz era território de Grajaú também. Ele veio para cá porque Imperatriz se inclui, assim, em uma terra de oportunidades. Aqui ele não teve muitas oportunidades. Foi ser professor primário em uma fazenda onde... Edelvira escreve isso, e outros. Acontece que ele era parente do padre João, padre da Boa Vista que hoje é Tocantinópolis que era um líder religioso, mas também era um grande líder político e era tio dele, então ele ouve por bem se mudar pra Tocantinópolis e lá viveu a sua vida e morreu lá, o túmulo dele tá lá em Tocantinópolis. Eu tenho a certidão de nascimento dele e sua certidão não diz qual a sua cidade, só diz o estado. Mas eu tenho o testemunho da família e de outras pessoas que escreveram sobre ele ...que testemunham, inclusive Carlota Carvalho ou o Parsondas de Carvalho.

O fato é que alguns escritores e personalidades da cultura da cidade chegaram à conclusão que o título de primeiro autor imperatrizense não podia ser dado ao poeta Souza Lima, tendo em vista que este não foi considerado um autor da cidade. Não nasceu na cidade nem refletiu o curto tempo que passou em Imperatriz nos seus escritos. Até mesmo a grafia de seu nome foi escrita e reproduzida na cidade de forma errada, ou seja, era um desconhecido para a cidade. Outros questionam estes argumentos e reiteram o título de primeiro autor da cidade. No entanto, afóra estes embates de determinar quem foi o primeiro autor imperatrizense a publicar um livro, é inevitável se perguntar, seriam estes os critérios irremediavelmente fundamentais para se apontar um autor imperatrizense? E se o autor for imperatrizense, mas não espelhar essa característica em sua escrita? Ele deixa de ser um autor imperatrizense?

A questão da regionalidade na literatura não está atrelada a questões cartoriais de naturalização, mas sim a capacidade de vivências, conflitos e representações culturais serem refletidas na escrita literária. É a partir da criação de códigos, simbologias e linguagens que no interior das relações sociais se institui um espaço de construção narrativa, a partir da historicidade, da constituição de uma memória coletiva e da identidade. Desse modo, ser um

autor imperatrizense deixa de ser uma característica relacionada a localidade, para ser uma referência a conexão que o autor tem com o espaço que interage e que se insinua na sua literatura.

Hoje o nome de Edelvira Barros consta como a primeira escritora da cidade, com a obra *Eu, Imperatriz*, publicada em 1972, produção essa, reconhecida “pelo ineditismo do conteúdo e pelo porte editorial ” (IMPERATRIZ, 2002, p.154). Segundo Adalberto Franklin, no livro *Imperatriz: 150 anos*, a produção literária imperatrizense se resume até os anos 70 aos textos de Edelvira Barros, e a “Dois ou três jornais manuscritos entre os anos trinta e cinquenta e a realização de eventuais saraus literários e apresentações teatrais patrocinadas pelas Irmãs Missionárias Capuchinhas da Escola Santa Teresinha” (IMPERATRIZ, 2002, p. 154). Assim, a literatura da cidade até meados do final dos anos 70 limita-se aos textos jornalísticos e alguns poéticos encontrados nos primeiros exemplares do Jornal *O Progresso*, bem como, também, nas atividades culturais e literárias que envolviam a participação da igreja católica representada pela ordem das freiras capuchinhas.

4.2 Os anos 70 e o teatro

Em contrapartida à escassez de produção literária na cidade até meados dos anos 70, as atividades culturais de Imperatriz, que precederam o movimento literário, oportunizaram a criação de grupos artísticos e abriram caminhos para importantes atividades culturais que, por sua vez, influenciaram e produziram a literatura da cidade.

Para contar parte da história do teatro imperatrizense é necessário olhar para os personagens que tornaram real o desejo de criar os espaços culturais da cidade. Entre esses personagens está Pedro Hanaye, pioneiro do teatro imperatrizense. Em entrevista documentada no canal do Youtube *Memória Teatro Ferreira Gullar e ASSARTI (2021)*, ele conta a sua experiência com o teatro em Imperatriz que, por sua vez, é a história do início do movimento teatral na cidade. Nascido em Codó, no Maranhão, Pedro Hanaye veio para Imperatriz em 1972, após uma temporada na Europa, quando começou a lecionar francês na escola Bernardo Sayão, onde iniciou o trabalho cultural de promoção do teatro entre os alunos. Nesse mesmo ano, escreveu e produziu o primeiro espetáculo na cidade, intitulado *Arautos do grande rei*, a peça era uma sátira religiosa baseada na vida de São Francisco de Assis e encenada no Clube Recreativo Tocantins.

Pedro Hanaye conta que já existia um movimento teatral que percorria as escolas da cidade por iniciativa de Aldeman Costa e Edmilson França. Foi nesse momento que ele junto

com outros atores criaram o Grupo Teatral Padre João Mohana¹³. O ensaio das peças era após o período de aula. O primeiro espetáculo do grupo ocorreu em 4 de outubro de 1972, no Clube Recreativo Tocantins. O Grupo Teatral Padre João Mohana era vinculado ao Grêmio Juvenil Católico, mas Pedro Hanaye ressalta que esse era um grupo dissidente da própria igreja católica, que naquela época tinha muita influência nas atividades culturais da cidade.

Em 1974, o grupo encenou outros espetáculos, todos ligados às temáticas religiosas. A tendência de encenar espetáculos religiosos evidencia a influência da igreja católica nesses primeiros anos do teatro imperatrizense, que nos anos 70 dominava não só o meio cultural como também todos os setores sociais da cidade. Sobre as primeiras peças escritas e produzidas pelo Grupo Teatral Padre João Mohana, Pedro Hanaye destaca a peça *Adão e Eva escrita* em colaboração com Orcalino Vasconcelos e uma releitura de *A paixão de Cristo*. O grupo evoluiu, tendo já no terceiro espetáculo 25 atores, encenando *O pagador de promessas*, de Dias Gomes. Além das peças religiosas, o grupo também era uma escola de artes para jovens, com espaço para encenações do teatro grego, releituras de clássicos como *Édipo Rei* e *Antígona*, ambas de Sófocles.

Fizemos um outro espetáculo. A gente queria angariar dinheiro para criar um salão de artes, e pedimos a Laura Oliveira que se tornou vereadora naquela época para ela interferir sobre esse terreno (atual espaço do teatro Ferreira Gullar, grifo meu) que pertencia ao projeto Rondon na época era da missão dos americanos e tinha essa casa que depois se tornou casa da cultura, secretaria do município. E nós adquirimos esse terreno para fazer quadrilha e nessa quadrilha angariar dinheiro. Fazíamos festa para fazer teatro, era mais ou menos assim. E daí que aludindo às questões dessa época, nós criamos um movimento associativista que depois nós demos o nome de Príncipe Teatro, em 1974. Por que Príncipe Teatro? Porque achávamos que o príncipe era filho da imperatriz. A imperatriz tinha um filho que era a arte. Nós demos o nome de Príncipe Teatro e Jurandir Gomes o batizou de de PRITEI, Príncipe Teatro de Imperatriz. E esse PRITEI funcionava aqui. As peças teatrais eram no relento, no ar livre, nós fazíamos as luminárias de galão de tinta, nós coloríamos a estopa, o saco de açúcar para fazer os trajes dos alunos. Era muito rudimentar (HANAYE, 2021, 10m06s).

O espaço do PRITEI fomentou eventos importantes da cultura imperatrizense, nos anos 70, como exposições de pintura da Escola de Pintura e o primeiro Festival da Canção Imperatrizense em 1977, em que Neném Bragança saiu como primeiro vencedor. Segundo Pedro Hanaye (2021), o objetivo do festival de música de 1977 era aproximar os músicos

¹³ Fazia parte do Grupo teatral Padre João Mohana jovens que ainda estavam nos últimos ano do ensino básico, dentre esses jovens estavam nomes como: Bernardo Alves, Rute Marinho, Humberto Nunes, André Cardoso, Jane Marinho, Maria Leide, Rosa Alvo, João Cortez, Didi Praes, Maria das Neves, Aroaldo Santos, Célia Duarte, Jurandir Gomes, Carlos Gormel Comparada, Antonio Carlos Silva, Rosenda Fonseca, Fátima Meireles, Fátima Marinho e Elias Santos

imperatrizenses e os associados ao PRITEI pois, segundo ele, “queríamos formar, da escola de música, elementos que pudessem cantar sua terra” (HANAYE, 2021, 4m20s). Nesse período, surgiram nomes como Zeca Tocantins, Selim Galhães, Nenem Bragança e outros.

O PRITEI também encenou peças como *Inês de Castro*, do Padre Ramuan e *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias. Algumas peças eram encenadas em praça pública.

Era o ano de 1975, quando um grupo de jovens liderados por Pedro Hanay decidiu ocupar o terreno baldio onde hoje se ergue o Teatro Ferreira Gullar. Ali, depois de efetuada uma limpeza em multirão, foi erguido um pátio onde eram mostrados espetáculos teatrais. As cadeiras eram emprestadas, na maioria das vezes, pelo Sindicato do Arrumadores.

Chamava-se grupo PRITEI - Príncipe Teatro de Imperatriz e apresentava desde clássicos, como *Antígona* e *Medéia*, a regionais como *Morte e Vida de Severina* e *Gente no Sertão*; também os humorísticos *Canção de fogo*, *Chiquinho Colibri* e *Maria Minhoca* (IMPERATRIZ, 2002, p. 162).

A peça mais simbólica do movimento promovido pelo PRITEI, segundo Hanaye (2021), se chama *Pedro do Mato*. Espetáculo baseado nos problemas sociais de Imperatriz. Abordava questões rurais como a grilagem de terra e a pistolagem contra pequenos agricultores. Foi nessa época e com esse espetáculo que o PRITEI foi convidado para o 2º Festival Maranhense de Teatro de São Luís. A peça foi um sucesso e esse momento é classificado por Hanaye como “a ida do sertão as praias” (2021, 6m05s). O sucesso do espetáculo foi tamanho que a 2ª Mostra de Teatro foi em Imperatriz, “demos início a interiorização do teatro” (HANAYE, 2021, 6m28s). Pela primeira vez, um movimento cultural organizado estava ganhando visibilidade no estado do Maranhão. Esse momento de produção teatral em Imperatriz, também, é recordado pelo escritor Domingos César:

Entrevistado: Domingos César: (12min:03s): O Pedro Hanaye incentivava muito a criação de texto. Claro que nós trabalhamos muito com as peças de João Mohana, João Cabral de Melo Neto, de tantos e tantos grandes autores teatrais. Nós trabalhamos, mas tínhamos uma preocupação, inclusive das amostras Maranhense de Teatro das quais participei todas foram com trabalhos nossos. *Pedro do Mato* e *Gente do Sertão* foram trabalhos nossos. E o Pedro botava a gente pra fazer pesquisa, pesquisa na zona rural, com as quebradeiras de coco, com os lavradores para ver a situação deles lá dentro do campo, as suas lutas, as suas crenças, as suas rezas, as suas tradições, as suas brincadeiras, e tudo a gente via e trazia para o teatro.

Como conta Pedro Hanaye (2021), Jurivê de Macedo deu visibilidade às conquistas do PRITEI nos jornais da cidade e foi assim que o grupo conseguiu apoio para a criar a primeira casa de espetáculos de Imperatriz levantada em 1976. No entanto, como relembra Hanaye (2021), nessa mesma época os censores da ditadura passaram a censuravam os espetáculos, “Todo espetáculo era censurado, nós não podíamos fazer o espetáculo de portas abertas, tinha

que passar pela polícia federal o texto escrito que a gente fazia e se eles não liberassem não ia pra frente” (HANAYE, 2021, 5m26s).

No entanto, mesmo sob esse contexto repressor, a peça *Gente do Sertão* se tornou um sucesso. O espetáculo buscava fazer alusão aos problemas sistêmicos da cidade, como o caos da saúde pública da época e as questões agrárias. “Imperatriz não crescia, inchava” (HANAYE, 2021, 13m45s), a cidade fervia em ebulição, o fluxo de pessoas crescia, mas o desenvolvimento social não. Foi nesse cenário que o PRITEI reinventou a encenação da *A Paixão de Cristo* mesclando as críticas à situação de desigualdade e desamparo social da cidade com o discurso religioso.

Para Hanaye, o PRITEI não era bem visto por políticos da cidade, justamente por evidenciar as mazelas e as negligências a que a população imperatrizense era submetida. Essa relação conturbada com as figuras políticas da cidade acabou por retardar o estabelecimento definitivo do teatro na cidade, assim como também dificultou a existência do PRITEI.

Pedro Hanaye foi embora de Imperatriz em 1982, na mesma época em que o movimento teatral, momentaneamente, se esvaziou. Muitos foram os motivos, dentre os levantados por Hanaye (2021) em sua entrevista, estão a mudança de visão do teatro que até então era concentrado na crítica social. Além disso, muitos jovens atores se inseriram na vida pública da cidade, na música, na política e no jornalismo, deixando assim as atividades do PRITEI. Porém, constata-se, também, que no mesmo período surge uma forte dissidência de artistas se contrapondo a Hanaye. Resultando, assim, na criação da Associação Artística de Imperatriz - ASSARTI e na “invasão” definitiva do Teatro Ferreira Gullar.

De fato, as atividades culturais de Imperatriz foram essenciais para a construção da literatura da cidade. A música, as artes plásticas e o teatro foram os pilares para a consolidação de uma produção literária e de autores comprometidos com as culturalidades e as vivências da cidade e região. Nesse contexto, a ASSARTI, criada em 1982, possibilitou a introdução e produção das artes na cidade. Nas palavras do autor Zeca Tocantins “Podemos reconhecer a Associação Artística de Imperatriz como célula-mãe de outras instituições culturais [...]” (IMPERATRIZ, 2002, p.161). Essa afirmação é reforçada pelo escritor Ariston França:

Entrevistado: Ariston França (10min:36s): A ASSARTI foi o grande elo, foi o nosso grande ligador de elementos entre os artistas de Imperatriz. Essa associação nasceu em 83, a partir da exclusão/eclosão do movimento cultural de Imperatriz através do grupo Oásis, grupo Fontes, grupo Dark que se reuniam no PRITEI que era o Príncipe Teatro de Imperatriz, que hoje é conhecido como Ferreira Gullar. E a partir de 83 nós tivemos essa eclosão com a Associação Artística de Imperatriz que congrega todas as artes de Imperatriz e região, não somente o teatro, a ASSARTI tem dentro da sua associação todos os elementos artísticos. E a minha vida foi justamente no teatro

e fiz teatro a vida toda, no grupo Oásis, também no grupo Fontes, no grupo Vamos Jogar o Jogo do Jogo.

O escritor Ribamar Silva pontua ainda que:

Entrevistado: Ribamar Silva (4min:14s): A ASSARTI era, por assim dizer, o primeiro grande organismo institucionalizado que congrega artistas, não era escritores eram artistas de toda a ordem.

O teatro, como até aqui foi pontuado, foi o grande reduto das atividades culturais da cidade de Imperatriz em meados dos anos 70, quando a produção e a publicação de literatura na cidade ainda era muito tímida. As atividades culturais oportunizadas pelo PRITEI, e posteriormente, pela ASSARTI deram início a muitos movimentos de engajamento cultural que criaram profundas raízes nas vivências e narrativas imperatrizenses. Foram importantes para a construção dos escritores que fizeram a literatura da cidade e fortaleceram os laços entre os artistas com as narrativas locais.

4.3 Eu, Imperatriz

Em contrapartida à efervescência da produção teatral nos anos 70, a publicação de literatura na cidade só foi iniciada a partir do livro *Eu, Imperatriz*, de 1972. O livro de Edelvira Marques foi um marco na produção literária imperatrizense. Apesar das divergências relacionadas à obra enquanto narrativa, é inegável a sua importância para a compreensão da perspectiva literária que é projetada a partir do começo dos anos 70.

Após quarenta anos da primeira edição, *Eu, Imperatriz* foi reeditada pela AIL no ano de 2012 com revisão e organização do escritor Adalberto Franklin (FRANKLIN, online). Os textos de Edelvira Marques são retratos históricos e literários de Imperatriz recobrados pela memória afetiva que busca reconstruir o passado da cidade em face da regionalidade que norteia as vivências imperatrizenses.

Escrita em primeira pessoa, o livro de Edelvira Marques é narrado pela cidade personificada. Nos textos de apresentação do livro é explicado que a princípio a obra iria ser utilizada para fins didáticos. No entanto, o livro virou um símbolo para a primeira geração de escritores da cidade e uma rica fonte de pesquisa, pois conta com o olhar da autora sobre a construção e a evolução da cidade de Imperatriz permeadas pela perspectiva do tempo em que o narrador, a cidade, é situado.

É interessante partir da análise da construção narrativa em um tempo situado, pois, isso

destaca que o narrador da obra fala em um recorte no tempo envolvido em uma trama de discursos que pontuam a postura da narrativa em relação a história contada. Como a própria autora explica: “Este livro não é um livro didático, nem uma obra literária. É um feixe de pequenas crônicas, onde fielmente, propus-me a registrar a história, a vida de minha terra. Uma fonte informativa” (MARQUES, 2012, p.23). No entanto, o livro tornou-se referência para a literatura imperatrizense ao se apossar de uma estrutura literária.

Edelvira Marques foi professora e instituiu o ensino de história e cultura de Imperatriz no currículo da educação básica da cidade. O livro foi idealizado pela escritora após um pedido do então prefeito Renato Cortez Moreira que compreendia a necessidade de uma obra que registrasse a história da cidade desde os seus primórdios, o que foi delegado à escritora e historiadora pela participação dela nos avanços educacionais e culturais da cidade. O livro se divide em duas partes, mais um apêndice com as biografias das principais autoridades da cidade e um anexo com o dia do livro imperatrizense.

Mesmo inicialmente alertando para o caráter historiográfico da obra, *Eu, Imperatriz*, conta os progressos e retrocessos vividos pela cidade no decorrer de acordos políticos firmados/desfeitos e que, de certa maneira, ditaram as transformações vivenciadas pela cidade.

Por se tratar de um livro de “memórias” contadas pela cidade, mesmo que por intermédio de uma pesquisa histórica realizada pela autora, a obra apresenta um narrador personagem complexo. A cidade manifesta uma perspectiva sobre os eventos que recaíram sobre a sua história, e esse olhar é direcionado por um discurso de defesa em que a cidade, enquanto personagem, rebate as acusações historicamente atribuídas a ela.

Nem sempre fazem justiça. Sou uma cidade humana, considero-me a mais democrática cidade brasileira. Entretanto, calúnias são lançadas contra mim. Sou chamada de: “antro de assassinos”, “covil de ladrões” etc. Mentira, tudo mentira. O meu povo é ordeiro, trabalhador e hospitaleiro, assim prova quem aqui chega (MARQUES, 2012, p. 103).

A memória presentificada em *Eu, Imperatriz*, parte da percepção de um narrador em enfrentamento com seu presente e com o seu passado. Recobrar a memória, ainda mais na posição de resgate a que o narrador, a cidade, na obra de Edelvira Marques está localizado, traduz o campo conflituoso em que os discursos e seus tempos se contrastam. Os relatos apresentados pelo narrador na obra se situam em um lugar onde a cidade, narrador, assume uma escolha discursiva, fruto, em parte, da memória remanescente que envolveu a perspectiva histórica que marca o tempo em que obra foi escrita e as influências discursivas que pesam sobre a construção desse narrador. Acerca das relações existentes entre memória e história

dentro da consolidação de uma narrativa, Sarlo diz que:

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, justiça, de subjetividade). Pensar que poderia existir um entendimento fácil entre essas perspectivas sobre o passado é um desejo ou um lugar-comum (2007, p. 9).

O conflito estabelecido entre memória e história, presente e passado é o lugar da constituição dos processos identitários. A disputa de poder entre esses elementos estabelece a narrativa que será internalizada na memória coletiva de um lugar e decifrada como aspecto identitário de um povo. A percepção sobre essa narrativa oficializada pelos processos de consolidação identitária inaugura uma temporalidade que permanece no imaginário social, mas que nem sempre está alheia à ação do tempo. “A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar” (SARLO, 2007, p. 25). É dessa maneira que as leituras que atravessam a obra de Edelvira Marques, hoje apontam problemáticas sobre a visão que um determinado segmento específico do tempo tinha sobre a história da cidade de Imperatriz. O tempo é uma constante mutável e conforme ele passe as leituras das narrativas escritas sob a influência dele também mudam.

Dentro da escolha de perspectiva construída na narrativa de *Eu, Imperatriz*, o olhar com o processo de colonização e catequização, por exemplo, guarda os resquícios dos discursos religiosos que moldaram parte dos costumes e cotidianos dos imperatrizenses. O livro inicia contando rapidamente que o espaço hoje compreendido, como a cidade de Imperatriz, era habitado por indígenas do povo Krikati que foram violentados, expulsos do seu lugar em nome de uma colonização e das imposições religiosas da catequização.

Meu fundador, o sempre lembrado Frei Manoel Procópio, não me abandona. Fica trabalhando, catequizando índio, defendendo-me, vivendo.
Mas nem tudo era paz e progresso. Às vezes os índios atacavam e faziam grandes estragos (MARQUES, 2012, p. 31-36).

O cenário desenhado pela narrativa de Edelvira Marques compreende um ponto de vista e uma discursividade ainda reproduzida no imaginário coletivo nacional de animalização, e bárbarie dos povos indígenas. Narrativa tão arraigada que, mesmo em meados do séc. XX, ressoa na obra em questão, culpabilizando os povos originários como responsáveis pelos ataques e estragos a uma cidade/país ordeira, na paz e progresso. Evidenciado, até nos dias atuais, uma aversão, espécie de ódio à presença dos povos indígenas na região.

Dessa forma, a narrativa de *Eu, Imperatriz* traz por meio da narrativa memorialística a “reconstrução” histórica, colonizada/colonizadora, respaldada sob o olhar da cidade “humanizada”. Tendo isso em vista, apesar de inevitáveis questionamentos, a obra de Edelvira Marques é reconhecida como a primeira obra publicada na cidade de Imperatriz de uma autora residente na cidade e que escreveu sobre aspectos da cidade.

Apesar da obra de Edelvira Marques ter sido escrita no início dos anos 70, foi somente nos anos oitenta que a literatura imperatrizense se corporificou nas publicações de autores engajados com o projeto de tornar a literatura local ativa e produtiva. E foi com a introdução das primeiras editoras que as produções literárias da cidade ganharam publicidade.

Na década de oitenta, porém, ocorreu um “surto” de publicações, favorecidas talvez pela introdução de impressoras off-sets nas oficinas gráficas da cidade. Quase trinta livros foram publicados nessa década. E vários começaram a despontar. Até 1985, as principais publicações foram feitas por Ribamar Silva, Benedito Batista Pereira, Porto Ferreira, Domingos César, Livaldo Fregona e Vito Milesi (que teve o seu livro *da cidade grande ao sertão* lançado em nível nacional pela editora Sem Fronteira, de São Paulo (IMPERATRIZ, 2002, p. 154).

A partir dos anos oitenta a produção literária da cidade ganhou protagonismo com nomes como Livaldo Fregona, Ribamar Silva, Domingos César, Tasso Assunção, Leonildo Alves, Gilmar Pereira, Ribamar Fiquene, Ulisses Braga, Carlos Brito, Frank Barros e Manu Rolim. Somente em 1991 que a Academia Imperatrizense de Letras - AIL foi criada, tendo como membros fundadores nomes como Edmilson Sanches, José Geraldo Costa, Vito Milesi e Livaldo Fregona, personalidades importantes da cultura imperatrizense e também escritores da cidade.

4.4 O GRULI

O surgimento de uma literatura criada e difundida na cidade de Imperatriz começa com a ascensão do teatro e dos diversos grupos de artistas que passaram a desenvolver seus projetos a partir das conquistas do movimento teatral na cidade. O teatro foi a soma de muitas manifestações artísticas que consolidaram um movimento de ocupação dos espaços públicos em prol do engajamento cultural na cidade.

Entrevistado: Ariston França (13min:57s): Então, esse momento na década de 80 foi o grande apogeu do que hoje a gente tem em Imperatriz. A gente tem hoje uma cultura que, não diria enfraquecida, mas tímida. A gente não vê mais com tanta exclusividade como a gente teve na década de 80, meados da década de 90. Onde tivemos aqui em Imperatriz mostras de teatro, congressos de teatro, grandes

espetáculos chegaram a vir para Imperatriz. Como tivemos a 10ª. Mostra de Teatro Amador [do Maranhão] que conseguimos ver vários espetáculos do Brasil, de Imperatriz, tanto aqui, no espaço... na época estávamos com o Teatro Ferreira Gullar em ruínas e funcionava onde é hoje o prédio da Academia Imperatrizense de Letras, [antigo Paço da Cultura], ali montamos uma sala de teatro chamada Sala Glauber Rocha. Chegamos a ocupar esses espaços porque a gente percebia que eram espaços culturais, que tinham a nossa cara e que tinha que dar uma resposta para a sociedade inclusive nos espaços culturais de Imperatriz.

As artes cênicas foram fundamentais, de igual modo, o movimento musical, para o estabelecimento de um projeto cultural na cidade de Imperatriz. Do envolvimento dos membros dos grupos teatrais, em especial o Grupo Oásis, capitaneado inicialmente por Mauro Soh, depois, em parceria com Gilberto Freire de Santana; com os músicos Zeca Tocantins, Neném Bragança, Erasmo Dibel, Carlinhos Veloz, Selim Galhães, Henrique Guimarães e outros trilhando os seus primeiros acordes. Todos membros participantes da Associação Artística de Imperatriz e “ocupantes” do Teatro Ferreira Gullar. Daí, a partir do exercício da retomada do jornal de mimeógrafo “*Voz da Assarti*”, antes fruto de tão somente Ribamar Silva, surge a turma da literatura.

Depoimento de Gilberto Freire de Santana: O juntar da turma da literatura na Assarti se efetivou a partir da retomada da publicação do jornal de mimeógrafo “*Voz da Assarti*”, antes editado por Ribamar Silva, a partir daí, editado pelos aventureiros literários: eu, recém chegado de Brasília, Ribamar Silva e Gilmar Pereira com a colaboração de outros tantos aventureiros literários, como Ariston França, Fernando Fernandes, Tasso Assunção, Luciney Moraes e outros. A produção se restringiu a tão somente dois números publicados. Para o primeiro, foi usado o mimeógrafo do Colégio Graça Aranha, que depois da publicação rompeu a parceria, por considerar o “jornal” um tanto sacrílego, devido ao poema... de Gilberto... não lembro o título; para o segundo, foi utilizado o mimeógrafo do CESI/UEMA, autorizado pela profa. Liratelma Alves Cerqueira, chefe do Departamento de Letras. Aconteceu então o CONGREARTI, na Praça da Cultura¹⁴, onde todos artistas imperatrizenses se reuniram, por setores, para discutir a cultura imperatrizense. A turma da literatura propôs a criação do GRULI, Grupo Literário de Imperatriz. Só após a escolha da sigla, pela turma dos aventureiros literários, fiquei sabendo que “gruli”, no “dicionário” local, significava cabelo muito crespo, “pixaim”. Era isso, erámos orgulhosamente “pixaim”.

O nascimento do GRULI, foi um momento de grande incentivo à produção literária na cidade. O entendimento de um círculo de produção, revisão e publicação de literatura em Imperatriz motivou o engajamento de muitos escritores que vislumbraram um projeto de literatura colaborativa em que pudessem estabelecer um nível de produção e qualidade próximo

¹⁴ Praça da Cultura que antes era chamada Praça Castelo Branco. O movimento artístico se apossou do espaço e a partir daí ela passou a se chamar Praça da Cultura. Mesmo quando anos depois, em 1998, após a morte do prefeito Renato Cortez Moreira, quiseram colocar o seu nome, a classe artística não aceitou. Assim, até hoje continua a ser a Praça da Cultura.

às expectativas dos componentes do grupo.

Depoimento de Gilberto Freire de Santana: Na época, com exceção de Ribamar Silva, como o seu livro “Poemação”, a marca literária imperatrizense era um certo passadismo, uma espécie de parnasianismo que teimava resistir desde os discursos laudatórios de Ribamar Fiquene, às “imponentes” declamações-saraus poéticos da professora... O GRULI surge exatamente para contrapor a tudo isso. Inicia com a ideia de juntar pessoas que se interessavam pela literatura. Em uma espécie fílmica tupiniquim imperatrizense de *Sociedade dos poetas mortos*, no nosso caso uma pretensa sociedade de pretensos poetas vivos, estabeleceu-se o ritual, de todo fim de semana, exatamente no sábado à tarde, inicialmente na loja de Onofre Côrrea, depois na casa da avó de Gilmar Pereira, reunirmos para que fossem lidos poemas dos membros. Era um pacto em que quem quisesse lia seu poema e não existia nenhum pudor de questionar, analisar, espinafrar e, é claro, elogiar.

O GRULI foi um marco para a literatura imperatrizense como conta o livro *Imperatriz: 150 anos* (2002). Ele foi liderado por nomes como Gilberto Freire de Santana, Ribamar Silva e Gilmar Pereira, tendo como membros participantes Luciney Moraes, Ariston França, Tasso Assunção, Fernando Fernandes, Paulo Ivan, Henrique Pé no Chão e Juscelino Pereira. Dentre suas ações, além de estudo e análise literária, decidiu-se pela criação do *I Festival de Poesia Falada de Imperatriz*, no ano de 1983.

Depoimento de Gilberto Freire de Santana: O *Festival de Poesia Falada*, em 1983, é criado exatamente para se contrapor ao tom declamativo que entorpecia os “saraus” imperatrizenses. O “falada” do título explicitava exatamente essa insurgência: não a declamação, sim a interpretação. Tivemos onze poemas inscritos. Lembro que o meu poema inscrito, que nem lembro do título, tinha como meta escandalizar e, por consequência, quebrar radicalmente o jeito de dizer poesia. Chamei Ana Tereza e propus que ela, em gestos masturbatórios, (des)declamasse o poema. A partir daí, a declamação foi sendo completamente descartada em *Imperatriz*. Vitória indescritível. Assim, entre goteiras e goteiras de um temporal sem fim, que inundou o galpão do antigo Teatro Ferreira Gullar, realizou-se o primeiro Festival de Poesia Falada, que foi vencido por Célia, que interpretou o poema de Gilmar Pereira, também vencedor. No ano seguinte, o festival passou a ser denominado *II Festival de Poesia, Crônica e Conto*, inicialmente com alcance imperatrizense, depois maranhense, até se tornar um festival nacional. O festival consistia além da premiação dos vencedores na categorias literárias, a interpretação dos trabalhos inscritos que eram encenadas, principalmente, pelos atores e atrizes do Grupo Oásis, dirigidos, na sua grande maioria, por mim. O sucesso do festival se deu, principalmente, pela parceria que foi criada com os atores imperatrizenses. Cite-se Mauro Soh, Joaires Santos (Jojô Balangandã), Didi Prael, João Cortês, Cláudio Marconcine, Judielson Castro, Eró Cunha, Florismar, Ariston, Cida Marconcine, Tânia Star, Goreth, Nice Rejane e tantos outros. Tornou-se, durante anos, o grande evento literário-teatral da cidade. O festival aconteceu há 15 anos. Após a realização do 15º, não havendo mais condições de dar continuidade ao Festival, sendo um dos principais motivos o meu exercício com o professor na Universidade (CESI-UEMA), em reunião, na Academia Imperatrizense de Letras, presidida por Edmilson Sanches, pedi que a AIL assumisse o evento. Diante do silêncio, não restou outra alternativa, suspender em definitivo o evento.

Além da realização de festivais literários-teatrais, o GRULI também foi responsável pelas primeiras edições “seriadas” na cidade, com a publicação das séries *Espelho* e *Saco Xeio*.

Essa primeira experiência editorial do grupo abriu caminhos para o início das publicações literárias na cidade, que teve seu maior êxito nos anos 90.

Depoimento de Gilberto Freire de Santana: A ideia de publicações do GRULI, pós *Voz da Assarti*, se consolidou a partir da ideia de fazer o *Saco Xeio*, que consistia em ser uma publicação xerocopiada (feita em A4 – página dobrada –, com uma média de 8 a 12 páginas), em que os autores faziam uso de pseudônimos e publicavam seus poemas, comentários etc. Mauro Soh, ator-artista plástico, era o responsável pelas ilustrações e a diagramação. O *Saco Xeio* era colocado em um saco de papel, aquele tipo amarronzado de 1k que servia para colocar farinha, feijão. No saco era estampado (carimbado) o nome do dito *Saco Xeio*. Como público alvo, foi feita uma relação das principais autoridades da cidade, cerca de 100, e ficou decidido que a distribuição seria feita na madrugada. Os exemplares eram colocados por debaixo das portas de cada uma das autoridades “presenteadas”, desde o prefeito, bispo, vereadores, juízes e tudo mais que se considerava autoridade imperatrizense. Tivemos a “petulância” de lançar, em um dos números, o “Manifesto Antiflybackiano”. Galhofas e insurgências. No início foi divertidíssimo, porém, com o passar do tempo, todos da cidade descobriram quem eram os autores, aí perdeu a graça, achamos por bem encerrar a breve carreira de autores/editores anônimos. Ao mesmo tempo da existência do *Saco Xeio*, surgiu a ideia da criação de uma cooperativa, para publicar as obras resultantes dos estudos, análises que aconteciam aos sábados. Em votação unânime, foi escolhida a produção poética de Luciney Moraes para a publicação do primeiro número da “Série Espelho”. Antes de tudo, é necessário reconhecer e enaltecer o papel fundamental desempenhado por Adalberto Franklin, Editora Ética. A partir de sua iniciativa, de encampar os desejos-sonhos grulianos, o livro da Luciney se fez. A primeira obra impressa fruto de uma turma que, em forma de cooperativa, bancou a ideia. Infelizmente, erámos ótimos quanto às ideias, propostas e efetivação, porém, logo constatamos que erámos péssimos vendedores. Como saída, distribuímos os exemplares para os cooperativados e sepultamos de vez a sonhada cooperativa. A “Série Espelho” é retomada quando, através do *Festival de Poesia, Crônica e Conto*, eu, Gilmar e Claudio Marconcine resolvemos publicar, como forma de premiação, os vencedores do festival. Nessa caminhada do festival, é impossível não citar o papel desempenhado pela atriz-artista plástica Didi Prael, responsável pela criação do Troféu Gruli e, além de, nos primórdios, acompanhar eu, Ribinha e Gilmar na peleja de conseguirmos patrocinadores para os troféus do festival. A Getúlio Vargas e a Bernardo Sayão são testemunhas. Com relação ao Troféu Gruli, ele era entregue após a premiação do festival, para os melhores da arte imperatrizense, do teatro, música, artes plásticas etc., eleitos pelos próprios artistas-membros da Assarti. Também, vale ressaltar o papel do jornal *O Progresso*, que cedeu, naquela época, espaço para a escrita gruliana, o “IN MURAL”.

Acerca da dinâmica de produção do GRULI ainda nos anos 80, o escritor Ariston França explica que:

Entrevistadora: O GRULI surgiu dos movimentos culturais que vocês faziam na cidade?

Entrevistado: Ariston França (16min:16s): Sim, o GRULI nasceu a partir da própria concepção da Associação Artística, porque tinha quem fazia teatro, mas tinha quem também fazia literatura e aí vem justamente Gilberto, Gilmar, Tasso Assunção, e uma série de pessoas que não faziam teatro, embora estivessem envolvidas no movimento. Mas já escreviam, já tinham produções literárias. Aí veio o pessoal do teatro, algumas pessoas que vieram do teatro como eu, Fernando Fernandes, Luciney Moraes e outros. A criação desse universo literário, através do Grupo Literário de Imperatriz, se deu a partir dos festivais. Primeiro, o festival de poesia [falada], depois o *Festival de Poesia, Crônica e Conto* que foi esse grande movimento literário que

tivemos em Imperatriz. Nós chegamos a atingir o Brasil inteiro com esse festival. E o grande barato desses festivais eram as interpretações desses trabalhos pelos artistas cênicos de Imperatriz. Tinha o trabalho de várias pessoas, de vários lugares, de vários estados, e os atores de Imperatriz interpretavam. Era uma grande festa no Teatro Ferreira Gullar.

A literatura imperatrizense, a partir das palavras de Ariston França, é uma concepção da diversidade de manifestações artísticas que permeavam as atividades culturais da cidade ainda nos anos 70, tendo seu apogeu criativo, nos anos 80-90. Ainda segundo Ariston França, a partir da Associação Artística se consolidou diversos segmentos artísticos, entre eles o próprio teatro, as artes plásticas, a música e a literatura. Dentro das atividades oriundas da ASSARTI, a comunicação entre os grupos/segmentos era uma constante e apesar de possuírem suas próprias organizações internas existia um trabalho conjunto que, por vezes, se manifestava em ocasiões como nos festivais de poesia, conto e crônica que ocorreram em concomitância com as atividades do GRULI, como explica o escritor Gilmar Pereira, um dos integrantes do Grupo Literário de Imperatriz.

Entrevistado: Gilmar Pereira (9min:19s): Era muito ativa, a pretensão da gente de quebrar o paradigma da literatura em Imperatriz. Se fazia só poesia e... aquelas pessoas de alta sociedade, não vou citar [...] são coisas que já passaram, mas eram pessoas de alta sociedade que faziam saraus. Quando o Gruli surgiu, aí a gente leva a literatura de Imperatriz a ser reconhecida lá fora. E com os festivais, esses sim, ficamos conhecidos muito fora, [porque as inscrições dos festivais que eram abertas para o Brasil inteiro. Foi daí que surgiu a academia, com esse movimento todinho. Eu vim pra academia depois de muito tempo, uns quatro anos depois de fundada, porque o GRULI ocupava muito tempo da gente. Tinha muito trabalho apesar de ser só um festival por ano. Mas era intenso esse trabalho e além disso a gente estudava. O GRULI era um grupo de estudo que faz a diferença de todos os outros grupos. De estudo mesmo, a gente escrevia, ia pra reunião dia de sábado, lia sua poesia, lia sua crônica, entregava pro outro, o outro lia, “isso aqui era assim...”, “não pode ser assim...”. E fazia toda aquela análise de como poderia escrever melhor. Isso ajudou muito a gente, muito, muito as pessoas a escrever. O Gruli é um grupo que foi fundamental [para o] sucesso da literatura [imperatrizense].

As atividades do GRULI eram resultado de um trabalho coletivo de escrita em que os integrantes produziam, revisavam e influenciavam o processo de construção de escrita uns dos outros. Uma das consequências das atividades de escrita do GRULI foi a criação dos festivais literários que contava com a participação, principalmente, do movimento teatral da Associação Artística na realização do evento. O escritor Ribamar Silva, que participou do GRULI, explica como eram os festivais.

Entrevistado: Ribamar Silva (5min:43s): Os festivais eram o seguinte. A primeira manifestação pública que o grupo literário fez foi aqui na Praça da Cultura, nós fizemos [o Congrearti], um seminário de cultura em praça pública, não era só de

literatura, era de cultura. Muitos escritores... foi muito bom.

Entrevistado: Ribamar Silva (5min:23s): O primeiro festival tinha 11 trabalhos inscritos mas... o último tinha mais de 3 mil trabalhos inscritos. A maior loucura pra julgar isso.

Os festivais contavam com a colaboração de pessoas, na sua maioria, envolvidas em atividades culturais da cidade. Eram realizados em espaços reivindicados pelos grupos artísticos como o Teatro Ferreira Gullar, o Paço da Cultura, a Praça da Cultura e outros locais “ocupados” para a apresentação das produções artísticas, criadas dentro dos trabalhos desenvolvidos nos muitos braços articulados pela Associação Artística da cidade. Gilmar Pereira relembra essa época da seguinte forma.

Entrevistado: Gilmar Pereira (14min:19s): O primeiro festival foi lá [Teatro Ferreira Gullar, grifo meu], mas era pequeno demais, uma cabanazinha, mas tudo aconteceu lá. Aí acontecia assim, o concorrente concorria com a escrita e tinha as interpretações e era uma festa muito grande. Como intérprete surgiu muita gente boa, teve a Jó, a Eró, a Socorro e outros. Era uma festa grande, uma semana de festa grande. Movimentava a cidade e tudo.

Ainda sobre a dinâmica dos festivais, o escritor Ribamar Silva ainda afirma que:

Entrevistado: Ribamar Silva (9min:47s): O festival era feito 3 vezes ao ano [correção, grifo meu: era feito em três dias por ano] no Teatro Ferreira Gullar. Não era apenas um concurso, era um festival com tudo que era manifestação artística, tinha música, teatro, interpretação dos trabalhos escolhidos por atores dentre aqueles trabalhos inscritos que eram apresentados no palco e também recebiam premiação.

O escritor Ariston França também relembra que as atividades de escrita desenvolvidas no GRULI consistiam em encontros regulares dos membros para a observação e análise crítica do que era escrito. Além disso, o autor também recorda que o GRULI objetivava a publicação dos escritos que fossem compreendidos como obras de qualidade por todos os membros do grupo.

A partir das afirmações dos autores até aqui transcritas, percebe-se os motivos que levaram muitos dos entrevistados a concordarem que os anos 80 foram de extrema relevância para a produção literária na cidade de Imperatriz. Isso ocorreu em função do desenvolvimento da escrita criativa e literária que o GRULI almejava e que, por consequência, resultou em um processo intenso de publicação.

De acordo com as afirmativas dos autores entrevistados, relacionados ao GRULI tinham diversas publicações como a *Série Espelho – Luciney Moraes* e as dos ganhadores do *Festival de Poesia, Crônica e Conto* e a série *Saco Xeio*. A *Série Espelho* foi resultado da soma das produções aprovadas pelos membros do GRULI e do festival. Já a série *Saco Xeio*, era formada

por exemplares de brochura, xerocopiados, feitos pelos próprios membros do grupo sem uma tiragem regular. Tinha por objetivo criticar as inconsistências políticas que resultavam nas desigualdades sociais e no sucateamento das atividades culturais da cidade e região. Acerca dessas produções o escritor Ribamar Silva afirma que:

Entrevistado: Ribamar Silva (8min:22s): Nós tínhamos uma espécie de “revista” xerocopiada que era feita uma tiragem com 100 exemplares, todos nós assinávamos com pseudônimos, era uma crítica a nossa sociedade imperatrizense e era colocado à noite debaixo das portas de determinadas pessoas que achávamos que deviam ler. Então ninguém sabia exatamente quem era que produzia e tínhamos um projeto que se chamava *Série Espelho* que publicou, por exemplo, o livro de uma poeta muito boa chamada Luciney Moraes e depois passou a publicar os livros dos vencedores do festival.

É difícil localizar todo o material que surgiu dessas publicações. Os poucos exemplares que existem se encontram nas mãos de algumas pessoas envolvidas com os movimentos culturais relacionados ao GRULI e aos festivais nos anos 80 e 90. Mas o que se pode afirmar é que todo material era produzido em pequena escala e era diagramado de forma quase artesanal, no caso do *Saco Xeio*.

As atividades GRULI eram centradas em experimentar o estilo e a forma da escrita. A oportunidade de compreender a produção literária como uma alternativa para manifestar outros olhares sobre a cidade foram o marco de uma literatura combativa, no sentido de que observava as problemáticas e o cotidiano de Imperatriz por uma perspectiva crítica e engajada com o projeto de uma literatura pluralística e experimental.

Entrevistado: Ariston França (23min:32s): Então muita coisa sendo produzida, em Imperatriz, pelo GRULLI que tinha dentro da sua essência justamente não algo acabado, mas a ideia era discutir, discutir até chegar a algo que você percebesse que tinha condições de ser produzido.

A forma como o GRULI se desenvolveu, partiu de uma ação coletiva em torno da construção de uma literatura, a partir daqueles que já escreviam e daqueles que iniciaram timidamente sua trajetória. A atuação do GRULI enquanto uma rede de apoio entre os membros que discutiam, produziam, revisavam e criticavam o que era produzido, internamente motivou a escrita experimental de alguns autores como Ribamar Silva, ou ainda a descoberta de percursos literários como foi para o escritor Gilmar Pereira, que iniciou nas aventuras poéticas e hoje é reconhecido como um autor de literatura infanto-juvenil e fábulas.

O GRULI teve seu auge nos anos 80 e 90 com grande participação nos eventos culturais que o grupo ora participava ora encabeçava. Por fim, o GRULI terminou suas atividades no

final dos anos 90. O escritor Gilmar Pereira relembra esse momento pontuando que:

Entrevistado: Gilmar Pereira (24min:43s): Foi desgaste mesmo. Primeiro a gente não tinha apoio, o Gilberto foi saindo, eu saí, ficou, aí vai entrar outro nome, outro personagem. O Cláudio Marconcine ficou... nos últimos anos era com ele, mas aí ele precisava sobreviver, foi pra São Luis. Aí foi dispersando. Até que um dia o Gilberto: “Olha não tem mais necessidade de Gruli e nem da gente fazer o festival”. Pegou o projeto e trouxe pra Academia, a Academia aceitou fazer o festival mas não deu conta. Eu digo que não deu conta, [na verdade] nem tentaram.

A participação do GRULI e da ASSARTI na formação da literatura imperatrizense é duradoura e possui influência no que é produzido na cidade até então. Pensando na influência que as atividades culturais da cidade tiveram sobre as produções literárias, percebe-se como essas expressões estiveram imbricadas a tal ponto que se organizavam e se manifestavam quase que simultaneamente. Dessa forma, vale compreender que essas dinâmicas não só acentuavam a relevância das vivências culturais na cidade, mas também apresentavam uma perspectiva da cidade sobre os processos de formação dessas manifestações artísticas.

As questões identitárias, que estão impregnadas nas narrativas que dialogam ou nasceram das experiências sociais e culturais da cidade de Imperatriz, são cruciais para compreender os processos de criação da literatura local e das narrativas que se estabeleceram na cidade.

Por essa perspectiva, as problemáticas que envolvem naturalização, pertencimento ao lugar de produção, identificação e regionalização na literatura voltam como questões a serem debatidas e pensadas, tendo em vista o peso atribuído a denominação “Literatura Regional” em um contexto histórico de negação das histórias que gravitam em torno do que foi projetado e amplamente difundido como Literatura Nacional. Por que o termo “Literatura Regional” é tão rechaçado por tantos autores? Por que existe essa expressão dentro da literatura brasileira? Essas e outras perguntas que cingem a discussão sobre literatura regional tem sua premissa em questões identitárias de construção histórica e coletiva, onde discursos de diferentes naturezas ressoam dentro dessas narrativas literárias.

Nesse sentido, um ponto interessante abordado no texto de Adalberto Franklin, na obra de comemoração dos 150 anos de Imperatriz, se relaciona justamente à naturalização dos escritores reconhecidos na cidade. Como foi mencionado no capítulo anterior, existe dentro da literatura regional questões acerca da literatura produzida sobre a região e a literatura produzida por autores que são da região. A questão da literatura “genuinamente imperatrizense” a partir do nascimento dos escritores da cidade, abre, mais uma vez, o questionamento sobre o que fundamenta essa literatura regional. A partir das disposições já realizadas nesse texto, entende-

se por literatura regional a produção literária que constitui o vínculo afetivo da identidade e da memória sobre a cidade ou região, onde se destacam os aspectos físicos, sociais e culturais do lugar na escrita, independentemente do local de origem do escritor.

Um aspecto a ser considerado, no entanto, é que a literatura produzida em Imperatriz não é genuinamente imperatrizense. A grande maioria dos literatos chamados “imperatrizenses” nasceram em outras localidades. Alguns chegaram com suas famílias migrantes; outros, a trabalho, aqui permaneceram. São chamados “imperatrizenses por adoção”.

Uma verificação estatística envolvendo apenas os membros da Academia Imperatrizense de Letras reflete essa situação: dos 33 membros existentes no final de 2001, apenas quatro são realmente imperatrizenses. Treze são maranhenses de outras localidades. Dos treze não maranhenses, cinco são nordestinos de outros estados (Paraíba, Alagoas, Pernambuco, Ceará e Piauí); três são tocantinenses (antes goianos), um gaúcho, um capixaba, um paulista e um mineiro, além de um italiano naturalizado (IMPERATRIZ, 2002, p.156).

De fato, a diversidade de autores que constituem a Academia Imperatrizense de Letras - AIL ressalta a pluralidade da própria região tocantina reconhecida historicamente pelos movimentos migratórios, intensificados pela construção da Rodovia Belém-Brasília. A comunhão da diversidade agregada à cidade de Imperatriz, ao longo dos anos, traduz um movimento artístico-cultural igualmente diverso e ilustrado na literatura desenvolvida na cidade. Essa pluralidade de autores vindos de diferentes estados brasileiros cria um espaço de contraste e união entre as suas vivências e memórias anteriores ao estabelecimento na cidade de Imperatriz e os laços afetivos constituídos aqui desde então.

4.5 A AIL e a visibilidade literária de Imperatriz

A AIL, tem como imortais: Jucelino Pereira, Sálvio Dino, Cássius Chai, Lourival Serejo, Edmilson Sanches, Lília Diniz, Francisco Itaerço, Maria Tereza Bom-Fim, Joaquim Haickel, Cícero Marcelino, José Ribeiro, Trajano Neto, Livaldo Fregona, Tasso Assunção, José Herênio, Magno Urbano, José Geraldo, Adriana Moulin Picoli, Weliton Carvalho, Ribamar Silva, Ariston de França, Altair José Damasceno, Gilberto Freire de Santana, Maria Helena Ventura, Leonildo Alves, Aureliano Neto, Agostinho Noletto, Gilmar Pereira, Zeca Tocantins, Edmilson Franco, Marcos Fábio, Domingos Cezar, Edna Ventura, Antônia Arlene, Itamar Dias Fernandes, Carlos Ociran, Luiz Carlos Porto, Osmar Walcacer, Liratelma Cerqueira e Francisco Lima (SÓ CULTURA, 2019, online). No ano de 2021, dois membros foram adicionados como imortais da AIL, foram eles, Elson Araújo e Humberto Barcelose. A AIL é coordenada pelo escritor Raimundo Trajano Neto desde o ano de 2019 (MARANHÃO, 2021).

A AIL é localizada na rua Urbano Santos, no centro da cidade, em frente à Praça da Cultura. No ano de 2021, a academia passou por uma reforma que ampliou e modernizou o espaço. Em homenagem ao escritor, político, advogado e também um dos fundadores da AIL, o espaço da academia que antes era o “Paço da Cultura”, passou a se chamar “Paço Cultural Sálvio Dino” (MARANHÃO, 2021).

A AIL conta com um acervo de obras publicadas na cidade e região pelos seus membros e escritores atuantes no fazer literário. Como característica da literatura produzida na cidade, as produções de textos mais curtos, como os contos, são recorrentes. É comum encontrar, principalmente, obras de contos ou crônicas, bem como obras que se constituem de uma seleção de textos de variados gêneros, desde artigos jornalísticos, relatos sobre eventos da cidade ou ainda relatos de experiências pessoais. A coletânea de textos confere uma dimensão mais ampla da escrita e produção dos autores da cidade, desde a escrita ficcional e literária, até o texto de cunho mais jornalístico e histórico.

A contribuição dos jornais da cidade foi fundamental para a repercussão de textos mais curtos como a crônica e o conto. A publicidade da literatura imperatrizense e de seus autores passaram pelas páginas dos jornais locais que desempenharam um papel relevante dentro do contexto cultural da cidade a partir dos anos 70, mais especificamente em 3 de maio de 1970, com a criação do primeiro jornal impresso da cidade, o jornal *O Progresso*, idealizado por José Matos Vieira e Jurivê de Macedo (IMPERATRIZ, 2002).

A influência dos jornais impressos na publicidade da literatura imperatrizense é marcante, pois, a cidade ainda não possuía uma formação editorial consolidada que buscasse e publicasse autores regionais, o que foi acontecer mais tarde com a Editora Ética, do escritor-historiador Adalberto Franklin. Os jornais a partir dos anos 70, com o surgimento do primeiro jornal da cidade, passaram a existir como formas de materializar os movimentos culturais e artísticos que iriam se concretizar com mais intensidade a partir dos anos 80. O escritor Ribamar Silva relembra o trabalho quase que artesanal desses primeiros jornais que reuniam as interações de pequenos grupos empenhados em movimentar as atividades culturais e artísticas da cidade.

Entrevistado: Ribamar Silva (28min:46s): Em Imperatriz, antes de se publicar livros, publicou-se jornais, jornalzinhos, por exemplo. Eu fiz parte de um movimento aqui, tenho nada a ver com a publicação que eu era até quase menino. No Grêmio Juvenil Católico tinha um belo jornal chamado *Mundo Jovem* que até a Edelvira faz referência. Eu mesmo publiquei em vários jornais em Imperatriz. Jornais muito mal feitos, artesanais, mimeografados, esse tipo de coisa. A ASSARTI, por exemplo, tinha um jornal [*Voz da Assarti*,] que quem fazia era eu, escrevia o jornal praticamente inteiro e editava com os recursos que tinha e fazia os exemplares, mas livro, livro

mesmo não. Entre a publicação de Sousa Lima e Edelvira tem um lapso de tempo enorme e depois começa mesmo a produzir no início dos anos 80.

Os jornais passaram a ser um veículo muito utilizado e explorado pelos autores que também, em alguns casos, estavam envolvidos com o trabalho jornalístico desenvolvido na época. É o caso do próprio Ribamar Silva que descreve como o processo editorial da literatura produzida na cidade surgiu e se solidificou como um importante ramo econômico.

Entrevistado: Ribamar Silva (3min:14s): Mas acho que os primeiros movimentos para engajar todos em torno do mesmo objetivo, foi um grupo que começou a se encontrar na escola Amaral Raposo com o Fiquene. Ele tinha um jornal, o jornal Tocantins, tinha uma coluna diária. O Leonildo foi editor dessa coluna por muito tempo, depois bem mais tarde por volta de 84-85 com o surgimento do grupo literário de Imperatriz, nós passamos a ter uma grande, uma bela coluna no jornal *O progresso* e era de responsabilidade de Gilberto Freire e minha, na verdade eu era o editor da coluna.

As colunas nos jornais eram resultados do engajamento dos autores comprometidos com a produção literária da cidade. O trabalho desenvolvido no GRULI foi importante para estabelecer um método e uma qualidade do que deveria ser publicado. Os jornais nesse contexto eram o meio mais barato e acessível de publicação do que era produzido pelo grupo. Dessa forma, os autores se mobilizaram com o objetivo de tornar público e concreto seus empenhos na construção da escrita literária, como explica o escritor Gilmar Pereira.

Entrevistado: Gilmar Pereira (13min:19s): Era publicado. Justamente... aí onde entra o jornal *O Progresso*. O jornal disponibilizava [para o Gruli] uma página completa aos domingos. A gente compartilhava de tudo... motivava os outros. Tinha também a questão da motivação, eu me sentia participando da coisa.

Mediante a esse cenário de ampliação das estruturas de divulgação, a princípio com os jornais de circulação - diária, semanal ou quinzenal - da cidade, surge a primeira editora imperatrizense especializada na edição de livros de literatura, a Editora Ética, idealizada e dirigida pelo também escritor Adalberto Franklin, posteriormente, membro da Academia Imperatrizense de Letras, falecido no ano de 2017.

Adalberto Franklin era escritor, historiador, jornalista, editor e coordenador da Editora Ética. Foi uma figura ilustre na cidade pelos trabalhos de pesquisa da história recente de Imperatriz. Na literatura foi de extrema importância para a edição e distribuição de muitas obras literárias. Dono da Editora Ética, Adalberto foi um entusiasta da produção literária da cidade e o responsável por impulsionar a literatura imperatrizense no desenvolvimento e na circulação de obras literárias por longos anos, como lembra o escritor Zeca Tocantins.

Entrevistado: Zeca Tocantins (7m:01s): Pra mim, a morte de Adalberto vai deixar uma lacuna, um buraco aí durante décadas, que a cidade vai sentir isso aí. Porque Adalberto foi o grande precursor desse projeto com a editora. O Adalberto foi quem estimulou as pessoas a fazerem, a editarem seus livros, né? [...] Nós temos produzido muito e uma literatura de boa qualidade e essa coisa se sedimentou mais a partir do Adalberto, porque ele estimulava mesmo, ia atrás, tinha esse gosto.

A atuação da Editora Ética e de Adalberto Franklin no projeto de construção, formação da literatura produzida e pensada pela cidade, foi relevante para a constatação de uma literatura forte e consolidada, segundo os depoimentos dos escritores entrevistados. O escritor Trajano Neto, que também é o atual presidente da AIL, ainda afirma que o número elevado de publicações realizadas na cidade nas últimas décadas se deve ao comprometimento dos artistas e escritores da cidade em estabelecer a publicação da literatura como um objetivo para a produção literária imperatrizense.

Entrevistado: Trajano Neto (18min:51s): Olha, títulos publicados, nós estimamos em mais de mil, já passou de mil títulos do que Imperatriz já publicou. Autores, nossos aqui. A maior parte dessas edições passaram pela Ética editora e estão passando, [na atualidade], pela mão de Ribamar Silva, pela Estampa [editora coordenada por Giselda Castro, irmã de Adalberto Franklin].

O panorama de crescimento da visibilidade da literatura imperatrizense é necessário para entender o volume de obras escritas e publicadas na cidade nos últimos anos. Tendo em vista que o aumento de publicações também possibilita o surgimento de um acervo de produções com qualidade, diversidade narrativa e pluralidade poética, como bem explica o autor Zeca Tocantins:

Entrevistado: Zeca Tocantins (9m:52s): Porque dentro da literatura, a quantidade também é importante, ela vai possibilitando a qualidade também do que se produz. Então, às vezes, é preciso produzir muito para dar uma peneirada, para pegar aquilo... a gente ser selecionador dessas coisas, do material que a gente produz. Ter senso crítico daquilo que a gente tá produzindo, exatamente para amadurecer, né?

Assim sendo, essa produção literária, em uma perspectiva quantitativa e, também, qualitativa, permitiu a construção de um acervo significativo de obras. O amadurecimento da escrita, mencionada por Zeca Tocantins, foi fundamental para a constituição da literatura de Imperatriz e região. Nesse sentido, os avanços editoriais foram cruciais para que esse cenário de produção fosse estabelecido e para que novos autores se engajassem na construção de novas narrativas, afazeres poéticos.

4.6 Os caminhos narrativos/poéticos imperatrizenses

Tendo em vista as reflexões conduzidas até aqui sobre as narrativas, as poéticas da literatura imperatrizense, é importante compreender, também, as relações estabelecidas entre as produções da cidade e as simbologias que estruturam a identidade, ou o que é interpretado como relativo às vivências imperatrizenses. Dessa forma, é impossível abordar essa perspectiva sem mencionar as inúmeras representações que o rio tem na prosa e na poesia imperatrizense

A literatura imperatrizense contemporânea, por exemplo, traz essa relação de comunhão, entre a cidade e o rio, em muitos versos dedicados a pensar os entornos do rio, as figuras que ilustram as suas margens, os ribeirinhos que ainda vivem da pesca, as lavadeiras que trabalham nos fins de tarde nas suas ribanceiras, as pessoas que fazem as travessias diárias entre Imperatriz e Bela Vista no Tocantins, e as demais atividades diárias que ainda dependem da sobrevivência do “Imperador Tocantins”.

Essas construções imagéticas, que integram a cidade, colaboram para a construção de aspectos da vida imperatrizense, imbricada nos cenários margeados pela presença e a simbologia do rio Tocantins, que banha as histórias das cidades que cerca e dita parte da rotina e os costumes dos personagens com quem interage.

Quando Trajano Neto, no poema *Magia do rio*¹⁵, da obra *Andanças II* (2020), traz o fim de tarde idílico visualizado pela travessia das canoas cortando o rio, que liga os estados vizinhos do Maranhão e Tocantins, ele também ilustra a relação que a cidade constituiu com a materialização mítica que se organizou em torno da figura do rio.

A forma lúdica com que o rio e as demais narrativas que dele derivam, situam as prerrogativas que recaem historicamente sobre a simbologia e a importância do rio Tocantins para a cidade. A acomodação do rio como uma representação da identidade imperatrizense, além de ser uma decorrência da narrativa que foi atribuída à cidade, também é uma forma de recontar o passado e enfatizar a presença, ainda relevante, desse aspecto da vida imperatrizense. Para além da concepção geográfica, o rio integra os tempos sobrepostos e as representações que extrapolam a materialização da própria palavra.

Rio. Sendo palavra, é quase uma chave lisa sem os contornos necessários para abrir portas para outras compreensões. Sendo ambiente cultural, carrega possibilidades para mitos, lendas e crônicas. Sendo rio de cachoeira, pode ser quedas de águas em outros

¹⁵ Desce o grande rio em densa correnteza/ Suas águas turbulentas rolam, aquecidas/ Pelos raios do sol de raríssima beleza/ Frágeis canoas, quais bailarinas atrevidas/ Saltitantes, sob o comando das remadas/ Navegam salientes, transportando vidas/ O sol descamba! A noite é anunciada!/ Em voos rasantes sobre o Rio de Tocantins/ Entre gorjeios despende-se a passarada. (NETO, 2020, p.67).

rios, para continuar como lugares misteriosos, em que todas as tentativas de o descrever continuam sendo apenas tentativas. Sendo tempo, o rio representa um espaço temporal diferente. Como portal, o rio é espaço ainda não visitado pelas convenções desse tempo da filosofia da presença e mesmo assim continuam sendo águas de chuva, águas de banho para ribeirinhos, águas das encantarias, águas dos rituais afro-indígenas, das manifestações da força da natureza, águas de vida para os ribeirinhos. Águas de força. Águas de Oxum, mãe das águas doces (SILVA, 2020, p.51).

Os elementos que constituem os versos de Trajano Neto ganham vida também na poesia *Rio Tocantins*¹⁶, de Zeca Tocantins na obra *Colhedor de manhãs*, de 2003, que traça um comparativo entre o rio e o mar, em alusão aos mares que banham a capital do Estado, São Luís. O cenário experienciado nos versos do poeta é uma observação idílica do olhar sobre as vivências que transbordam as margens do rio e costuram as histórias dos personagens agregados a suas divisas.

A simbologia do rio e o que dele floresce na memória e na afetividade dos que nascem, ou dos que chegam e se estabelecem na cidade, são a inspiração e o sentido para muitas das obras literárias da cidade. O rio é uma conexão com o passado, ditado oralmente pelos muitos interlocutores que circulam pelas esquinas dos centros, periferias ou nos cais do Porto da Balsa ou da Praia do Meio que aportam à espera das inúmeras travessias cotidianas, levando e trazendo os personagens da história e da memória imperatrizense.

É interessante observar que a conexão entre as abordagens trazidas nesses textos sobre as narrativas do rio não é arbitrária. Como Stuart Hall (2016) discorre na obra *Cultura e representação*, o sentido é fruto de um sistema de representação construído pelas interações históricas e sociais. Desse modo, o rio que é traduzido pelos escritores imperatrizenses não é uma construção intuitiva, mas sim uma percepção, mesmo que inconsciente, da ação dessas representações que são tecidas pelo tempo e internalizadas no imaginário coletivo. Nesse sentido, “os códigos fixam as relações entre conceitos e signos” (HALL, 2016, p. 42), as representações instituídas culturalmente pelos sujeitos, são a matéria prima para o fazer literário, e é por meio da edificação desses códigos no interior das relações sociais que elementos simbólicos, como o rio, são manifestados na literatura.

Os textos que referenciam a regionalidade imperatrizense, tomando como narrativa o rio Tocantins e os temas que gravitam no universo das vivências ribeirinhas, são fortemente

¹⁶ Quem gosta de mar?/ Prefiro o meu rio/ onde canoas/ desenham nas águas/ suas travessuras/ Os botos, os cardumes/ as ilhas, as cachoeiras/ são belas paisagens/ que as margens emolduram./ Festiva a gaiivota/ me aponta uma praia/ o sol já declara/ ser pleno verão./ Quem gosta de mar?/ prefiro o meu rio/ que cabe inteirinho/ na palma da mão. (TOCANTINS, 2003, p.62)

influenciados pela construção do rio como representação da história, da ancestralidade e da cultura, a “materialidade dos rios, incluindo suas transformações ao longo da história, expressa em si mesma a rede de interações sociais, tanto culturais quanto tecnoeconômicas, que com ela vem interagindo” (CHAMBOULEYRON; PÁDUA, 2012, p. 17). A importância do rio Tocantins, como narrativa que ilustra uma perspectiva da regionalidade da cidade, surge da união e da observação das experiências constituídas por esse espaço e dos mistérios e misticismos que são intrinsecamente relacionados às mitologias dos rios.

Leitura semelhante a que ocorre nos poemas de Zeca Tocantins e Trajano Neto, são encontrados na literatura da poetisa Lília Diniz. No poema *Imperatriz*¹⁷, da obra *Miolo de pote da cacimba de beber*, de 2004, por exemplo, a soma das representações simbólicas da regionalidade e da ancestralidade do rio são consagradas em versos sobre as águas gestadas no ventre do eu-poético. Emprenhar-se do rio, como diz o poema, significa perpetuação, vida. Perspectiva similar nos é apresentada no poema *A dor da germinação*¹⁸, também presente na obra *Miolo de pote da cacimba de beber*, de 2004. Neste, Lília traz novamente o gestar da palavra, mas, desta vez, o ato de dar à luz se confunde com o processo de germinação da natureza.

Tendo essas disposições em vista, é importante perceber também a incorporação de elementos naturais típicos da Região Tocantina do Maranhão na concepção da literatura imperatrizense. É o que Domingos César apresenta no poema *Arvoredo da região*¹⁹, da obra *Ecologicamente pensando*, de 2009. Neste poema a diversidade natural da região, representada pelas árvores e frutos elencadas pelo autor, revelam uma região explorada, mas que também é solo fértil para uma economia alimentar substancial e uma contribuição simbolicamente organizada na importância desses elementos regionais.

Isto posto, vale destacar, também, outro aspecto interessante das abordagens da

¹⁷ Banhada pelo medo/de ser possuída/ na correnteza/ dos versos teus,/ fiquei à tua margem/ onde pensei está segura /.../ Fui fatalmente/ emprenhada pela/ doce poesia do teu leito (DINIZ, 2004, p.42).

¹⁸ “A dor que deveras sente” (Fernando Pessoa)/ Plantar versos/ pode parecer/ tarefa fácil/ sentir a poesia germinar/ nem tanto.../ Na boca de quem a sente/ o que resta é um/ gosto de guaribola,/ no corpo a dor de/ quem pariu,/ na alma um pranto,/ por fim um desejo/de ser novamente/ fecundado/não importando a dor (DINIZ, 2004, p.21).

¹⁹ Sonhei que ainda tinha/ meu lindo pé de Acapu/ depois vi que derrubaram/ meu pé de Cumaru./ Mas não me dei por vencido/ busquei a minha Abiurana/ não encontrei mais seu caule/ nem mesmo a flor de Umburana./ Continuei minha busca/ nem Andiroba eu vi/ ela se foi como onda/ como o pé de Bacuri./ Fui atrás do mais bonito/ Meu lindo pé de Angelim/ mas se acabou como o Breu/ também marchou para o fim./ Cortaram meu pé de Cedro/ o meu pé de Copaíba/ Envira nem pra remédio/ caiu sozinha sem vida./ Morreu o meu pé de Louro/ O meu pé de Cupiúba/ O Ipê perdeu as flores/ e as folhas da Tatajuba./ Adeus pé de Sucupira/ meu pé de Jacarandá/ adeus meu pé de Faveira/ linda flor de Jatobá./ Meu pé de Maçaranduba/ sinto saudade de ti/ adeus fruto de Cupu/ meu gostoso Buriti./ Hoje eu choro a falta/ de tudo o que tinha aqui/ pois de tudo não sobrou/ nem mesmo o pé de Açáí./ Da região do Cerrado/ não escapou o Pequi/ Meu pé de Buritirana/ meu pé frondoso de Oiti (CEZAR, 2009, p. 39).

literatura imperatrizense que diz respeito às épocas do garimpo e da ditadura militar, entre os anos 1960 até meados do fim dos anos de 1980. A ditadura militar foi um episódio trágico para a história política do Brasil. Sabe-se que, diversos presos políticos e militantes contrários ao regime ditatorial vivido no país, a partir dos anos 60, fugiram para os interiores dos estados do nordeste e centro-oeste. A região, onde a cidade de Imperatriz está localizada, foi por muitos anos rota de fuga e esconderijo para fugitivos do regime. A região do Araguaia e Bico do Papagaio inclusive foi alvo de ações do regime militar em busca de militantes da esquerda. O período de perseguição e abuso ditatorial marcou as vivências da Região Tocantina e são refletidas e traduzidas na literatura imperatrizense a partir dos anos 2000, sob uma perspectiva de releitura sobre os acontecimentos desse período, é o que se pode observar no poema de Zeca Tocantins, *Fuzis*²⁰ da obra *Colhedor das manhãs*, de 2003.

Ademais, destaca-se também o garimpo como uma questão relevante para o contexto social e a memória local. A exploração de minério e objetos preciosos levou à diáspora de muitos imperatrizenses por volta dos anos 70 e 80. No contexto da época, para alguns, o garimpo era a esperança de um futuro melhor, mas para muitos outros também era sinônimo de miséria e morte.

A influência dos garimpos em Imperatriz, deixou marcas profundas na sociedade. Famílias foram desfeitas e muitas crianças foram criadas ao deus-dará, constituindo um grave problema social. O garimpeiro partia e diante do fracasso econômico e das quimeras, não tinha mais coragem de voltar, pois, ao partir, tinha prometido o céu e a terra à esposa e aos filhos, incluindo aí a fidelidade conjugal. Só que, motivado pelos colegas, perdia-se em vícios ou infidelidades permanentes.

A injeção econômica que os garimpos deram para a Imperatriz foi substancial. O comércio foi invadido por um consumo desenfreado. Qualquer produto que se colocasse à venda era vendido imediatamente; casas, terrenos, carros, motos, bicicletas, fazendas, bananas, máquinas agrícolas. Lógico que a miséria também reinava: uns tinham muito e outros nada. A consequência disso foram os crimes, roubos e furtos, conto do vigário e outras mutretas, característicos dos Eldorados. A rodoviária e às tantas pensões e hotéis, viviam lotados de gentes de toda natureza, uns (SÓ CULTURA, 2019, online).

As disfunções sociais geridas pelo garimpo influenciaram socialmente a cidade de Imperatriz. O aumento da desigualdade social e das disputas econômicas em função dos negócios oriundos das atividades dos garimpos, são assuntos incorporados na prosa de Zeca Tocantins no livro *10 contos de Pulinário*²¹, de 1994, por exemplo.

²⁰ Esta lágrima/ é meu tesouro/ Ela foi garimpada/ nas dores que habitaram/ os arredores da Serra das/ Andorinhas/ Quando os fuzis/ da ditadura/ sentenciaram de morte/ nossos sonhos/ Irmãos!/ Sangue de um guerreiro/ não é um sangue comum:/ é comunhão./ Deixai que eu chore. (TOCANTINS, 2003, p.45)

²¹ O coração da cidade pulsa na praça de Fátima, a coluna vertebral é a Avenida Getúlio Vargas, que sai do Entroncamento até esbarrar na beira rio, dividindo Imperatriz em duas partes. Ali, no auge da exploração da

A exploração do garimpo trouxe mazelas irreparáveis para Imperatriz, mas também foi promotora do ápice do comércio. Com o retorno dos poucos garimpeiros que conseguiram prosperar em meio ao caos do garimpo, o comércio da cidade foi aquecido com transações de várias naturezas que tornaram a cidade, nos anos 80, o centro comercial da região. A construção desse cenário na obra de Zeca Tocantins ambienta a cidade dessa época, além de influir sobre as decisões ambiciosas do protagonista Pulinário.

Outro ponto importante sobre os aspectos sociais que estão presentes nos textos literários de Imperatriz, diz respeito às disputas agrárias nas zonas rurais da cidade. Na poesia *Arame*, de Lília Diniz, a grilagem de terra é abordada a partir da perspectiva de vida do povoado Arame, uma região muito atingida pelos constantes conflitos agrários. É interessante observar como o eu-poético destaca o sangue resultado dos genocídios que ocorreram no povoado em função da grilagem, em contraste com a vida que existe para além da dor e do sofrimento das violências rurais por terra. É nesse sentido, que a literatura ocupa o espaço de compreensão do passado, de rememoração de conflitos que não podem e nem devem ser esquecidos pela memória coletiva (FRANCO, 2003, p. 352).

As marcas da historicidade são inevitáveis na literatura imperatrizense, uma vez que nos anos 80, tanto a literatura quanto o teatro eram produzidos a partir das experiências cotidianas. As produções dessa época eram resultantes de imersões no próprio transcorrer da vida diária da cidade. Dessa época também surgem os primeiros exercícios de escrita de autores que consolidam a existência de uma literatura imperatrizense, como é o caso do escritor Gilmar Pereira. Dentre suas obras, vale destacar *A bela Amortecida e outras histórias* (2003), livro de contos que mistura histórias cotidianas e realismo fantástico para contar, sob o olhar infantil, as descobertas que norteiam a ingenuidade e as curiosidades da infância. Visto isso, a escrita de Gilmar Pereira tematiza o cotidiano da cidade, na forma das observações e relatos do dia a dia, dos causos que permeiam a vida da cidade e seus habitantes.

Aliás, a abordagem das experiências cotidianas é uma das características da literatura imperatrizense. Possui raízes no papel dos jornais locais com a publicação de crônicas e contos nas colunas reservadas aos autores da cidade. Com o surgimento dos jornais eletrônicos esse hábito continua com textos, em sua maioria crônicas, sobre política e comportamento social na

madeira, quando a cidade era cercada de serrarias trabalhando dia e noite, quando a extração de ouro de Serra Pelada alcançava seu mais alto apogeu, o comércio, que compreendia toda sua extensão, era literalmente ocupado por fregueses vindo de toda a região. Os camelôs misturavam-se aos tabuleiros dos proprietários de lojas, razão pela qual houve muitas desavenças. A guerra de propaganda era inevitável, carros de som passavam um atrás do outro. Imperatriz era, portanto, o pólo comercial onde dezenas de cidades vizinhas faziam compras (TOCANTINS, 1994, p.53).

cidade.

Nesse sentido, *Percurso insólito*, de 2005, também de autoria de Gilmar Pereira, traduz o sentimento de caos experienciado pelos sujeitos no dia a dia da cidade. Sendo Imperatriz uma cidade que possui como uma de suas características o contraste entre os conflitos urbanos e a presença de características da vida dos interiores que, também, se aproxima muito da realidade da cidade, em virtude dos municípios e povoados da região serem próximos e dependentes da cidade.

Os contrastes observados entre interior e centro, urbano e rural, dicotomia antiga quando se trata de assuntos relativos à regionalidade, são geridos por dinâmicas acentuadas pelo capitalismo e pela globalização que agrega informação, pessoas, economia, relações sociais, políticas e cultura. Esse contexto globalizante “mudou significativamente as noções de identidade, localidade e imaginação, dando origem ao surgimento de identidades híbridas, de localidades que estão sempre em mutação e de imaginários que se fundam” (COSTA, 2004, p.85). É exatamente o que é apresentado no conto *Percurso Insólito*²², de Gilmar Pereira. Na presença quase palpável da urbanidade representada pelos elementos do tráfego agitado, porém, ainda permeado pela atmosfera da comunidade, do interior, percebida pela tradição oral resgatada na figura da velha que descreve os acontecimentos no conto.

Outro escritor que incorpora a reflexão social na sua escrita é o poeta Ariston França. Na obra *Fundo de Gaveta*, de 2004, por exemplo, o poeta traz poemas que discutem a subjetividade dos comportamentos e sentimentos, assim como traz um olhar para as disfuncionalidades sociais e suas ressonâncias nas relações humanas. Essa característica se apresenta no poema *Grito*²³, em que a percepção da rua como o nascedouro do povo e de suas desigualdades é apresentada a partir da compreensão das praças e becos como a morada dos gritos que são sentidos sobre a cidade, gritos esses ilustrados na figura dos filhos da rua.

Essa cosmovisão da rua como o berço dos gritos que reverberam sobre a cidade, gritos de dor, nos seus mais variados sentidos, dialoga, por exemplo, com a música *Filhos da Precisão*²⁴ de Erasmo Dibel, cantor natural de Carolina, no Maranhão, e que foi acolhido pela

²² Fragmento do conto *Percurso Insólito*: O próximo. O leiteiro diz absolutamente nada. Espera outro, e mais outro. Todos passam. Continua de prontidão, enquanto as palavras da velha se projetam na mente: o trânsito é louco. Carro amarelo. Azul. Vermelho. Branco sujo. Pequeno. Grande. Todas as cores e tamanhos, fazendo o trânsito louco de que a velha falara (PEREIRA, 2005, p. 21).

²³ Ouço nas praças/ Nos becos das ruas/ Nas ruas nuas/ Parindo mulher./ Mulher/ Com gritos/ Dos filhos da rua/ Da rua/ Que pariu você./ Você da rua/ Rua sua/ Da menina nua/ Que pariu na rua/ Menino de rua. (FRANÇA, 2004, p. 69)

²⁴ pelas marginais/ passarão meninos/ guardando o país/ por quem batem os sinos/ se pelas catedrais/ os filhos da precisão/ pedirão mais por outro destino/ do que por sair da lama/ com pose de dama em carnavais/ esquecerão as dores/ lembrarão de deus/ num porvir/ que aflore dor.

cidade de Imperatriz, tendo em muitas de suas canções referências às localidades e às vivências do povo imperatrizense. *Filhos da precisão* também traz as figuras que são apresentadas no poema de Ariston França.

Os filhos da rua, ou como Erasmo Dibell também coloca, os filhos da precisão, são as figuras que constituem a cidade enquanto sinônimo de fragilidade das relações sociais e humanas. A cidade como o espaço dos esquecidos e marginalizados pelas dinâmicas opressivas dos grandes centros.

Mediante a tudo que foi exposto até aqui, cabe ressaltar ainda o experimentalismo estético na literatura imperatrizense, em especial na poesia. É o que pode ser observado na obra *Poemação* do escritor Ribamar Silva, por exemplo. *Poemação* é uma obra que preza pelos recortes e abstrações possíveis na construção da estrutura poética. O poema, de acordo com a proposta do título da obra, significa ação em seu conteúdo e forma. Nessa perspectiva, o poema também é visual e enseja uma leitura imagética das distribuições de cada palavra e das disposições dos versos nas estrofes.

A questão da forma é parte fundamental na percepção dos sentidos intencionados nos poemas da obra que, por sinal, não possuem título. A ausência de um título demarcando o início de cada poema repercute a ideia de continuidade das ações promovidas pelo eu-poético no decorrer dos versos, tornando assim, a experiência de ler a poesia também um estado de apreciação estética das formas que são construídas.

A reflexão sobre o fazer poético, provocada pelos versos na obra de Ribamar Silva, suscita a perspectiva de que o poema é o um universo em si e na sua incompletude. Nos versos de *Poemação*²⁵, o sentido do poema está na forma, nas palavras, nos sentidos produzidos que são partes desse processo, bem como na presença do leitor (re)significando continuamente cada espaço observado nos versos da poesia.

4.7 Enveredando, ainda, em algumas pertinentes questões e reflexões

Afinal, por que existe essa denominação na literatura brasileira? Por que literaturas outras precisam ser alocadas dentro desse termo, “literatura regional”? Precisam mesmo? E por que não?

Esses questionamentos foram elencados por alguns autores entrevistados nesta

²⁵ O PO-EMA BASTA-SE/ A SI/ E/ SE/ O PO-EMA NÃO SE/ EXPLICA, NÃO SE/ BASTA, NÃO É/ PO-EMA É/ PÓ (SILVA, s/d, p.7).

pesquisa. Afinal, por que estes devem ser lidos como autores regionais, se já fazem parte de uma literatura brasileira? Como já foi exposto nos capítulos anteriores, a literatura regional surgiu de uma necessidade de agrupar as narrativas que se projetavam na tentativa de apresentar, no primeiro momento, uma construção de diversidade atribuída ao território brasileiro. Mas é possível compreender essa leitura do surgimento do termo “literatura regional” como, também, um afastamento dessas narrativas da própria literatura nacional, uma vez que a literatura regional, conforme o transcorrer do tempo, foi agregada a discursos que estereotiparam narrativas, espaços e sujeitos.

Daí o incômodo de muitos autores que têm suas obras associadas a “literatura regional”, pois além de encontrar o lugar comum dos estereótipos e rótulos que ainda não foram superados, isso também significa, para alguns, um espaço aquém da literatura brasileira. Esse pensamento foi construído a partir de uma lógica de exclusão das narrativas e estéticas literárias que divergiam do que era projetado como literatura nacional.

Esses são apenas alguns aspectos da problemática, mas de fato, na releitura do termo “literatura regional” surgiram muitas questões acerca do que é enxergado hoje como limitações relacionadas à regionalidade na literatura. Milton Hatoum, renomado autor amazonense, quando perguntado sobre que tipo de literatura pretende fazer, tem uma perspectiva bem contemporânea sobre o assunto.

Folha - Qual é, então, sua intenção? Fazer uma literatura mais do Norte, de Manaus, essa cidade que está em todos os seus romances?

Hatoum - A literatura regionalista já se esgotou há muito tempo. O regionalismo é uma visão muito estreita da geografia, do lugar, da linguagem. É uma camisa de força que encerra valores locais. Minha idéia é penetrar em questões locais, em dramas familiares, e dar um alcance universal para elas. O assunto, a matéria, não são garantia da boa narrativa. O que vale é a fatura da linguagem, a forma (FOLHA DE SÃO PAULO, 2005, Online).

A recusa de Milton Hatoum ao que ele entende como a visão estreita do ambiente e das tramas que se desenrolam dentro da perspectiva do termo literatura regional, é um movimento acolhido por muitos autores contemporâneos. No entanto, vale destacar que os espaços historicamente reservados à literatura regional, hoje são questionados, uma vez que a forma de pensar e compreender as manifestações regionais na literatura mudaram. Dessa forma, conceber a literatura regional como uma limitação é ignorar a profundidade e a capacidade de reinvenção dessas narrativas.

A abordagem contemporânea sobre a leitura das narrativas regionais parte de uma percepção sobre o que Adriana Magalhães Rocha (1998), a princípio chama de pós-

modernidade, sob muitas ressalvas acerca da adoção desse termo, em que a pós-modernidade ou contemporaneidade, como preferir, seja “talvez uma reorganização de suas relações entre presente e passado ou ainda um reajuste nos vínculos que podem existir entre modernidade e a tradição” (1998, p. 27). A acomodação dos enfrentamentos entre esses espaços discursivos, presente e passado, não se resume a abrir caminhos para a consolidação de uma tendência cultural e social demarcada, entretanto busca “um tipo singular de análise sobre a lógica da modernidade” (ROCHA, 1998, p. 27), ou ainda como a própria Adriana destaca, um tipo mobilizador que intenciona questionar os critérios estabelecidos pelos eventos condicionados a esse recorte temporal e espacial, assim como, problematizar todos os territórios percorridos pela crítica. A narrativa regional pela ótica da contemporaneidade sob essa percepção busca ressignificar os lugares que já habitou na literatura brasileira, bem como compreender outros horizontes que percorre em face das novas dinâmicas de escrita/leitura promovidas por essa contemporaneidade.

Nesse sentido, é importante pensar a Literatura Regional sob duas perspectivas: a de sua construção enquanto termo possuído de significação discursiva de determinadas épocas da formação literária brasileira, e a de revisão da historicidade que norteia a percepção que se tem sobre a literatura nacional. Dessa forma, por meio da reunião das visões sobre o passado e o presente do termo e da significação das narrativas que são construídas a partir do conjunto de elementos que traduzem uma região por meio de seus espaços e personagens, é possível compreender a dinâmica de criação e a dissolução dessa ideia conforme as releituras postas na contemporaneidade. Acerca disso, o autor Zeca Tocantins apresenta uma opinião significativa sobre essa discussão.

Entrevistado: Zeca Tocantins (22m:38s): Eu acho que é o seguinte. Ninguém foge do tempo presente. Ninguém. Ninguém. Em lugar nenhum no mundo. Então tudo o que você escrever hoje você vai tá impregnado daquilo que você tá absorvendo, do que lhe rodeia. Então essa coisa do regional, dentro do aspecto cultural, da minha visão de... não há necessidade de ter... tem literatura brasileira, não tem literatura de Imperatriz. Isso não existe. Literatura de São Paulo. Isso não existe. Não existe isso. Isso é uma história das próprias escolas inventando isso, essas... essas divisões, isso... se existe já era pra ter acabado, não era pra existir isso não. A produção literária da cidade, aí já é outra história, aí sim. Essa coisa do aspecto regional, aí você vai ver isso em tudo que é... todo escritor faz isso, todo lugar do mundo... Tá todo mundo fazendo essas coisas. Porque você não foge. É o seu habitat. É o seu local. Todo mundo faz isso.

A afirmação de Zeca Tocantins evidencia as limitações do espaço reservado à Literatura Regional dentro da Literatura Brasileira, segundo a perspectiva de escritores e estudiosos da crítica literária brasileira contemporânea. A problemática que envolve a sensação de limitação

no campo da Literatura Regional parte do entendimento de que a própria denominação seria uma forma de apartamento das narrativas fora dos eixos canônicos da Literatura Brasileira, uma vez que, historicamente essas narrativas estiveram à margem do (re)conhecimento de uma literatura integrada com a literatura nacional. Dessa forma, sendo para muitos, e por muito tempo, uma literatura ora inacessível ora não valorizada e pouco estudada como objeto da crítica literária enquanto uma produção literária com estruturas a serem analisadas a partir dos aspectos das representações regionais, bem como, também, enquanto narrativas possuidoras de instrumentos a serem explorados fora da perspectiva contextual da regionalidade do lugar a que a narrativa se estabelece.

Na coletânea de textos do livro *Antologias: contos, crônicas e poesias*, do escritor Adalberto Franklin, chama atenção para as possibilidades de definição da literatura imperatrizense, partindo, de início, do que é ser imperatrizense, tendo em vista o contexto de migração que constitui a cidade.

Fui indagado por uma acadêmica em fase de elaboração de seu trabalho de conclusão de curso que queria minha delimitação sobre o que é “literatura imperatrizense”. À primeira vista, sem maior reflexão, pareceu-me uma pergunta óbvia, merecedora de uma resposta óbvia. Logo, porém, detive-me em responder. Verifiquei que há muitas possibilidades para a resposta. E uma resposta a essa indagação delimita também a adjetivação em muitas outras áreas, inclusive o uso do próprio gentílico: “imperatrizense”.

Ora, quem pode ser chamado “imperatrizense” numa cidade em que mais de 70% dos habitantes com mais de quarenta anos nasceram em outros municípios? Em que a maioria dos dirigentes sociais, empresariais e políticos não nasceram aqui? Em que mais da metade dos professores é oriunda de outras cidades? Em que a maior parte dos artistas, escritores, fazedores culturais é “de fora”? (FRANKLIN, 2012, p. 20) Chego à conclusão de que não é um título de cidadão, nem um registro de nascimento, o que cria a “cidadania”, que dá legitimidade a um gentílico. Creio que este deve ser dado apenas àqueles que tenham participação ou motivação na vida, na cidadania ou na cultura da localidade.

Então, “literatura imperatrizense”, “arte imperatrizense”, “música imperatrizense” são as obras criadas com o sopro, com a inspiração, com o ar, com a motivação das circunstâncias da vida imperatrizense, seja qual for a temática. Sem esse “ar” local, o que justifica essa condição? (FRANKLIN, 2012, p. 23).

O autor, apesar de apontar um caminho para entender o que é a literatura imperatrizense, conclui o texto deixando em aberto a determinação de um conceito taxativo, voltando assim, ao questionamento inicial: O que é ser imperatrizense? Afinal quem são os atores que fundam as raízes e a história dessa cidade? Se existem divergências quanto a uma resposta definitiva sobre o que é literatura imperatrizense, alguns importantes autores da cidade admitem que o reconhecimento de uma literatura local parte da percepção dessa literatura sobre as relações históricas e sociais que envolvem a cidade e seus personagens.

Segundo Edmilson Sanches a literatura imperatrizense é aquela cujos temas se vinculam de algum modo à realidade (concreta ou abstrata, real ou ficcional) imperatrizense. Em relação à autoria, a literatura imperatrizense é aquela cujas obras, independentemente do conteúdo, foram escritas por pessoas nascidas e/ou residentes de Imperatriz ou que estabeleceram sólidos vínculos com o município.

De acordo com Tasso Assunção, literatura imperatrizense é um variado manancial de expressão escrita à reflexão, ao mesmo tempo a contrastar com a história e o ambiente mercantilista de uma sociedade caracterizada por uma mentalidade originalmente extrativista e garimpeira, assim como a constituir as bases de novo patamar do desenvolvimento cultural da região.

Segundo Adalberto Franklin, Literatura imperatrizense, arte imperatrizense, música imperatrizense, são obras criadas com o sopro, com a inspiração, com o ar, com a motivação das circunstâncias da vida imperatrizense seja qual for a temática (NASCIMENTO, 2017, p. 52).

Já a Lei nº 1.468/2012, de 03/05/2012, de autoria do ex-vereador e membro da academia de letras Edmilson Sanches, determina o que é uma obra imperatrizense a partir do parágrafo 2º.

Parágrafo 2º - Para efeito desta lei, considera-se livro imperatrizense ou integrante da história bibliográfica imperatrizense:

I - Livro de autor nascido ou residente em Imperatriz, independentemente do idioma, gênero, local de edição, impressão, selo editorial e primeiro lançamento; e

II - Livro de autor não nascido e não residente em Imperatriz, com tema de Imperatriz ou que dela ou sobre qualquer aspecto dela tenha registro com destaque, independentemente do idioma, gênero, local de edição, selo editorial, impressão e primeiro lançamento (NASCIMENTO, 2017, p. 54).

Os dois textos, tanto o primeiro com as concepções dos autores quanto a Lei nº 1.468/2012, trazem em comum a percepção de obra imperatrizense como aquela produção escrita por autor nascido/residente na cidade ou que possui articulados em seu interior o vínculo seja afetivo ou circunstancial com a realidade da vida imperatrizense. A questão do lugar impregnada na narrativa, seja pelos registros de temas relacionados à cidade ou pela simples naturalização do autor, ressalta que o que se pretende com a literatura local é abordar o olhar construído no interior da espacialidade do lugar por intermédio de seus personagens e dos recursos a eles inerentes, como a memória, os conflitos identitários e a historicidade.

No entanto, a problemática da simples naturalização como fator para que um autor seja compreendido como um autor regional, salta aos olhos. Se por um lado, a literatura prioriza a narrativa voltada para as vivências da região, por outro, ela valida as obras como regionais a partir do fato do autor ter nascido no lugar. As duas percepções não dependem uma da outra, são critérios autossuficientes. É curioso como o pertencimento ao lugar, principalmente se este for pelo nascimento, é uma situação indiscutível para alçar este como um autor regional. No entanto, para além do exposto, vale questionar a relevância dessas determinações,

especialmente se considerarmos o quão abstratas são as fronteiras que criam as divisas que orientam essas concepções. Em todo o caso, a identificação é determinante para que essas situações se apresentem nas discussões sobre literatura regional. É preciso que uma conexão seja estabelecida, quer seja com o próprio autor, que seja pelas estruturas que comportam a narrativa literária.

Mas vale questionar também a necessidade de destaque aos aspectos da cidade, citado neste fragmento da lei. Para um texto ser considerado regional é necessário citar o espaço, a geografia da região? Escrever, como Zeca Tocantins já disse anteriormente aqui, é absorver todas as nuances da regionalidade impregnada nas vivências, nos falares e nos saberes. “Destacar” o lugar, como sugere a lei Lei nº 1.468/2012, é apenas submeter a literatura regional a uma materialidade burocrática que estabelece o lugar na narrativa como um critério, ignorando outras manifestações do fazer literário regional.

Visto essas disposições, os personagens que integram a noção de povo imperatrizense são concebidos de muitos lugares, mas encontram por essas bandas o sentimento de pertencimento que os nutrem enquanto gentes desta terra. É essa identificação que incorre sobre as produções literárias da cidade. É a literatura que conversa com esses conflitos e com as vivências que tornam a construção de um imaginário social e coletivo possível.

A complexidade desse pensamento surge da ideia de que a identificação é importante para a leitura da narrativa regional, mas é interessante ponderar que a diferença também é uma forma de comunicação e de se estabelecer relações com essas narrativas. A semelhança e a diferença são contrastes que terminam tendo funções agregadores na leitura da narrativa regional, tendo em vista as percepções sobre a aproximação ou a distância entre o que é lido e as expectativas do leitor. Dessa forma, a ficção, a poesia contemporânea se fortaleceu enquanto reduto das narrativas fundamentadas na regionalidade, principalmente na relação entre aproximação de perspectiva e distância. Abstraindo as fronteiras que separam esses dois lugares, para assim, tornar possível a construção de uma teia de relações a partir do enfrentamento da diferença e da correspondência com a aproximação.

A marcha à ré ficcional que nos levou de volta ao sertão na última década, entretanto, propõe um exercício que vai num sentido inverso: o ficcionista não ressalta apenas o que salta aos olhos como diferença radical, mas concentra-se na esfera do comum entre o próximo e o longínquo, lançando um olhar atento às zonas de contato e relações existentes entre espaços separados por inúmeras fronteiras (geográficas, culturais, simbólicas). Este movimento é feito não para atestar que o mundo virou uma coisa só, assolado por eventos que devoraram e homogeneizaram cada canto do planeta, mas sim para mostrar o funcionamento dessas dinâmicas globais em espaços concebidos como infensos a elas (COSTA, 2004, p. 89).

A estreita relação entre distância e proximidade lança luz e questionamentos acerca da identificação como instrumento de leitura do sujeito frente aos registros da identidade expressos na linguagem literária. Homi K. Bhabha (1998) traça um panorama sobre as questões da identificação aos aspectos identitários ao indagar o lugar comum da semelhança por identificação. Para ele é preciso superar a simples identificação. A natureza das complexas relações entre sujeito e construções identitárias não se limita à observação dos fatores que imputam familiaridades ou analogias por semelhança. Pelo pensamento de Bhabha, a identificação, nesses termos, sucede a visualização de imagens que se associam à ocorrência do próprio signo, da própria linguagem. O signo, na perspectiva da pura semelhança pressupõe a representação visual que, segundo o autor, estabelece uma pré-determinação discursiva.

Da busca por uma leitura que supere os determinismos que sugerem a associação entre imagem e signo, nasce, o que o próprio Bhabha (1998) chama de terceira dimensão. Um aspecto teórico que extrapola o lugar da aproximação e transcende a visão da identificação que se traduz em imagem por analogia. Nesse sentido, a terceira dimensão abriga o questionamento sobre a identificação sugerida pelas aproximações imagéticas. Nesse sentido, a terceira dimensão traduz o que o autor chama de espacialidade do sujeito, que é a superação da consciência simbólica e a criação de uma duplicidade que problematiza a construção imagética da identidade e nega a semelhança analógica do signo, a associação que é feita por assemelhação entre as palavras.

A terceira dimensão que invoca a duplicidade busca ocluir a visão pré-estabelecida que o signo requerido por semelhança satisfaz. Rompe com a sensação de análise meramente profunda, vertical, do significante e estabelece a análise dos eventos decorridos da identidade em sentido duplo. Dessa forma, “É através daquele espaço da enunciação que os problemas do sentido e do ser penetram nos discursos do pós-estruturalismo como problemática da sujeição e da identificação” (BHABHA, 1998, p.8). A concepção da duplicidade em terceira dimensão requer que a apreensão da ambiguidade do lugar reservado ao antagonismo do Outro desconstrua a percepção genérica do diferente, muitas vezes assumida por grupos minoritários e invisibilizados (BHABHA, 1998, p. 10).

Mediante a essas disposições teóricas, a identificação entre sujeito e aspectos identitários presentes na concepção do signo, é uma etapa na construção de sentidos. Porém, é a partir do contraste entre as ambiguidades resultantes dos enfrentamentos identitários que se faz possível compreender de maneira coesa a complexidade dos fenômenos que se corporificam nas relações sociais, culturais, políticas e discursivas. Tendo em vista as presentes reflexões, a compreensão de uma literatura regional resumida a intenção de despertar a identificação do

leitor é um equívoco. A identificação na narrativa literária não é um objetivo a ser alcançado, é um resultado que decorre dessas relações proximais, mas não um projeto da narrativa regional e nem deve ser interpretada como uma finalidade dessas narrativas. Até mesmo porque a regionalidade não é o cerne do texto literário, ela faz parte da substância do texto, é um elemento na imensidão das estruturas que constituem a escrita literária.

Outro conflito decorrente da problemática que envolve a Literatura Regional é a dependência de um contexto regionalizado dentro dessas literaturas. O entendimento de que as marcas da regionalidade de um lugar são obstáculos que tornam nebulosas as leituras das estruturas narrativas é uma impressão recorrente dentro da Literatura Regional. Mas é preciso também questionar essa discussão.

A construção da regionalidade incorporada à literatura não é um fator restritivo dentro de uma narrativa, ela faz parte de uma engrenagem complexa. Não é apenas ambientação, é também essência e substância dentro de uma estrutura maior que é a narrativa. Por isso, é importante compreender que a regionalidade no Brasil é uma história esquecida e invisibilizada, que foi construída a partir de um discurso permeado por interesses políticos/históricos de dissolução da individualidade e da capacidade de integração das múltiplas regionalidades que constituem a cultura e a identidade brasileira. Essas distorções discursivas relacionadas às regionalidades brasileiras, que ainda vale mencionar em muitos casos sequer foram escritas por sujeitos que delas são frutos, contaminaram o olhar para com as narrativas regionais e criaram as limitações sentidas por muitos autores, até mesmo na atualidade.

A problemática da regionalidade, tecida por anos na literatura brasileira, nasce dos apagamentos identitários que foram e são sintomáticos na cultura brasileira. A negação das regionalidades que (sobre)vivem na sociedade brasileira foi crucial para a dissimulação de uma regionalidade que atua no campo do discurso e que tem contornos homogeneizantes. Como se essa regionalidade fosse uma característica centralizadora em relação a todas as outras expressões regionais que coexistem no Brasil. Existe uma generalização dessa regionalidade, como se as marcas desse fenômeno fossem sempre simbolicamente as mesmas, o nordeste sempre representada pela imagem do sertão agreste, o sul pelas pampas, entre outros exemplos. A natureza de manifestação do regional é diversa, por isso, tentar definir uma Literatura Regional é impossível, pois é uma produção que considera uma rede de construções culturais, sociais e políticas que se retroalimentam em um sistema de cooperação e mudança.

É o pensamento que Homi. K Bhabha (1998) e Stuart Hall (2003) comungam ao interpretar as comunidades imaginárias nascidas dos hibridismos culturais que percorrem as transformações sociais contemporâneas. O sistema de integração que os territórios globalizados

compartilham cria o que Stuart Hall chama de “rede e local da memória — constitui o canal crucial entre os dois lugares” (2003, p.26). Essa rede é costurada pelas intersecções culturais fomentadas pelas mídias que ampliaram a noção de espaço e conectou os interiores às grandes metrópoles e demais localidades ao redor do mundo. As translocalidades, visualizadas por Denilson Lopes (2012), são os produtos desses eventos de troca, acomodação e assimilação entre as comunidades que deslocaram as distâncias físicas e construíram pontes de diálogos por meio das ferramentas midiáticas. Essa nova configuração de leitura dos interiores, a partir da ideia de deslocamento e translocalidade, difere da concepção tradicional intuída a esses espaços pela literatura histórica em que:

Os relatos que tradicionalmente moldaram a imaginário acerca das pequenas cidades foram na maioria das vezes convocados a ressaltar os aspectos que marcavam a diferença local em contraste permanente entre o cá e o lá, o aqui e o alhures, construindo polarizações entre centro e periferia a partir da ideia de que estes espaços seriam dotados de características físicas e simbólicas bem definidas e isoladas (COSTA, 2004, p. 89).

Ao mesmo tempo em que existe uma individualidade, também coexiste uma comunicabilidade entre as regionalidades da cultura brasileira. Dessa forma, existem singularidades nas expressões culturais, artísticas, sociais e políticas na diversidade regional brasileira, no entanto, também existe pontos de comunicação entre essas expressões, que podem decorrer tanto da identificação dos sujeitos desses espaços quanto da afirmação de diferenças dentro da mesma perspectiva de percepção dos contrastes entre as construções identitárias regionais,

Posto essas disposições, cabe trazer para esse estudo o ponto de vista divergente ao termo, considerando os fatores limitantes que pesam sobre a Literatura Regional e que são apontados por muitos autores contemporâneos. O escritor Ariston França faz uma reflexão interessante sobre a literatura produzida na cidade de Imperatriz enquanto literatura regional.

Entrevistado: Ariston França (39min:55s): Quando eu coloco nesse sentido de que a literatura imperatrizense já vai além fronteira, eu desconsidero dessa possibilidade de termos uma literatura regionalizada, até porque não conseguimos identificar isso, não há uma identificação, eu não consigo identificar que aquilo que eu escrevo seja algo de Imperatriz, regional. Não, ela é uma literatura que você consegue ter a universalidade dela. Qualquer lugar que você levar ela, ela vai ser bem lida, vai ser bem vista, ou vai ser criticada ou vai ser mal vista, mas é uma literatura que tem uma abrangência, assim como outros escritores de Imperatriz [...]. Então, eu não posso considerar a literatura de Imperatriz como uma literatura baírrista, regional. Não! Eu acho que o nosso trabalho ele consegue hoje ir além do universo de Imperatriz. É uma das coisas que nós já discutíamos isso. Eu lembro que que foi feita uma discussão dessas aqui na UEMA [UEMA/CESI], quando eu estudava, que foi até a partir da mudança curricular que tínhamos a literatura maranhense e que deixou de ter pra ter

literatura brasileira, justamente para incorporar à literatura brasileira, que isso é significativo. Por que eu tenho que considerar que a literatura de Ferreira Gullar é uma literatura maranhense e não brasileira? Que é inteiramente, legitimamente brasileira como a literatura regional de outros grandes escritores maranhenses que nós temos. Então, é dentro desse universo que não posso conceber que a nossa literatura esteja apenas dentro dessa raiz regionalista, até porque ela [pode] não [ter] essa cara de uma literatura regional, ela não tem uma cara de uma literatura regional, pelo menos o que eu escrevo não tem, ela tem uma cara de uma literatura abrangente, de uma literatura pra fora. Aí nesse sentido que eu vejo que nós não escrevemos uma literatura regional... já tivemos... podemos até ter tido em algum momento atrás, né? Algum momento atrás, mas hoje não. Hoje a nossa literatura, eu diria assim sem nenhum medo é uma literatura sem fronteira. [...] Então, a gente precisa perder esse medo, né? Que eu acho que não é nem medo, de assumir essa responsabilidade de que aquilo que estamos escrevendo hoje não é uma literatura regional. Não tem como ser uma literatura regional. Eu não consigo identificar. Até por que... o que é regional? Como eu posso identificar a minha literatura como uma literatura regionalizada, só porque eu escrevo dentro desse universo de Imperatriz? Não, eu não escrevo sobre o universo de Imperatriz, eu escrevo dentro de um universo muito maior. Em um universo que eu consigo perceber os vários elementos pra escrever. Então, eu não trago apenas a essência de Imperatriz, até porque se eu for falar do Rio Tocantins eu não vou falar só do Rio Tocantins dentro do universo regionalizado, né? Eu vou além disso. O rio Tocantins vai além disso.

A literatura imperatrizense não é reconhecida pelas grandes marcas de uma expressividade regional, não possui uma visibilidade que a permita ser lida nacionalmente, é nichada como muitas literaturas de cidade dos interiores do Brasil. Como resultado da criação do movimento artístico literário da cidade é possível afirmar que a literatura imperatrizense seguiu diferentes caminhos, foi experimentada por muitas vertentes literárias e dessas vivências a literatura imperatrizense se fortaleceu por possuir a diversidade como característica narrativa/poética, sendo possível encontrar dentre as obras produzidas na cidade e região, narrativas envoltas nas perspectivas culturais e sociais da regionalidade da região tocantina, ou que simplesmente buscaram percorrer outros caminhos narrativos que não tendem a acentuar essas interações com o lugar.

É possível compreender a percepção do autor ao afirmar que não enxerga a Literatura produzida em Imperatriz como regional. Afinal a regionalidade não é uma totalidade nessas produções, ela é uma das expressões dessa literatura. A concepção do bairrismo como sinônimo da Literatura Regional se fundamenta nas limitações de contexto que se sobrepõem às narrativas dentro do aspecto regional. Como se essa literatura se encerrasse na regionalidade presente na narrativa, como se só houvesse comunicação com seus pares, com quem se identificasse com a regionalidade apresentada.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender a regionalidade na literatura como um recurso dentro da narratividade que se expressa mediante o simbolismo de expressões sociais e culturais que, por sua vez, interferem na percepção de (co)existir mediante as relações coletivas.

Em vista dessa dinâmica, os personagens são alimentados pelas interações entre história, imaginário coletivo, relações humanas, cultura, expressões populares, construções sociais e discursividade. Dessa forma, a narrativa que se debruça sobre os aspectos da regionalidade de um lugar apresenta uma percepção humana e social em face de um universo construído a partir da complexidade que fundamenta as construções identitárias brasileiras.

Em vista do exposto, destituir a concepção de que a regionalidade na escrita literária é um fator limitante é uma postura que vale ser desenvolvida pelo leitor e, em alguns casos, até mesmo por quem escreve. Olhar para o aspecto regional na narrativa a partir da compreensão de que existe a construção de um universo criativo que nasce da profusão de eventos que constituem a noção de sociedade, contribui para o fortalecimento de leituras agregadoras para a literatura brasileira.

No entanto, vale conceber que o espaço historicamente delegado à Literatura Regional, esse sim, pode ser encarado como um limitador para a narrativa regional. Principalmente, ao se considerar o projeto de construção desse espaço, os discursos a ele atribuídos e a tendência histórica de relegar a esse lugar o que não era canônico suficiente para a Literatura Brasileira. O termo Literatura Regional carrega o peso de ser um espaço restritivo para as narrativas que trazem os aspectos sociais e culturais do lugar dentro da narrativa literária. É necessário, a partir dessa reflexão, compreender a regionalidade dentro da literatura brasileira como um fenômeno de origem diversa que é revestido de contrastes e engrenagens complexas de discursos que contribuem para a construção de profundidade na narrativa.

É interessante perceber a ação do tempo e das leituras que esse tempo trouxe para essa discussão como formas de compreender os caminhos até aqui traçados pela crítica literária e pelos eventos que nortearam a criação da Literatura Regional, enquanto vertente literária e narrativa.

Isto posto, é plausível afirmar que essa discussão não se esgota e não deve se esvaziar. O intuito aqui não é chegar a uma análise conclusiva, mas estabelecer discussões que podem ser aprofundadas. Pois, a literatura nunca é consenso. As convergências e divergências nessas discussões são saudáveis e necessárias para se seguir refletindo e para aprofundar o estudo sobre Literatura Regional e a regionalidade na narrativa/poética literária. Assim, não é o objetivo desse estudo delimitar a nomenclatura correta ou estabelecer o certo e o errado na Literatura Regional, mas acrescentar, contribuir para a discussão.

Nesse sentido, percebe-se que uma análise importante que pode ser realizada a partir dessas disposições é compreender o surgimento da Literatura Regional dentro da Literatura Brasileira em meados do século 19, para assim entender a regionalidade construída dentro da

Literatura Brasileira a partir do final do século 20, já impregnada do pensamento de negação do termo Literatura Regional. Tendo em vista a consolidação dessa linha de pensamento, cabe o entendimento de três momentos cruciais para o estudo da regionalidade na literatura: primeiro, o de projeção de uma nacionalidade que mais tarde foi interpretada como o início do movimento literário regional, desde os primeiros escritos que abordavam uma suposta diversidade cultural e geográfica brasileira, até as obras românticas e rurais de José de Alencar e Visconde de Taunay. Segundo, o estabelecimento da Literatura Regional como corrente literária fortalecida pelos autores regionalistas do início do século 20, como Jorge Amado e Graciliano Ramos. E o terceiro momento, a produção literária instrumentalizada pela regionalidade e a memória cultural e coletiva nas obras contemporâneas que ampliaram o leque de autores e diversidades narrativas.

Como reflexo dessa conjuntura histórica moldada pelo trânsito de discursividades e transformações sociais e políticas que recaíram sobre a regionalidade na literatura, as produções literárias imperatrizenses seguiram as influências das tendências estabelecidas pelos movimentos literários, mesmo com o estabelecimento tardio de uma produção literária. A literatura imperatrizense é o resultado de experiências e da imersão dos autores que interagiram com a cidade e seus arredores em uma escrita diversa capaz de capturar as manifestações culturais e as múltiplas relações identitárias da região tocantina.

Quando se fala em região tocantina e literatura imperatrizense é sempre importante pontuar que as denominações são meramente ilustrativas em relação às fronteiras geográficas que esses nomes estabelecem. Imperatriz é uma extensão da região tocantina e vice e versa. Existe um todo que é intransponível e imensurável. As linhas que separam os municípios e os nomes que individualizam esses espaços em cidades, em nada apartam as relações que foram enraizadas por décadas de intensos compartilhamentos territoriais e afetivos que se traduziram em uma partilha da memória, dos saberes, dos falares e das pessoas que transitam entre os chãos e os rios que integram os interiores do sul do Maranhão.

5 O (SER)TÃO DE CÁ

É que tu elaboras a poesia e não a assassina na fria página do texto escrito, como o faz a maioria dos escritores, que empilha seus livros nas prateleiras das livrarias, na expectativa de que seus textos encontrem os tão preciosos, mas escassos leitores. Tu bem o sabes: texto não lido não cumpre sua peculiar função de provocar reflexão. Não transforma olhares, não fertiliza pensares, imaginação, raciocínio crítico, visão crítica do mundo; equivalem, enfim, aos pequeninos que já nascem mortos. Entendeste? (MONTEIRO, 2012, p. 23).

A partir da colaboração dos autores que participaram desta pesquisa é possível mensurar que o processo de construção da literatura imperatrizense foi um trabalho coletivo e engajado com as manifestações culturais que se faziam presentes na vida social da cidade de Imperatriz nos anos 80 e 90. Tendo em vista que a literatura da cidade conseguiu alcançar um patamar de produtividade e de organização a partir dos 90, com um volume considerável de produções, é possível afirmar que essa literatura constitui um vasto material de leitura e análise que ainda precisa ser descoberto.

Mediante a isso, explorar a dinâmica dessas produções, enquanto textos com recursos narrativos, linguísticos e estéticos que merecem ser lidos, bem como também tornar essas produções acessíveis ao público, é fundamental para compreender a literatura imperatrizense a partir dos diálogos que podem ser estabelecidos com o leitor e com os muitos saberes e memórias despertados pela leitura.

O acesso ao acervo literário imperatrizense além de oportunizar que o público em geral conheça e se reconheça no que é produzido na cidade, também é um retorno importante para os autores da cidade, que podem estabelecer com o público uma relação de reciprocidade e diálogo, como bem expõe o escritor Ariston França.

Entrevistado (Ariston França) 6min55s: que a gente precisa ler muito mais, principalmente o que os escritores de Imperatriz produzem. É pouco consumido ainda o que nós produzimos. Eu acho que as escolas devem ter uma grande participação nesse processo, as universidades têm uma grande participação nesse processo com relação a receptividade do nosso material, até para a gente ir percebendo o que realmente estamos escrevendo, qual a qualidade daquilo que estamos escrevendo. Então, nós precisamos de uma leitura crítica desse nosso material, até para gente poder dar continuidade nesse processo de construção da escrita.

Nesse sentido, a construção da Biblioteca Virtual *(Ser)tão de cá* é uma forma de aproximar o público, em especial professores e alunos da rede pública de ensino, das produções literárias da cidade de Imperatriz. Compreendendo que existem dificuldades de tornar essas

produções mais acessíveis ao público, em decorrência de limitações editoriais e de divulgação, além dos preconceitos que permeiam a percepção sobre as literaturas ditas regionais. A construção desta biblioteca virtual é a etapa final desta pesquisa de mestrado e tem por finalidade não só tornar as produções da literatura imperatrizense acessíveis, mas também criar um canal de contato. Estabelecer uma relação de proximidade entre a literatura imperatrizense e os leitores, construindo pontes de entendimento, compartilhamento e questionamento.

A biblioteca a princípio contará com os textos, selecionados pelos próprios autores durante o processo de entrevista para essa pesquisa. Esses textos ficarão disponíveis no site do PPGLe, Mestrado em Letras, da UEMASUL que também contará com uma pequena biografia de cada autor. Ela será alimentada por essa pesquisadora e será expandida para os demais autores da cidade e região, que poderão optar por disponibilizar quantas obras quiserem, mediante autorização por termo de cessão com a discriminação de cada obra cedida e assinatura de cada autor.

Os autores que integram, no primeiro momento, a biblioteca são: Zeca Tocantins, com a obra *Banzeiros*; Lília Diniz com os poemas *pandemia de versos* e *TempeAndo*; Ribamar Silva com os contos *Uma releitura de “O enigma do homem”, de Edgar Morin*, *Um conto de amor perdido* e *Fundação de Imperatriz (um conto)*; Gilmar Pereira com os contos *A galinha Magra-Magrinha* e *o Último conto contado*; Ariston França com os poemas *Fundo de gaveta*, *Beco do medo* e *Grito*; Trajano Neto com os poemas *Não bula comigo, moço*, *Os pássaros*, *Imperatriz*, *A pedra* e *Magia do rio*; e Domingos Cezar com a obra *Pelos caminhos de Frei Manoel Procópio*.

Todos os autores que participam da Biblioteca Virtual *(Ser)tão de cá* autorizaram a disponibilização gratuita de seus textos como parte desta pesquisa de mestrado pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, cedendo assim os direitos patrimoniais e de autor referentes às obras/criações supramencionadas no termo de cessão, com fundamento nos artigos 28 a 33 da Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (Lei de Direitos Autorais), para a finalidade específica de integrar a Biblioteca Virtual *(Ser)tão de cá* que ficará disponível na página do PPGLe, e que tem por objetivo proporcionar o acesso gratuito às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais.

As autorizações de cessão dos materiais, que integraram a biblioteca, foram recolhidas após as entrevistas individuais com os autores. Após a exposição feita pela pesquisadora sobre os objetivos e o funcionamento da biblioteca, os autores selecionaram e enviaram previamente os títulos das obras escolhidas. Essas informações foram colocadas nos termos de cessão de

cada autor e posteriormente assinadas pelos mesmos em reunião agendada na AIL em que seis desses autores compareceram. Um autor não pode comparecer a essa reunião e assinou o seu termo de cessão em outra ocasião.

Todos os autores que colaboraram com a disponibilização de seus materiais para a biblioteca foram extremamente receptivos e aprovaram a ideia de democratizar o acesso a suas obras utilizando os recursos do ambiente digital. É importante entender que a reunião desses materiais em um espaço interativo e de fácil acesso e manutenção, como é a internet, torna a área de alcance dessas obras maior, uma vez que qualquer pessoa com acesso à internet pode encontrar esses materiais. Além disso, organizar e alimentar uma biblioteca virtual possui facilidades importantes que podem fortalecer a biblioteca com um acervo digital mais completo e extenso no futuro.

A Biblioteca Virtual (*Ser)tão de cá* será anexada a página do PPGLe, Mestrado em Letras, da UEMASUL, dessa forma seu funcionamento está condicionado a essa página. A página passa por algumas alterações e melhorias entre o final do ano de 2022 e início de 2023, dessa forma, o funcionamento da biblioteca tem início previsto para abril de 2023.

Ademais, todos os esforços até aqui empreendidos para que esse PTT seja realizado e se torne um projeto de longo prazo, é uma ação colaborativa entre esta pesquisadora e todos os autores que se juntaram, e aos que ainda se juntarão, a esse projeto com o único intuito de agir em prol do acesso ao conhecimento e do fortalecimento da literatura imperatrizense enquanto objeto de estudo e saber.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caminhada traçada para esta pesquisa teve como alicerce principal a discussão teórica sobre aspectos e perspectivas complexas da literatura regional, para isso a história e o desenvolvimento da literatura imperatrizense foi o cenário escolhido para elaborar discussões sobre memória, identidade, representação cultural, literatura regional e regionalidade.

Nessa perspectiva, a regionalidade é uma composição coletiva. Reflexo das reminiscências da memória compartilhada e das representações simbólicas das vivências e experiências da região enquanto espaço discursivo e histórico. Embora as muitas tentativas de definição do termo literatura regional encontre outros tantos caminhos para uma conceituação concreta e final, ainda é essa uma tarefa complexa e mediante a todo o panorama de desenvolvimento do termo, em concomitância com a própria literatura brasileira, talvez nem seja essa a questão central.

Os cursos traçados pela literatura regional são tortuosos e se contrastam com discursos e estereótipos aplicados às regionalidades brasileiras desde os primórdios, ao mesmo tempo em que também é o espaço de visibilidade de outras realidades, narrativas, espaços e tempos dentro do que, para alguns, se denomina como cânone da literatura brasileira.

Nesse sentido, a literatura imperatrizense encontrou nas marcas de uma tradição literária e até mesmo nos experimentalismos literários, nas discussões acerca das representações do comportamento, da memória, dos lugares e dos símbolos da regionalidade de Imperatriz e região, os recursos necessários para fortalecer o projeto literário da cidade. Apesar do começo tardio, a literatura imperatrizense criou um espaço de colaboração entre o teatro, a música, as artes plásticas e outras manifestações artísticas, que possibilitaram a sua produção. Além disso, os movimentos de produção literária na cidade, iniciados pelo GRULI, provocaram os autores envolvidos a expandirem seus repertórios e evoluírem criticamente sobre suas criações e demais produções desenvolvidas nesse período específico de consolidação literária ainda nos anos 80.

A partir da história de consolidação da literatura imperatrizense é possível compreender que os eixos basilares da literatura regional repousam sobre a noção que a história tem sobre o impacto da memória, sobre os discursos que solidificam as marcas da identidade de um povo, de uma região, no tempo presente e no passado. Essas reflexões sobre a literatura regional em diálogo com a literatura imperatrizense, enquanto história e produção literária, são importantes para compreender como os processos de construção discursiva e imagética de uma região são visualizados e elaborados na literatura.

Das análises realizadas no corpus desta pesquisa é possível aferir algumas marcas importantes desta literatura, dentre elas a relação do rio Tocantins com o cotidiano e com a memória afetiva da cidade, o reconhecimento das vivências sociais pela relação estabelecida com a figura lúdica do rio, a tematização do cotidiano da cidade, as disfunções sociais, a contestação de problemáticas históricas, as representações simbólicas da regionalidade e da ancestralidade, o contraste entre o fazer poético e as representações regionais e o experimentalismo estético.

Em vista do exposto, a Produção Técnica-Tecnológica - PTT é a contribuição final desta pesquisa para a comunidade imperatrizense e a todas as pessoas que quiserem ter acesso à literatura dos autores aqui abordados. Pensando a literatura imperatrizense como um instrumento importante e singular para o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, cabe entender que a reflexão sobre os elementos da literatura regional possui narrativas e discussões a serem descobertas e estimuladas em sala de aula pelo olhar de quem enxerga as aproximações causadas pelo despertar da memória e do reconhecimento das representações regionais.

É mediante a essas disposições que a construção da Biblioteca Virtual (*Ser)tão de cá se faz necessária, tendo em vista a necessidade de ampliar o conhecimento sobre a literatura imperatrizense, principalmente em sala de aula. Os textos disponíveis, nesse primeiro momento, são de autoria dos sete autores entrevistados. A disponibilização gratuita dos textos da literatura imperatrizense é uma oportunidade de democratizar o acesso a uma literatura ainda desconhecida dentro de sua própria região, bem como também por outras territorialidades.*

Dessa forma se encerra a jornada construída. As pedras existentes nessa caminhada tornaram-se oportunidades para encontrar atalhos outros que levaram a lugares que não estavam nos planos iniciais, mas que foram fundamentais para fortalecer cada ideia colocada nessas linhas. Essa trajetória que começou com o impulso pessoal por conexão com o lugar que se presentifica desde o nascimento desta pesquisadora, se expandiu e se tornou algo que possui em cada parágrafo traços desse afeto guardado pelas pessoas e pelos lugares que transbordam as vivências e as memórias de Imperatriz, mas que também traz a importante contribuição de, assim como meu pai e minha mãe faziam, recontar do jeito e com a perspectiva desta pesquisadora os chãos e os rios que a levaram a descobrir a sua cidade, Imperatriz.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA IMPERATRIZENSE DE LETRAS. **Imperatriz**: 150 anos. Imperatriz: AIL, 2002.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALMEIDA, Ruteleia Lima. Geografia regional contemporânea do Bico do Papagaio: a região e a regionalização. **XI - Encontro Nacional da Anpege**: A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação, Presidente Prudente. p. 4431-4442, 2013. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/13/420.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- ANDERSON, Benedict. R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. O regionalismo como outro. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 28, p. 113-124, 2006. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9107/8115>. Acesso em: 28 abr. 2020.
- ARENDETT, João Claudio. Notas sobre regionalismo e literatura regional: Perspectivas conceituais. **Todas as letras Z**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 110-126, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v17n2p110-126>. Acesso em: 24 abr. 2020.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BALIEIRO, Maria Nely Pereira; CORRADI. Analaura; SARRAF PACHECO, Agenor. A cidade-floresta na pintura da memória: teias visuais e orais em Maria Nely Balieiro. **Revista Moara**, Pará, n. 43, p. 62-81, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2636>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Trad: J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad: ÁVILA, Myriam; REIS, Eliana Lourenço de Lima; GONÇALVES, Gláucia Renate. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad: Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**. Goiás, n. 3, p. 94-109, 2010. Disponível em: file:///C:/Users/Usu%20C3%A1rio/Downloads/admin,+ARTIGO+5__Valdeci+Rezende+BORGES.pdf. Acesso em 20 dez. 2022.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola Editora, 2004.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CEZAR, Domingos. **Ecologicamente pensando**. Imperatriz: Gráfica União, 2009.

CEZAR, Domingos. Entrevista VI. [abr. 2022]. Entrevistadora: SANTOS, Mariana Soares dos. Imperatriz, 2022. 1 arquivo. mp3 (53min47s). Entrevista concedida à pesquisa de mestrado *Por entre chãos e rios: Os caminhos narrativos da literatura imperatrizense*.

CHAMBOULEYRON, Rafael; PÁDUA, José Augusto. Dossiê: Rios e sociedades. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 39, n. 81, p. 15-24, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/HvHLtT4HTRGCWdJzrBkqfmf/?lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2020.

CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Revista Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159, 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1989/1128>. Acesso em: 03 jun. 2020.

CORMINEIRO, Olivia Macedo Miranda; MEDEIROS, Euclides Antunes de. A história, a memória e a literatura: apontamentos para a interpretação de narrativas amazônicas. **Revista de história**, João Pessoa, n. 35, p. 121-138, 2016. Disponível em [file:///C:/Users/dsrvd/Downloads/31449-Texto%20do%20artigo%20COM%20identifica%C3%A7%C3%A3o-92451-2-10-20180324%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/dsrvd/Downloads/31449-Texto%20do%20artigo%20COM%20identifica%C3%A7%C3%A3o-92451-2-10-20180324%20(1).pdf). Acesso em: 22 mar. 2021.

COSTA, Mayara Alexandre. **Terra em trânsito**: narrativas contemporâneas dos sertões Nordesteiros. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2014.

COUTINHO, Antonio. **Osculario (lacrado)**. Imperatriz: Editora Kiron, 2014.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

DINIZ, Lilia. **Miolo de pote da cacimba de beber**. Brasília: Olímpica, 2004.

DINIZ, Lilia. **Sertanejares**. Imperatriz: Edições Lamparinas, 2011.

DINIZ, Lilia. Entrevista VII. [abr. 2022]. Entrevistadora: SANTOS, Mariana Soares dos. Imperatriz, 2022. 1 arquivo. mp3 (15min09s). Entrevista concedida à pesquisa de mestrado *Por entre chãos e rios: Os caminhos narrativos da literatura imperatrizense*.

ENCICLOPÉDIA DE IMPERATRIZ: **150 anos**: 1852-2002. Editor e redator: Edmilson Saches. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003.

FÉLIX, Vanda Maria. Et al. O regionalismo revisitado: Uma proposta de trabalho para o ensino médio. **III CONEDU: Congresso nacional de educação**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA20_ID_5150_18082016150305.pdf. Acesso em: 06 jan. 2020.

FLEURI, R. M. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 16-35, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/SvJ7yB6GvRhMgcZQW7WDHsx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Cinzas que queimam**: Milton Hatoum diz que o regionalismo se esgotou e critica autores que querem "destruir o romance". São Paulo, 13 de agosto de 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1308200507.htm>. Acesso em: 23 dez. 2021.

FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In. **História, memória e literatura: O testemunho na era das catástrofes**. SILVA, Márcio Seligmann-Silva (org.). Campinas- SP: Editora da Unicamp, 2003.

FRANÇA, Ariston. **Fundo de gaveta**. Artegraf: Imperatriz, 2004.

FRANÇA, Ariston. Entrevista V. [abr. 2022]. Entrevistadora: SANTOS, Mariana Soares dos. Imperatriz, 2022. 1 arquivo. mp3 (1h17min40s). Entrevista concedida à pesquisa de mestrado *Por entre chãos e rios: Os caminhos narrativos da literatura imperatrizense*.

FRANKLIN, Adalberto. **“Eu, Imperatriz” tem nova edição após 40 anos**. Imperatriz, 28 de novembro de 2012. Disponível em: <http://adalbertofranklin.por.com.br/2012/11/eu-imperatriz-tem-nova-edicao-apos-40-anos/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

FRANKLIN, Adalberto. Quem é imperatrizense, afinal? In: **Antologias: contos, crônicas, poesias**. Imperatriz: AIL, 2012.

JOACHIMSTHALER, Jürgen. A literarização da região e a regionalização da literatura. **Antares: Letras e humanidades**, Caxias do Sul, n. 2, p. 27- 60, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/400-1478-1-PB.pdf>. Acesso em: 05 set. 2020.

HAERTER, Leandro; LIMA, Maria Regina Rosa; ROSTAS, Márcia Helena Sauaia Guimarães. A polifonia presente nos enunciados produzidos nos discursos de sala de aula. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, a. 22, n. 36, p. 138–160, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/dsrvd/Downloads/7534-27380-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/dsrvd/Downloads/7534-27380-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 22 mar. 2021.

HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares**, n. 3, p. 2-24, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/416-1556-1-PB.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart (org). **Representation Cultural Representatation and Signifying Practices**.

London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Representação e cultura**. Trad. MIRANDA, Daniel; OLIVEIRA, William. Rio de Janeiro: Puc, 2016.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. Tradição Viva. In: **História Geral da África I**. ZERBO, J.K. (Org.). Brasília: MEC/Unesco, 2010.

LEONEL, Maria Célia, SEGATTO, José Antonio. O regional e o universal em Guimarães Rosa. In: **XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências**, São Paulo: USP, p. 1-11, 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/052/MARIA_LEONEL.pdf. Acesso em: 15 mai. 2021.

LIMA, Manoel de Souza. **Outono**. Imperatriz: Ethos, 2019.

LOPES, Denilson. **No coração do mundo: Paisagens transculturais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

MACEDO, Fernanda. A moderna sociedade de consumo como instrumento de estigmatização da humanidade. **XXIII Encontro Nacional do Conpedi: Direito do consumidor**. Florianópolis: CONPEDI/UFSC, p. 68-87, 2014.

MARANHÃO, Governo do. 2021. **Academia Imperatrizense de Letras comemora 30 anos com a entrega da sede revitalizada, posse de novos membros e nova diretoria**. Imperatriz, 24 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=303418>. Acesso em 20 de julho de 2021.

MATA, Anderson Luís Nunes da. **As fraturas no projeto de uma literatura nacional: representação de uma narrativa brasileira contemporânea**. 2010. 180f. Tese (Tese em literatura). Universidade de Brasília. Brasília.

MEMÓRIA TEATRO FERREIRA GULLAR. **Entrevista: Pedro Hanaye: Memória Artística e Cultural de Imperatriz-MA**. YouTube, 26 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cLPq6hLPSsM&list=PLM4eM4U-oag-5yW1pp9POSvwpsbJahvJQ>. Acesso em: 02 jan. 2022.

MONTEIRO, Arnaldo. O múltiplo Válder Rocha. In: **Antologias: contos, crônicas, poesias**. Imperatriz: AIL, 2012.

NAHUM, João Santos. Região e representação: A amazônia nos planos de desenvolvimento. **Revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales**, Belém, v. 17, n. 985, s/p, 2012. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-985.htm>. Acesso em: 20 jul. 2021.

NASCIMENTO, Francinilda de Sousa. **A expansão da literatura imperatrizense numa abordagem histórica e conceitual**. Imperatriz: Ethos, 2017.

NETO, Trajano. **Andanças II**. Imperatriz: Estampa, 2020.

NETO, Trajano. Entrevista IV. [abr. 2022]. Entrevistadora: SANTOS, Mariana Soares dos. Imperatriz, 2022. 1 arquivo. mp3 (31min48s). Entrevista concedida à pesquisa de mestrado *Por entre chãos e rios: Os caminhos narrativos da literatura imperatrizense*.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 23 mai. 2020.

OLIVEIRA, Daniela Barbosa de. Gênero e território em representações do sertão brasileiro. **13º mundos de mulheres e fazendo gênero 11**: transformações, conexões, deslocamentos. Florianópolis. p. 1-11, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499482466_ARQUIVO_TextoCompleto_DanielaOliveira.pdf. Acesso em: 12 jul. 2020.

OLIVEIRA, Ricardo de. Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 511-537, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14010.pdf>. Acesso em: 21 out. 2020.

PELINSER, André Tessaro. O espaço regional na literatura brasileira: Um problema de fronteiras. **Travessias interativas**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 8, p. 54-64, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/11035>. Acesso em: 02 set. 2020.

PELINSER, André Tessaro. Crítica literária: memórias e imagens do regionalismo literário brasileiro. **Crítica Cultural**, Palhoça, v. 7, n. 2, p. 230-241, 2012. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/1190/982. Acesso em: 08 set. 2020.

PELINSER, André Tessaro; ALVES, Márcio Miranda. A permanência do Regionalismo na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, v. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/29322/25088>. Acesso em: 14 mai. 2020.

PEREIRA, Gilmar. **A bela amortecida**. Imperatriz: AIL, 2003.

PEREIRA, Gilmar. **Percorso insólito e outros percursos**. Imperatriz: Ética, 2005.
PEREIRA, Gilmar. Entrevista II. [abr. 2022]. Entrevistadora: SANTOS, Mariana Soares dos. Imperatriz, 2022. 1 arquivo. mp3 (1h44min). Entrevista concedida à pesquisa de mestrado *Por entre chãos e rios: Os caminhos narrativos da literatura imperatrizense*.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pggedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2020.

PORTELLI, Alessandro. Absalom, Absalom! História Oral e Literatura. **Ensaio de História Oral**. Trad: CÁSSIO, Fernando Luiz; SANTHIAGO, Ricardo. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROCHA, Adriana Magalhães. **Pós-modernidade: ruptura ou revisão?** São Paulo: Editora Cidade Nova, 1998.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias.** Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Unesp, 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Ricardo Ventura. A obra de Euclides da Cunha e os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século XX: *Os sertões* e a medicina. **História, Ciências, Saúde. Manguinhos**, v. 5, p. 237-254, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000400013. Acesso em: 19 nov. 2020.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** Trad: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SARRAF-PACHECO, Agenor. Cartografia de memórias na Amazônia. In: SARRAF PACHECO, Agenor; SILVA, Jerônimo da Silva e. **Cartografia de Memórias: pesquisas em estudos culturais na Amazônia Paraense.** Belém: IFPA, 2015.

SILVA, Fidelainy Sousa. **Escrita submersa o fazer literário das águas de rio.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de letras. Programa de pós-graduação em letras. Porto Alegre, 2020.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/kyjmJTTrkQy9w9RD6DdTBfw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 fev. 2020.

SILVA, Jerônimo Silva e; PACHECO, Agenor Sarraf. Nas dobras da memória oficial: Cidade, imagem e história na voz de rezadeiras de Capanema-PA. **Revista de Antropologia, Amazônica.** v. 3, n. 2, p. 430-453, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/776>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SILVA, Jose Borzachiello da et al. **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

SILVA, Ribamar. **Poemação.** Série Saco Cheio.

SILVA, Ribamar. Entrevista III. [abr. 2022]. Entrevistadora: SANTOS, Mariana Soares dos. Imperatriz, 2022. 1 arquivo. mp3 (45min). Entrevista concedida à pesquisa de mestrado *Por entre chãos e rios: Os caminhos narrativos da literatura imperatrizense.*

SÓ CULTURA. 2019. **Relação dos atuais 40 membros da Academia Imperatrizense de Letras.** Imperatriz, 17 de setembro de 2019. Disponível em: <https://jupiter.com.br/u/socultura/index1.html>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SOUSA, José Herêncio. **Retratos sem retoques**. Rio de Janeiro: Quatro cores, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A Ideologia do colonialismo**: Seus reflexos no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1984.

SOUZA, Maria Luiza Germano de. “Variações sobre o mesmo tema”: regionalismo literário em foco. **Revista Decifrar**. Manaus, v. 2, n. 1, p. 44-60, 2013. Disponível em: <https://sumarios.org/artigo/%E2%80%9Cvaria%C3%A7%C3%B5es-sobre-o-mesmo-tema%E2%80%9D-regionalismo-liter%C3%A1rio-em-foco>. Acesso em: 12 abr. 2021.

TELES, Gilberto Mendonça. O lu(g)ar dos sertões. **Revista Verbo de Minas**. Juiz de Fora, v. 8, n. 16, p. 71- 108, 2009. Disponível em: https://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/Numero%2016/06_GILBERTO__VM_1_2010.pdf. Acesso em: 08 jun. 2020.

TOCANTINS, Zeca. **Curandeiras**. Imperatriz, 2012.

TOCANTINS, Zeca. **Caminhos de nós**. Imperatriz, 1998.

TOCANTINS, Zeca. **Colhedor das manhãs**. Imperatriz: AIL, 2003.

TOCANTINS, Zeca. Entrevista I. [abr. 2022]. Entrevistadora: SANTOS, Mariana Soares dos. Imperatriz, 2022. 1 arquivo. mp3 (44min). Entrevista concedida à pesquisa de mestrado *Por entre chãos e rios: Os caminhos narrativos da literatura imperatrizense*.

THOMSON, Alistair. Reacompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto 15**. São Paulo:EDUC, p. 51-71, 1997. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria15.pdf> > Acesso em: 15 ago. 2020.

VENEROSO, Pedro de Freitas. **Rizomas**: espaços-tempos concretos e virtuais na literatura e na computação. Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. p. 155-161, 2016.

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **Sociedade e Cultura**, Goiania, v. 10, n. 2, p. 187- 196, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/3140/3145>. Acesso em: 08 de jun de 2020.

WANZELER, Rodrigo de Souza. Literatura, cultura e identidade em Cadungá, de Bruno de Menezes. In: SARRAF-PACHECO, Agenor; SILVA, Jerônimo da Silva e. **Cartografia de Memórias: pesquisas em estudos culturais na Amazônia Paraense**. Belém: IFPA, 2015.

ANEXOS



HOSPITAL CARLOS MACIEIRA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: POR ENTRE CHÃOS E RIOS: OS CAMINHOS NARRATIVOS DA LITERATURA IMPERATRIZENSE

Pesquisador: MARIANA SOARES DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 55012521.4.0000.8907

Instituição Proponente: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.308.518

Apresentação do Projeto:

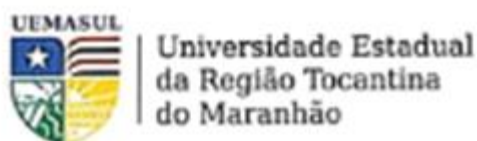
As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivos da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retirados do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO POR ENTRE CHÃOS E RIOS: OS CAMINHOS NARRATIVOS DA LITERATURA IMPERATRIZENSE, de 25/02/2022):

Resumo:

A literatura é uma expressão artística imbricada de importantes ações que incluem, inevitavelmente, a percepção dos envolvimento de quem a cria, mediante a experiências e experimentos de recorrência social e cultural. Esse conjunto de percepções atua como elementos construtores de narrativas que refletem traços identitários de uma sociedade. Tendo isso em vista, percebe-se que, há muito, a historiografia brasileira, imperiosamente, instituiu cânones que, de alguma forma, apontam para existência de uma literatura nacional baseada, quase tão somente, nas produções literárias e intelectuais realizadas nos eixos centralizadores do país, Rio de Janeiro-São Paulo. Tanto é, que até nos dias atuais, ainda persiste uma referência à literatura, dita "fora do eixo", como "regional". Seria ela regional? Em qual perspectiva? Em contrapartida, é possível

afirmar que a produção Rio-São Paulo, nos 30 do século passado, não era regional? E por que assim não é denominada, por exemplo, nos livros didáticos? Sabemos que essa literatura, dita "regional", e seus estudos se mostraram, com o tempo, berço de discussões importantes sobre a construção intelectual e cultural do país. Levantando questionamentos sobre o que seria essa

Endereço: Av. Jerônimo Albuquerque, s/nº, Bloco Central, sala 1, 1º andar - ramal 7011
 Bairro: Caiobá CEP: 65.076-000
 UF: MA Município: SÃO LUIS
 Telefone: (99)3299-7000 E-mail: ca@saema.saude.ma.gov.br



Declaração

Declaramos, para os devidos fins, que o Mestrado Profissional em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras- PPGLe, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, dispõe das condições e infraestrutura para a realização da pesquisa **POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense**, da discente: **Mariana Soares dos Santos**, matriculada sob o nº 20191000129.

Imperatriz- MA, 12 de agosto de 2021.

Maria Da Guia Taveiro Silva
Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação
(Assinatura e carimbo)





CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos que a Academia Imperatrizense de Letras – AIL tem interesse em participar do projeto intitulado **“POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense”**, proposto pela discente **MARIANA SOARES DOS SANTOS**, matrícula **20191000129**, coordenado pelo **Prof. Dr. Gilberto Freire de Santana**, autorizando a sua execução.

Declaramos ainda, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/2012. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar do acervo literário disponibilizado para o desenvolvimento deste projeto, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Esta autorização está condicionada à aprovação final da proposta pelo(s) Comitê(s) de Ética em pesquisa responsável(is) por sua avaliação.

Imperatriz, 12 de agosto de 2021

Atenciosamente,

Raimundo Trajano Neto
Presidente da Academia Imperatrizense de Letras - AIL.



Mestrado
em Letras



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO – UEMASULPRÓ-
REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPGI MESTRADO PROFISSIONAL
EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Conforme Item IV – DO PROCESSO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO da Resolução
CNS 466/2012)

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa **POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**. O projeto tem a intenção de investigar as características da literatura produzida na cidade de Imperatriz-MA. A partir disso, discutir a literatura regional, tendo como cenário a produção literária imperatrizense e a sua inserção no ambiente escolar.

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a literatura produzida na cidade de Imperatriz (MA) levantando as questões narrativas das produções literárias imperatrizenses e as discussões que recaem sobre a literatura regional. E a partir disso tecer considerações sobre a literatura imperatrizense, para assim oportunizar a inclusão da literatura regional no processo de ensino-aprendizagem com a criação de uma biblioteca virtual com as produções literárias cedidas pelos autores entrevistados.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que em situação de quaisquer incoerência de constrangimento identificado, o (a) senhor (a) será resguardado podendo pedir a retirada de citações com o seu nome do corpo da pesquisa.

A sua participação se dará por meio de uma entrevista, que ocorrerá de forma presencial, em local que a definir, ou virtualmente, a depender da situação mais confortável para o (a) senhor (a). A entrevista será estruturada em três momentos, sendo eles: I - Como se caracteriza a literatura produzida pelo autor; II - A perspectiva do autor em relação a regionalidade na composição da sua literatura; e III - Qual a visão do autor para a com produção literária imperatrizense.

Essa entrevista pretende coletar, a partir das falas dos entrevistados, perspectivas sobre as produções da cidade a fim de entender as características das produções literárias imperatrizenses. Bem como as aferições dos entrevistados sobre as regionalidades constituintes da identidade imperatrizense e seus reflexos na literatura local. A entrevista será gravada por um aparelho celular e/ou pelo *google meet*. Na transcrição buscar-se-á preservar o máximo de fidelidade quanto às declarações do entrevistado.

A entrevista tem o intuito de aprofundar o objeto de estudo da pesquisa. Por se tratar de uma entrevista, o entrevistado, no decorrer da entrevista, pode julgar inadequada alguma declaração que pode causar situações vexatórias e/ou constrangimentos. Entendendo que essas situações apresentam riscos para a pesquisa e no intuito de minimizar possíveis danos, o(a) senhor (a) pode recusar-se a participar da pesquisa ou pedir a retirada de falas que julgue necessárias. Este e outros compromissos têm como finalidade assegurar a confiabilidade da pesquisa e a sua segurança. Compromissos que estão detalhados no Item 5.1 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Como produção final desta pesquisa, além da dissertação, é a criação da Biblioteca Virtual da Literatura Imperatrizense. O acesso ao seu acervo será disponibilizado à comunidade e, em especial, aos professores e alunos da rede pública de ensino. Caso o(a) senhor(a) aceite, as suas obras literárias integrarão a Biblioteca Virtual que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais.

Para que as suas obras façam parte do acervo da Biblioteca Virtual o(a) senhor(a) precisará autorizar a

utilização das obras por meio de um Termo de Cessão de Direitos Autorais, desenvolvido pela pesquisadora. Esse documento assegura a utilização das obras que o(a) senhor(a) desejar disponibilizar na biblioteca virtual. No intuito de minimizar os possíveis riscos a que o(a) senhor(a) pode ser exposto(a), a pesquisa assegura que as obras disponibilizadas estarão à disposição de alunos, professores do ensino básico e superior como recursos para o processo de ensino-aprendizagem, e a toda comunidade.

A pesquisa assegura ainda que, em caso de situação nociva à participação do autor, este poderá pedir a suspensão da(s) obra(s) de sua autoria disponibilizadas gratuitamente na Biblioteca Virtual; que as obras literárias do(a) autor(a) só serão disponibilizadas na biblioteca mediante autorização por escrito por meio do termo de cessão; que serão tomadas as devidas disposições legais a fim de disponibilizar as obras de maneira legal sem malefícios para os envolvidos nessa etapa da pesquisa; e que não haverá qualquer retribuição financeira aos participantes dessa etapa da pesquisa. Todas essas disposições estão presentes no Item 5.2 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Caso o(a) senhor(a) aceite participar das etapas mencionadas dessa pesquisa, estará colaborando para o reconhecimento da literatura regional produzida na cidade Imperatriz-MA. Além de proporcionar o acesso às obras literárias da cidade em uma plataforma disponível para todo o país, contribuindo para a divulgação da literatura local, bem como a inclusão da literatura regional imperatrizense no processo de ensino-aprendizado.

O(a) Senhor(a) pode se **recusar a responder quaisquer perguntas feitas** (total ou parcialmente) e se houver qualquer constrangimento e **desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento durante a sua execução, será respeitada a sua decisão.**

Não há despesas pessoais para o participante da pesquisa, em qualquer fase do estudo, incluindo preenchimento e entrega do TCLE e do termo de Cessão de Direitos Autorais. A entrevista poderá ocorrer de forma virtual pelas plataformas digitais, ou ainda em algum local a ser definido em comum acordo pelos envolvidos. A disponibilização da(s) sua(s) obra(s) literária(s) para a biblioteca virtual será gratuita. Sendo assim, a disponibilização será voluntária, sem compensação financeira durante e enquanto da existência da biblioteca ou enquanto o autor autorizar a disponibilização de sua obra. Assim, não há compensação financeira pela sua participação, que será voluntária.

Rubrica (Pesquisador Principal)



Rubrica (Participante da Pesquisa)



Caso haja algum dano direto ou indireto, decorrente de sua participação nessa pesquisa, você receberá assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo os dispositivos legais vigentes no Brasil. Tem também o participante da pesquisa direito de pedir a retirada das obras literárias cedidas para a biblioteca virtual, em qualquer momento durante e depois do desenvolvimento da biblioteca. Caso o(a) senhor(a) sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, pode procurar o pesquisador responsável para solicitar esclarecimentos e ajuda.

Os resultados da pesquisa serão divulgados, inicialmente, na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Podendo ser publicados, posteriormente, em revista científica, livros etc. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão arquivados sob a guarda do pesquisador responsável, por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor entre em contato com **Mariana Soares dos Santos** (Fone/ WhatsApp: 99-99180-3563, graduada em Letras (UEMASUL), Especialista em Metodologias Inovadoras em Língua Portuguesa (IESF) e Mestranda em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, ou pelo endereço eletrônico (*e-mail*): mariana.santos@uemasul.edu.br. O atendimento normal ocorrerá 7 (sete) dias por semana, em horário comercial. Em caso de urgência, o contato deve ser feito via telefone, a qualquer hora do dia.

Caso esta pesquisa seja interrompida, a qualquer momento, por parte do pesquisador, por questões de segurança ou quaisquer outros impedimentos, os participantes receberão a assistência adequada, gratuita, e pelo tempo que for necessário.

Caso concorde em participar, pedimos que **assine e rubrique** este documento (nos locais indicados), que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o(a) senhor(a).

Assim, declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome do Participante: Ariston Rodrigues de França

Data: 31/03/2022


 ASSINATURA DO PARTICIPANTE

Nome do Pesquisador Responsável: MARIANA SOARES DOS SANTOS. Endereço: Avenida Principal, Ecopleno 3, casa 175, Bairro Lagoinha.
 CEP: 65909-001 Cidade: IMPERATRIZ-MA
 Telefone Celular: (99) 99180-3563
 E-mail: mariana.santos@uemasul.edu.br


 ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Data: 31/03/2022

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o:
Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Carlos Macieira da Secretaria de Estado da Saúde do Maranhão.

Coordenadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa Seabra Soares de Britto e Alves

Telefone (98) 32687058

Endereço Avenida Jerônimo de Albuquerque, S/N 1º andar, Bloco Central, sala 1 - ramal 7011, Calhau, São Luís-MA. CEP- 65.074-220

E-mail: cepesma@saude.ma.gov.br

*Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para garantir a proteção dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO – UEMASULPRÓ-
REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPGI MESTRADO PROFISSIONAL
EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Conforme Item IV – DO PROCESSO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO da Resolução
CNS 466/2012)

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa **POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**. O projeto tem a intenção de investigar as características da literatura produzida na cidade de Imperatriz-MA. A partir disso, discutir a literatura regional, tendo como cenário a produção literária imperatrizense e a sua inserção no ambiente escolar.

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a literatura produzida na cidade de Imperatriz (MA) levantando as questões narrativas das produções literárias imperatrizenses e as discussões que recaem sobre a literatura regional. E a partir disso tecer considerações sobre a literatura imperatrizense, para assim oportunizar a inclusão da literatura regional no processo de ensino-aprendizagem com a criação de uma biblioteca virtual com as produções literárias cedidas pelos autores entrevistados.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que em situação de quaisquer incoerência de constrangimento identificado, o (a) senhor (a) será resguardado podendo pedir a retirada de citações com o seu nome do corpo da pesquisa.

A sua participação se dará por meio de uma entrevista, que ocorrerá de forma presencial, em local que a definir, ou virtualmente, a depender da situação mais confortável para o (a) senhor (a). A entrevista será estruturada em três momentos, sendo eles: I - Como se caracteriza a literatura produzida pelo autor; II - A perspectiva do autor em relação a regionalidade na composição da sua literatura; e III - Qual a visão do autor para a com produção literária imperatrizense.

Essa entrevista pretende coletar, a partir das falas dos entrevistados, perspectivas sobre as produções da cidade a fim de entender as características das produções literárias imperatrizenses. Bem como as aferições dos entrevistados sobre as regionalidades constituintes da identidade imperatrizense e seus reflexos na literatura local. A entrevista será gravada por um aparelho celular e/ou pelo *google meet*. Na transcrição buscar-se-á preservar o máximo de fidelidade quanto às declarações do entrevistado.

A entrevista tem o intuito de aprofundar o objeto de estudo da pesquisa. Por se tratar de uma entrevista, o entrevistado, no decorrer da entrevista, pode julgar inadequada alguma declaração que pode causar situações vexatórias e/ou constrangimentos. Entendendo que essas situações apresentam riscos para a pesquisa e no intuito de minimizar possíveis danos, o(a) senhor (a) pode recusar-se a participar da pesquisa ou pedir a retirada de falas que julgue necessárias. Este e outros compromissos têm como finalidade assegurar a confiabilidade da pesquisa e a sua segurança. Compromissos que estão detalhados no Item 5.1 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Como produção final desta pesquisa, além da dissertação, é a criação da Biblioteca Virtual da Literatura Imperatrizense. O acesso ao seu acervo será disponibilizado à comunidade e, em especial, aos professores e alunos da rede pública de ensino. Caso o(a) senhor(a) aceite, as suas obras literárias integrarão a Biblioteca Virtual que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais.

Para que as suas obras façam parte do acervo da Biblioteca Virtual o(a) senhor(a) precisará autorizar a

utilização das obras por meio de um Termo de Cessão de Direitos Autorais, desenvolvido pela pesquisadora. Esse documento assegura a utilização das obras que o(a) senhor(a) desejar disponibilizar na biblioteca virtual. No intuito de minimizar os possíveis riscos a que o(a) senhor(a) pode ser exposto(a), a pesquisa assegura que as obras disponibilizadas estarão à disposição de alunos, professores do ensino básico e superior como recursos para o processo de ensino-aprendizagem, e a toda comunidade.

A pesquisa assegura ainda que, em caso de situação nociva à participação do autor, este poderá pedir a suspensão da(s) obra(s) de sua autoria disponibilizadas gratuitamente na Biblioteca Virtual; que as obras literárias do(a) autor(a) só serão disponibilizadas na biblioteca mediante autorização por escrito por meio do termo de cessão; que serão tomadas as devidas disposições legais a fim de disponibilizar as obras de maneira legal sem malefícios para os envolvidos nessa etapa da pesquisa; e que não haverá qualquer retribuição financeira aos participantes dessa etapa da pesquisa. Todas essas disposições estão presentes no Item 5.2 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Caso o(a) senhor(a) aceite participar das etapas mencionadas dessa pesquisa, estará colaborando para o reconhecimento da literatura regional produzida na cidade Imperatriz-MA. Além de proporcionar o acesso às obras literárias da cidade em uma plataforma disponível para todo o país, contribuindo para a divulgação da literatura local, bem como a inclusão da literatura regional imperatrizense no processo de ensino-aprendizado.

O(a) Senhor(a) pode se **recusar a responder quaisquer perguntas feitas** (total ou parcialmente) e se houver qualquer constrangimento e **desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento durante a sua execução, será respeitada a sua decisão.**

Não há despesas pessoais para o participante da pesquisa, em qualquer fase do estudo, incluindo preenchimento e entrega do TCLE e do termo de Cessão de Direitos Autorais. A entrevista poderá ocorrer de forma virtual pelas plataformas digitais, ou ainda em algum local a ser definido em comum acordo pelos envolvidos. A disponibilização da(s) sua(s) obra(s) literária(s) para a biblioteca virtual será gratuita. Sendo assim, a disponibilização será voluntária, sem compensação financeira durante e enquanto da existência da biblioteca ou enquanto o autor autorizar a disponibilidade de sua obra. Assim, não há compensação financeira pela sua participação, que será **voluntária**.

Rubrica (Pesquisador Principal)



Rubrica (Participante da Pesquisa):



Caso haja algum dano direto ou indireto, decorrente de sua participação nessa pesquisa, você receberá assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo os dispositivos legais vigentes no Brasil. Tem também o participante da pesquisa direito de pedir a retirada das obras literárias cedidas para a biblioteca virtual, em qualquer momento durante e depois do desenvolvimento da biblioteca. Caso o(a) senhor(a) sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, pode procurar o pesquisador responsável para solicitar esclarecimentos e ajuda.

Os resultados da pesquisa serão divulgados, inicialmente, na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Podendo ser publicados, posteriormente, em revista científica, livros etc. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão arquivados sob a guarda do pesquisador responsável, por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor entre em contato com **Mariana Soares dos Santos** (Fone/ WhatsApp: 99-99180-3563, graduada em Letras (UEMASUL), Especialista em Metodologias Inovadoras em Língua Portuguesa (IESF) e Mestranda em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, ou pelo endereço eletrônico (*e-mail*): mariana.santos@uemasul.edu.br). O atendimento normal ocorrerá 7 (sete) dias por semana, em horário comercial. Em caso de urgência, o contato deve ser feito via telefone, a qualquer hora do dia.

Caso esta pesquisa seja interrompida, a qualquer momento, por parte do pesquisador, por questões de segurança ou quaisquer outros impedimentos, os participantes receberão a assistência adequada, gratuita, e pelo tempo que for necessário.

Caso concorde em participar, pedimos que **assine e rubrique** este documento (nos locais indicados), que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o(a) senhor(a).

Assim, declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome do Participante: Domingos Izaias Cezar Ribeiro

Data: 31/03/2022


 ASSINATURA DO PARTICIPANTE

Nome do Pesquisador Responsável: MARIANA SOARES DOS SANTOS. Endereço: Avenida Principal, Ecopleno 3, casa 175, Bairro Lagoinha.
 CEP: 65909-001 | Cidade: IMPERATRIZ-MA
 Telefone Celular: (99) 99180-3563
 E-mail: mariana.santos@uemasul.edu.br


 ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Data: 31/03/2022

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o:
Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Carlos Macieira da Secretaria de Estado da Saúde do Maranhão.

Coordenadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa Seabra Soares de Britto e Alves

Telefone (98) 32687058

Endereço Avenida Jerônimo de Albuquerque, S/N 1º andar, Bloco Central, sala 1 - ramal 7011, Calhau, São Luís-MA. CEP- 65.074-220

E-mail: cepsesma@saude.ma.gov.br

*Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para garantir a proteção dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO – UEMASULPRÓ-
REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPGI MESTRADO PROFISSIONAL
EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Conforme Item IV – DO PROCESSO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO da Resolução
CNS 466/2012)

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa **POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**. O projeto tem a intenção de investigar as características da literatura produzida na cidade de Imperatriz-MA. A partir disso, discutir a literatura regional, tendo como cenário a produção literária imperatrizense e a sua inserção no ambiente escolar.

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a literatura produzida na cidade de Imperatriz (MA) levantando as questões narrativas das produções literárias imperatrizenses e as discussões que recaem sobre a literatura regional. E a partir disso tecer considerações sobre a literatura imperatrizense, para assim oportunizar a inclusão da literatura regional no processo de ensino-aprendizagem com a criação de uma biblioteca virtual com as produções literárias cedidas pelos autores entrevistados.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que em situação de quaisquer incoerência de constrangimento identificado, o (a) senhor (a) será resguardado podendo pedir a retirada de citações com o seu nome do corpo da pesquisa.

A sua participação se dará por meio de uma entrevista, que ocorrerá de forma presencial, em local que a definir, ou virtualmente, a depender da situação mais confortável para o (a) senhor (a). A entrevista será estruturada em três momentos, sendo eles: I - Como se caracteriza a literatura produzida pelo autor; II - A perspectiva do autor em relação a regionalidade na composição da sua literatura; e III - Qual a visão do autor para a com produção literária imperatrizense.

Essa entrevista pretende coletar, a partir das falas dos entrevistados, perspectivas sobre as produções da cidade a fim de entender as características das produções literárias imperatrizenses. Bem como as aferições dos entrevistados sobre as regionalidades constituintes da identidade imperatrizense e seus reflexos na literatura local. A entrevista será gravada por um aparelho celular e/ou pelo *google meet*. Na transcrição buscar-se-á preservar o máximo de fidelidade quanto às declarações do entrevistado.

A entrevista tem o intuito de aprofundar o objeto de estudo da pesquisa. Por se tratar de uma entrevista, o entrevistado, no decorrer da entrevista, pode julgar inadequada alguma declaração que pode causar situações vexatórias e/ou constrangimentos. Entendendo que essas situações apresentam riscos para a pesquisa e no intuito de minimizar possíveis danos, o(a) senhor (a) pode recusar-se a participar da pesquisa ou pedir a retirada de falas que julgue necessárias. Este e outros compromissos têm como finalidade assegurar a confiabilidade da pesquisa e a sua segurança. Compromissos que estão detalhados no Item 5.1 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Como produção final desta pesquisa, além da dissertação, é a criação da Biblioteca Virtual da Literatura Imperatrizense. O acesso ao seu acervo será disponibilizado à comunidade e, em especial, aos professores e alunos da rede pública de ensino. Caso o(a) senhor(a) aceite, as suas obras literárias integrarão a Biblioteca Virtual que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais.

Para que as suas obras façam parte do acervo da Biblioteca Virtual o(a) senhor(a) precisará autorizar a

utilização das obras por meio de um Termo de Cessão de Direitos Autorais, desenvolvido pela pesquisadora. Esse documento assegura a utilização das obras que o(a) senhor(a) desejar disponibilizar na biblioteca virtual. No intuito de minimizar os possíveis riscos a que o(a) senhor(a) pode ser exposto(a), a pesquisa assegura que as obras disponibilizadas estarão à disposição de alunos, professores do ensino básico e superior como recursos para o processo de ensino-aprendizagem, e a toda comunidade.

A pesquisa assegura ainda que, em caso de situação nociva à participação do autor, este poderá pedir a suspensão da(s) obra(s) de sua autoria disponibilizadas gratuitamente na Biblioteca Virtual; que as obras literárias do(a) autor(a) só serão disponibilizadas na biblioteca mediante autorização por escrito por meio do termo de cessão; que serão tomadas as devidas disposições legais a fim de disponibilizar as obras de maneira legal sem malefícios para os envolvidos nessa etapa da pesquisa; e que não haverá qualquer retribuição financeira aos participantes dessa etapa da pesquisa. Todas essas disposições estão presentes no Item 5.2 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Caso o(a) senhor(a) aceite participar das etapas mencionadas dessa pesquisa, estará colaborando para o reconhecimento da literatura regional produzida na cidade Imperatriz-MA. Além de proporcionar o acesso às obras literárias da cidade em uma plataforma disponível para todo o país, contribuindo para a divulgação da literatura local, bem como a inclusão da literatura regional imperatrizense no processo de ensino-aprendizado.

O(a) Senhor(a) pode se **recusar a responder quaisquer perguntas feitas** (total ou parcialmente) e se houver qualquer constrangimento e **desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento durante a sua execução, será respeitada a sua decisão.**

Não há despesas pessoais para o participante da pesquisa, em qualquer fase do estudo, incluindo preenchimento e entrega do TCLE e do termo de Cessão de Direitos Autorais. A entrevista poderá ocorrer de forma virtual pelas plataformas digitais, ou ainda em algum local a ser definido em comum acordo pelos envolvidos. A disponibilização da(s) sua(s) obra(s) literária(s) para a biblioteca virtual será gratuita. Sendo assim, a disponibilização será voluntária, sem compensação financeira durante e enquanto da existência da biblioteca ou enquanto o autor autorizar a disponibilidade de sua obra. Assim, não há compensação financeira pela sua participação, que será **voluntária**.

Rubrica (Pesquisador Principal)



Rubrica (Participante da Pesquisa):



Caso haja algum dano direto ou indireto, decorrente de sua participação nessa pesquisa, você receberá assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo os dispositivos legais vigentes no Brasil. Tem também o participante da pesquisa direito de pedir a retirada das obras literárias cedidas para a biblioteca virtual, em qualquer momento durante e depois do desenvolvimento da biblioteca. Caso o(a) senhor(a) sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, pode procurar o pesquisador responsável para solicitar esclarecimentos e ajuda.

Os resultados da pesquisa serão divulgados, inicialmente, na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Podendo ser publicados, posteriormente, em revista científica, livros etc. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão arquivados sob a guarda do pesquisador responsável, por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor entre em contato com **Mariana Soares dos Santos** (Fone/ WhatsApp: 99-99180-3563, graduada em Letras (UEMASUL), Especialista em Metodologias Inovadoras em Língua Portuguesa (IESF) e Mestranda em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, ou pelo endereço eletrônico (*e-mail*): mariana.santos@uemasul.edu.br. O atendimento normal ocorrerá 7 (sete) dias por semana, em horário

comercial. Em caso de urgência, o contato deve ser feito via telefone, a qualquer hora do dia.

Caso esta pesquisa seja interrompida, a qualquer momento, por parte do pesquisador, por questões de segurança ou quaisquer outros impedimentos, os participantes receberão a assistência adequada, gratuita, e pelo tempo que for necessário.

Caso concorde em participar, pedimos que **assine e rubrique** este documento (nos locais indicados), que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o(a) senhor(a).

Assim, declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome do Participante: Gilmar Pereira da Silva

Data: 31/03/2022


ASSINATURA DO PARTICIPANTE

Nome do Pesquisador Responsável: MARIANA SOARES DOS SANTOS. Endereço: Avenida Principal, Ecopleno 3, casa 175, Bairro Lagoinha.
CEP: 65909-001 | Cidade: IMPERATRIZ-MA
Telefone Celular: (99) 99180-3563
E-mail: mariana.santos@uemasul.edu.br


ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Data: 31/03/2022

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o:
Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Carlos Macieira da Secretaria de Estado da Saúde do Maranhão.

Coordenadora: Prof.ª. Dra. Maria Teresa Seabra Soares de Britto e Alves

Telefone (98) 32687058

Endereço Avenida Jerônimo de Albuquerque, S/N 1º andar, Bloco Central, sala 1 - ramal 7011, Calhau, São Luis-MA. CEP- 65.074-220

E-mail: cepesma@saude.ma.gov.br

*Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para garantir a proteção dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO – UEMASULPRÓ-
REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPGI MESTRADO PROFISSIONAL
EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Conforme Item IV – DO PROCESSO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO da Resolução
CNS 466/2012)

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa **POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**. O projeto tem a intenção de investigar as características da literatura produzida na cidade de Imperatriz-MA. A partir disso, discutir a literatura regional, tendo como cenário a produção literária imperatrizense e a sua inserção no ambiente escolar.

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a literatura produzida na cidade de Imperatriz (MA) levantando as questões narrativas das produções literárias imperatrizenses e as discussões que recaem sobre a literatura regional. E a partir disso tecer considerações sobre a literatura imperatrizense, para assim oportunizar a inclusão da literatura regional no processo de ensino-aprendizagem com a criação de uma biblioteca virtual com as produções literárias cedidas pelos autores entrevistados.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que em situação de quaisquer incoerência de constrangimento identificado, o (a) senhor (a) será resguardado podendo pedir a retirada de citações com o seu nome do corpo da pesquisa.

A sua participação se dará por meio de uma entrevista, que ocorrerá de forma presencial, em local que a definir, ou virtualmente, a depender da situação mais confortável para o (a) senhor (a). A entrevista será estruturada em três momentos, sendo eles: I - Como se caracteriza a literatura produzida pelo autor; II - A perspectiva do autor em relação a regionalidade na composição da sua literatura; e III - Qual a visão do autor para a com produção literária imperatrizense.

Essa entrevista pretende coletar, a partir das falas dos entrevistados, perspectivas sobre as produções da cidade a fim de entender as características das produções literárias imperatrizenses. Bem como as aferições dos entrevistados sobre as regionalidades constituintes da identidade imperatrizense e seus reflexos na literatura local. A entrevista será gravada por um aparelho celular e/ou pelo *google meet*. Na transcrição buscar-se-á preservar o máximo de fidelidade quanto às declarações do entrevistado.

A entrevista tem o intuito de aprofundar o objeto de estudo da pesquisa. Por se tratar de uma entrevista, o entrevistado, no decorrer da entrevista, pode julgar inadequada alguma declaração que pode causar situações vexatórias e/ou constrangimentos. Entendendo que essas situações apresentam riscos para a pesquisa e no intuito de minimizar possíveis danos, o(a) senhor (a) pode recusar-se a participar da pesquisa ou pedir a retirada de falas que julgue necessárias. Este e outros compromissos têm como finalidade assegurar a confiabilidade da pesquisa e a sua segurança. Compromissos que estão detalhados no Item 5.1 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Como produção final desta pesquisa, além da dissertação, é a criação da Biblioteca Virtual da Literatura Imperatrizense. O acesso ao seu acervo será disponibilizado à comunidade e, em especial, aos professores e alunos da rede pública de ensino. Caso o(a) senhor(a) aceite, as suas obras literárias integrarão a Biblioteca Virtual que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos

regionais.

Para que as suas obras façam parte do acervo da Biblioteca Virtual o(a) senhor(a) precisará autorizar a utilização das obras por meio de um Termo de Cessão de Direitos Autorais, desenvolvido pela pesquisadora. Esse documento assegura a utilização das obras que o(a) senhor(a) desejar disponibilizar na biblioteca virtual. No intuito de minimizar os possíveis riscos a que o(a) senhor(a) pode ser exposto(a), a pesquisa assegura que as obras disponibilizadas estarão à disposição de alunos, professores do ensino básico e superior como recursos para o processo de ensino-aprendizagem, e a toda comunidade.

A pesquisa assegura ainda que, em caso de situação nociva à participação do autor, este poderá pedir a suspensão da(s) obra(s) de sua autoria disponibilizadas gratuitamente na Biblioteca Virtual; que as obras literárias do(a) autor(a) só serão disponibilizadas na biblioteca mediante autorização por escrito por meio do termo de cessão; que serão tomadas as devidas disposições legais a fim de disponibilizar as obras de maneira legal sem malefícios para os envolvidos nessa etapa da pesquisa; e que não haverá qualquer retribuição financeira aos participantes dessa etapa da pesquisa. Todas essas disposições estão presentes no Item 5.2 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Caso o(a) senhor(a) aceite participar das etapas mencionadas dessa pesquisa, estará colaborando para o reconhecimento da literatura regional produzida na cidade Imperatriz-MÁ. Além de proporcionar o acesso às obras literárias da cidade em uma plataforma disponível para todo o país, contribuindo para a divulgação da literatura local, bem como a inclusão da literatura regional imperatrizense no processo de ensino-aprendizado.


O(a) Senhor(a) pode se **recusar a responder quaisquer perguntas feitas** (total ou parcialmente) e se houver qualquer constrangimento e **desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento durante a sua execução, será respeitada a sua decisão.**

Não há despesas pessoais para o participante da pesquisa, em qualquer fase do estudo, incluindo preenchimento e entrega do TCLE e do termo de Cessão de Direitos Autorais. A entrevista poderá ocorrer de forma virtual pelas plataformas digitais, ou ainda em algum local a ser definido em comum acordo pelos envolvidos. A disponibilização da(s) sua(s) obra(s) literária(s) para a biblioteca virtual será gratuita. Sendo assim, a disponibilização será voluntária, sem compensação financeira durante e enquanto da existência da biblioteca ou enquanto o autor autorizar a disponibilidade de sua obra. Assim, não há compensação financeira pela sua participação, que será **voluntária.**

Rubrica (Pesquisador Principal):



Rubrica (Participante da Pesquisa):



Caso haja algum dano direto ou indireto, decorrente de sua participação nessa pesquisa, você receberá assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo os dispositivos legais vigentes no Brasil. Tem também o participante da pesquisa direito de pedir a retirada das obras literárias cedidas para a biblioteca virtual, em qualquer momento durante e depois do desenvolvimento da biblioteca. Caso o(a) senhor(a) sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, pode procurar o pesquisador responsável para solicitar esclarecimentos e ajuda.

Os resultados da pesquisa serão divulgados, inicialmente, na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Podendo ser publicados, posteriormente, em revista científica, livros etc. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão arquivados sob a guarda do pesquisador responsável, por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor entre em contato com **Mariana Soares dos Santos** (Fone/ WhatsApp: 99-99180-3563, graduada em Letras (UEMASUL), Especialista em Metodologias Inovadoras em Língua Portuguesa (IESF) e Mestranda em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, ou pelo endereço eletrônico (e-

mail): mariana.santos@uemasul.edu.br. O atendimento normal ocorrerá 7 (sete) dias por semana, em horário comercial. Em caso de urgência, o contato deve ser feito via telefone, a qualquer hora do dia.

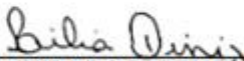
Caso esta pesquisa seja interrompida, a qualquer momento, por parte do pesquisador, por questões de segurança ou quaisquer outros impedimentos, os participantes receberão a assistência adequada, gratuita, e pelo tempo que for necessário.

Caso concorde em participar, pedimos que **assine e rubrique** este documento (nos locais indicados), que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o(a) senhor(a).

Assim, declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome do Participante: Maria Lilia Silva Diniz

Data: 05/04/2022



 ASSINATURA DO PARTICIPANTE

Nome do Pesquisador Responsável: MARIANA SOARES DOS SANTOS. Endereço: Avenida Principal, Ecopleno 3, casa 175, Bairro Lagoinha.
 CEP: 65909-001 Cidade: IMPERATRIZ-MA
 Telefone Celular: (99) 99180-3563
 E-mail: mariana.santos@uemasul.edu.br



 ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

05/04/2022
 DATA

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o:
Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Carlos Macieira da Secretaria de Estado da Saúde do Maranhão.

Coordenadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa Seabra Soares de Britto e Alves
 Telefone (98) 32687058

Endereço Avenida Jerônimo de Albuquerque, S/N 1º andar, Bloco Central, sala 1 - ramal 7011, Calhau, São Luís-MA. CEP- 65.074-220

E-mail: cepesma@saude.ma.gov.br

*Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para garantir a proteção dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO – UEMASULPRÓ-
REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPGI MESTRADO PROFISSIONAL
EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Conforme Item IV – DO PROCESSO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO da Resolução
CNS 466/2012)

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa **POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**. O projeto tem a intenção de investigar as características da literatura produzida na cidade de Imperatriz-MA. A partir disso, discutir a literatura regional, tendo como cenário a produção literária imperatrizense e a sua inserção no ambiente escolar.

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a literatura produzida na cidade de Imperatriz (MA) levantando as questões narrativas das produções literárias imperatrizenses e as discussões que recaem sobre a literatura regional. E a partir disso tecer considerações sobre a literatura imperatrizense, para assim oportunizar a inclusão da literatura regional no processo de ensino-aprendizagem com a criação de uma biblioteca virtual com as produções literárias cedidas pelos autores entrevistados.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que em situação de quaisquer incoerência de constrangimento identificado, o (a) senhor (a) será resguardado podendo pedir a retirada de citações com o seu nome do corpo da pesquisa.

A sua participação se dará por meio de uma entrevista, que ocorrerá de forma presencial, em local que a definir, ou virtualmente, a depender da situação mais confortável para o (a) senhor (a). A entrevista será estruturada em três momentos, sendo eles: I - Como se caracteriza a literatura produzida pelo autor; II - A perspectiva do autor em relação a regionalidade na composição da sua literatura; e III - Qual a visão do autor para a com produção literária imperatrizense.

Essa entrevista pretende coletar, a partir das falas dos entrevistados, perspectivas sobre as produções da cidade a fim de entender as características das produções literárias imperatrizenses. Bem como as aferições dos entrevistados sobre as regionalidades constituintes da identidade imperatrizense e seus reflexos na literatura local. A entrevista será gravada por um aparelho celular e/ou pelo *google meet*. Na transcrição buscar-se-á preservar o máximo de fidelidade quanto às declarações do entrevistado.

A entrevista tem o intuito de aprofundar o objeto de estudo da pesquisa. Por se tratar de uma entrevista, o entrevistado, no decorrer da entrevista, pode julgar inadequada alguma declaração que pode causar situações vexatórias e/ou constrangimentos. Entendendo que essas situações apresentam riscos para a pesquisa e no intuito de minimizar possíveis danos, o(a) senhor (a) pode recusar-se a participar da pesquisa ou pedir a retirada de falas que julgue necessárias. Este e outros compromissos têm como finalidade assegurar a confiabilidade da pesquisa e a sua segurança. Compromissos que estão detalhados no Item 5.1 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Como produção final desta pesquisa, além da dissertação, é a criação da Biblioteca Virtual da Literatura Imperatrizense. O acesso ao seu acervo será disponibilizado à comunidade e, em especial, aos professores e alunos da rede pública de ensino. Caso o(a) senhor(a) aceite, as suas obras literárias integrarão a Biblioteca Virtual que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais.

Para que as suas obras façam parte do acervo da Biblioteca Virtual o(a) senhor(a) precisará autorizar a

utilização das obras por meio de um Termo de Cessão de Direitos Autorais, desenvolvido pela pesquisadora. Esse documento assegura a utilização das obras que o(a) senhor(a) desejar disponibilizar na biblioteca virtual. No intuito de minimizar os possíveis riscos a que o(a) senhor(a) pode ser exposto(a), a pesquisa assegura que as obras disponibilizadas estarão à disposição de alunos, professores do ensino básico e superior como recursos para o processo de ensino-aprendizagem, e a toda comunidade.

A pesquisa assegura ainda que, em caso de situação nociva à participação do autor, este poderá pedir a suspensão da(s) obra(s) de sua autoria disponibilizadas gratuitamente na Biblioteca Virtual; que as obras literárias do(a) autor(a) só serão disponibilizadas na biblioteca mediante autorização por escrito por meio do termo de cessão; que serão tomadas as devidas disposições legais a fim de disponibilizar as obras de maneira legal sem malefícios para os envolvidos nessa etapa da pesquisa; e que não haverá qualquer retribuição financeira aos participantes dessa etapa da pesquisa. Todas essas disposições estão presentes no Item 5.2 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Caso o(a) senhor(a) aceite participar das etapas mencionadas dessa pesquisa, estará colaborando para o reconhecimento da literatura regional produzida na cidade Imperatriz-MA. Além de proporcionar o acesso às obras literárias da cidade em uma plataforma disponível para todo o país, contribuindo para a divulgação da literatura local, bem como a inclusão da literatura regional imperatrizense no processo de ensino-aprendizado.

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder quaisquer perguntas feitas (total ou parcialmente) e se houver qualquer constrangimento e desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento durante a sua execução, será respeitada a sua decisão.

Não há despesas pessoais para o participante da pesquisa, em qualquer fase do estudo, incluindo preenchimento e entrega do TCLE e do termo de Cessão de Direitos Autorais. A entrevista poderá ocorrer de forma virtual pelas plataformas digitais, ou ainda em algum local a ser definido em comum acordo pelos envolvidos. A disponibilização da(s) sua(s) obra(s) literária(s) para a biblioteca virtual será gratuita. Sendo assim, a disponibilização será voluntária, sem compensação financeira durante e enquanto da existência da biblioteca ou enquanto o autor autorizar a disponibilidade de sua obra. Assim, não há compensação financeira pela sua participação, que será voluntária.

Rubrica (Pesquisador Principal)



Rubrica (Participante da Pesquisa):



Caso haja algum dano direto ou indireto, decorrente de sua participação nessa pesquisa, você receberá assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo os dispositivos legais vigentes no Brasil. Tem também o participante da pesquisa direito de pedir a retirada das obras literárias cedidas para a biblioteca virtual, em qualquer momento durante e depois do desenvolvimento da biblioteca. Caso o(a) senhor(a) sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, pode procurar o pesquisador responsável para solicitar esclarecimentos e ajuda.

Os resultados da pesquisa serão divulgados, inicialmente, na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Podendo ser publicados, posteriormente, em revista científica, livros etc. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão arquivados sob a guarda do pesquisador responsável, por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor entre em contato com **Mariana Soares dos Santos** (Fone/ WhatsApp: 99-99180-3563, graduada em Letras (UEMASUL), Especialista em Metodologias Inovadoras em Língua Portuguesa (IESF) e Mestranda em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, ou pelo endereço eletrônico (e-mail): mariana.santos@uemasul.edu.br. O atendimento normal ocorrerá 7 (sete) dias por semana, em horário comercial. Em caso de urgência, o contato deve ser feito via telefone, a qualquer hora do dia.


Caso esta pesquisa seja interrompida, a qualquer momento, por parte do pesquisador, por questões de segurança ou quaisquer outros impedimentos, os participantes receberão a assistência adequada, gratuita, e pelo tempo que for necessário.

Caso concorde em participar, pedimos que **assine e rubrique** este documento (nos locais indicados), que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o(a) senhor(a).

Assim, declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome do Participante: José Ribamar Silva de Sousa

Data: 31/03/2022



 ASSINATURA DO PARTICIPANTE

Nome do Pesquisador Responsável: MARIANA SOARES DOS SANTOS. Endereço: Avenida Principal, Ecopleno 3, casa 175, Bairro Lagoinha.
 CEP: 65909-001 Cidade: IMPERATRIZ-MA
 Telefone Celular: (99) 99180-3563
 E-mail: mariana.santos@uemasul.edu.br



 ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Data: 31/03/2022

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o:
Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Carlos Macieira da Secretaria de Estado da Saúde do Maranhão.

Coordenadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa Seabra Soares de Britto e Alves
 Telefone (98) 32687058

Endereço Avenida Jerônimo de Albuquerque, S/N 1º andar, Bloco Central, sala 1 - ramal 7011, Calhau, São Luís-MA. CEP- 65.074-220

E-mail: cepesma@saude.ma.gov.br

*Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para garantir a proteção dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO – UEMASULPRÓ-
REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPGI MESTRADO PROFISSIONAL
EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Conforme Item IV – DO PROCESSO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO da Resolução
CNS 466/2012)

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa **POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**. O projeto tem a intenção de investigar as características da literatura produzida na cidade de Imperatriz-MA. A partir disso, discutir a literatura regional, tendo como cenário a produção literária imperatrizense e a sua inserção no ambiente escolar.

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a literatura produzida na cidade de Imperatriz (MA) levantando as questões narrativas das produções literárias imperatrizenses e as discussões que recaem sobre a literatura regional. E a partir disso tecer considerações sobre a literatura imperatrizense, para assim oportunizar a inclusão da literatura regional no processo de ensino-aprendizagem com a criação de uma biblioteca virtual com as produções literárias cedidas pelos autores entrevistados.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que em situação de quaisquer incoerência de constrangimento identificado, o (a) senhor (a) será resguardado podendo pedir a retirada de citações com o seu nome do corpo da pesquisa.

A sua participação se dará por meio de uma entrevista, que ocorrerá de forma presencial, em local que a definir, ou virtualmente, a depender da situação mais confortável para o (a) senhor (a). A entrevista será estruturada em três momentos, sendo eles: I - Como se caracteriza a literatura produzida pelo autor; II - A perspectiva do autor em relação a regionalidade na composição da sua literatura; e III - Qual a visão do autor para a com produção literária imperatrizense.

Essa entrevista pretende coletar, a partir das falas dos entrevistados, perspectivas sobre as produções da cidade a fim de entender as características das produções literárias imperatrizenses. Bem como as aferições dos entrevistados sobre as regionalidades constituintes da identidade imperatrizense e seus reflexos na literatura local. A entrevista será gravada por um aparelho celular e/ou pelo *google meet*. Na transcrição buscar-se-á preservar o máximo de fidelidade quanto às declarações do entrevistado.

A entrevista tem o intuito de aprofundar o objeto de estudo da pesquisa. Por se tratar de uma entrevista, o entrevistado, no decorrer da entrevista, pode julgar inadequada alguma declaração que pode causar situações vexatórias e/ou constrangimentos. Entendendo que essas situações apresentam riscos para a pesquisa e no intuito de minimizar possíveis danos, o(a) senhor (a) pode recusar-se a participar da pesquisa ou pedir a retirada de falas que julgue necessárias. Este e outros compromissos têm como finalidade assegurar a confiabilidade da pesquisa e a sua segurança. Compromissos que estão detalhados no Item 5.1 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Como produção final desta pesquisa, além da dissertação, é a criação da Biblioteca Virtual da Literatura Imperatrizense. O acesso ao seu acervo será disponibilizado à comunidade e, em especial, aos professores e alunos da rede pública de ensino. Caso o(a) senhor(a) aceite, as suas obras literárias integrarão a Biblioteca Virtual que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais.

Para que as suas obras façam parte do acervo da Biblioteca Virtual o(a) senhor(a) precisará autorizar a

utilização das obras por meio de um Termo de Cessão de Direitos Autorais, desenvolvido pela pesquisadora. Esse documento assegura a utilização das obras que o(a) senhor(a) desejar disponibilizar na biblioteca virtual. No intuito de minimizar os possíveis riscos a que o(a) senhor(a) pode ser exposto(a), a pesquisa assegura que as obras disponibilizadas estarão à disposição de alunos, professores do ensino básico e superior como recursos para o processo de ensino-aprendizagem, e a toda comunidade.

A pesquisa assegura ainda que, em caso de situação nociva à participação do autor, este poderá pedir a suspensão da(s) obra(s) de sua autoria disponibilizadas gratuitamente na Biblioteca Virtual; que as obras literárias do(a) autor(a) só serão disponibilizadas na biblioteca mediante autorização por escrito por meio do termo de cessão; que serão tomadas as devidas disposições legais a fim de disponibilizar as obras de maneira legal sem malefícios para os envolvidos nessa etapa da pesquisa; e que não haverá qualquer retribuição financeira aos participantes dessa etapa da pesquisa. Todas essas disposições estão presentes no Item 5.2 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Caso o(a) senhor(a) aceite participar das etapas mencionadas dessa pesquisa, estará colaborando para o reconhecimento da literatura regional produzida na cidade Imperatriz-MA. Além de proporcionar o acesso às obras literárias da cidade em uma plataforma disponível para todo o país, contribuindo para a divulgação da literatura local, bem como a inclusão da literatura regional imperatrizense no processo de ensino-aprendizado.

O(a) Senhor(a) pode se **recusar a responder quaisquer perguntas feitas** (total ou parcialmente) e se houver qualquer constrangimento e **desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento durante a sua execução, será respeitada a sua decisão.**

Não há despesas pessoais para o participante da pesquisa, em qualquer fase do estudo, incluindo preenchimento e entrega do TCLE e do termo de Cessão de Direitos Autorais. A entrevista poderá ocorrer de forma virtual pelas plataformas digitais, ou ainda em algum local a ser definido em comum acordo pelos envolvidos. A disponibilização da(s) sua(s) obra(s) literária(s) para a biblioteca virtual será gratuita. Sendo assim, a disponibilização será voluntária, sem compensação financeira durante e enquanto da existência da biblioteca ou enquanto o autor autorizar a disponibilidade de sua obra. Assim, não há compensação financeira pela sua participação, que será **voluntária**.

Rubrica (Pesquisador Principal):



Rubrica (Participante da Pesquisa):



Caso haja algum dano direto ou indireto, decorrente de sua participação nessa pesquisa, você receberá assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo os dispositivos legais vigentes no Brasil. Tem também o participante da pesquisa direito de pedir a retirada das obras literárias cedidas para a biblioteca virtual, em qualquer momento durante e depois do desenvolvimento da biblioteca. Caso o(a) senhor(a) sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, pode procurar o pesquisador responsável para solicitar esclarecimentos e ajuda.

Os resultados da pesquisa serão divulgados, inicialmente, na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Podendo ser publicados, posteriormente, em revista científica, livros etc. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão arquivados sob a guarda do pesquisador responsável, por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor entre em contato com **Mariana Soares dos Santos** (Fone/ WhatsApp: 99-99180-3563, graduada em Letras (UEMASUL), Especialista em Metodologias Inovadoras em Língua Portuguesa (IESF) e Mestranda em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, ou pelo endereço eletrônico (*e-mail*): mariana.santos@uemasul.edu.br). O atendimento normal ocorrerá 7 (sete) dias por semana, em horário comercial. Em caso de urgência, o contato deve ser feito via telefone, a qualquer hora do dia.

Caso esta pesquisa seja interrompida, a qualquer momento, por parte do pesquisador, por questões de segurança ou quaisquer outros impedimentos, os participantes receberão a assistência adequada, gratuita, e pelo tempo que for necessário.

Caso concorde em participar, pedimos que **assine e rubrique** este documento (nos locais indicados), que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o(a) senhor(a).

Assim, declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome do Participante: Raimundo Trajano Neto

Data: 31/03/2022



ASSINATURA DO PARTICIPANTE

Nome do Pesquisador Responsável: MARIANA SOARES DOS SANTOS. Endereço: Avenida Principal, Ecopleno 3, casa 175, Bairro Lagoinha.
CEP: 65909-001 | Cidade: IMPERATRIZ-MA
Telefone Celular: (99) 99180-3563
E-mail: mariana.santos@uemasul.edu.br



ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Data: 31/03/2022

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o:
Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Carlos Macieira da Secretaria de Estado da Saúde do Maranhão.

Coordenadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa Seabra Soares de Britto e Alves

Telefone (98) 32687058

Endereço Avenida Jerônimo de Albuquerque, S/N 1º andar, Bloco Central, sala 1 - ramal 7011, Calhau, São Luis-MA. CEP- 65.074-220

E-mail: cepesma@saude.ma.gov.br

*Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para garantir a proteção dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.



Mestrado
em Letras



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO – UEMASULPRÓ-
REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPGI MESTRADO PROFISSIONAL
EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Conforme Item IV – DO PROCESSO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO da Resolução
CNS 466/2012)

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa **POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**. O projeto tem a intenção de investigar as características da literatura produzida na cidade de Imperatriz-MA. A partir disso, discutir a literatura regional, tendo como cenário a produção literária imperatrizense e a sua inserção no ambiente escolar.

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a literatura produzida na cidade de Imperatriz (MA) levantando as questões narrativas das produções literárias imperatrizenses e as discussões que recaem sobre a literatura regional. E a partir disso tecer considerações sobre a literatura imperatrizense, para assim oportunizar a inclusão da literatura regional no processo de ensino-aprendizagem com a criação de uma biblioteca virtual com as produções literárias cedidas pelos autores entrevistados.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que em situação de quaisquer incoerência de constrangimento identificado, o (a) senhor (a) será resguardado podendo pedir a retirada de citações com o seu nome do corpo da pesquisa.

A sua participação se dará por meio de uma entrevista, que ocorrerá de forma presencial, em local que a definir, ou virtualmente, a depender da situação mais confortável para o (a) senhor (a). A entrevista será estruturada em três momentos, sendo eles: I - Como se caracteriza a literatura produzida pelo autor; II - A perspectiva do autor em relação a regionalidade na composição da sua literatura; e III - Qual a visão do autor para a com produção literária imperatrizense.

Essa entrevista pretende coletar, a partir das falas dos entrevistados, perspectivas sobre as produções da cidade a fim de entender as características das produções literárias imperatrizenses. Bem como as aferições dos entrevistados sobre as regionalidades constituintes da identidade imperatrizense e seus reflexos na literatura local. A entrevista será gravada por um aparelho celular e/ou pelo *google meet*. Na transcrição buscar-se-á preservar o máximo de fidelidade quanto às declarações do entrevistado.

A entrevista tem o intuito de aprofundar o objeto de estudo da pesquisa. Por se tratar de uma entrevista, o entrevistado, no decorrer da entrevista, pode julgar inadequada alguma declaração que pode causar situações vexatórias e/ou constrangimentos. Entendendo que essas situações apresentam riscos para a pesquisa e no intuito de minimizar possíveis danos, o(a) senhor (a) pode recusar-se a participar da pesquisa ou pedir a retirada de falas que julgue necessárias. Este e outros compromissos têm como finalidade assegurar a confiabilidade da pesquisa e a sua segurança. Compromissos que estão detalhados no Item 5.1 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Como produção final desta pesquisa, além da dissertação, é a criação da Biblioteca Virtual da Literatura Imperatrizense. O acesso ao seu acervo será disponibilizado à comunidade e, em especial, aos professores e alunos da rede pública de ensino. Caso o(a) senhor(a) aceite, as suas obras literárias integrarão a Biblioteca Virtual que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais.

Para que as suas obras façam parte do acervo da Biblioteca Virtual o(a) senhor(a) precisará autorizar a

utilização das obras por meio de um Termo de Cessão de Direitos Autorais, desenvolvido pela pesquisadora. Esse documento assegura a utilização das obras que o(a) senhor(a) desejar disponibilizar na biblioteca virtual. No intuito de minimizar os possíveis riscos a que o(a) senhor(a) pode ser exposto(a), a pesquisa assegura que as obras disponibilizadas estarão à disposição de alunos, professores do ensino básico e superior como recursos para o processo de ensino-aprendizagem, e a toda comunidade.

A pesquisa assegura ainda que, em caso de situação nociva à participação do autor, este poderá pedir a suspensão da(s) obra(s) de sua autoria disponibilizadas gratuitamente na Biblioteca Virtual; que as obras literárias do(a) autor(a) só serão disponibilizadas na biblioteca mediante autorização por escrito por meio do termo de cessão; que serão tomadas as devidas disposições legais a fim de disponibilizar as obras de maneira legal sem malefícios para os envolvidos nessa etapa da pesquisa; e que não haverá qualquer retribuição financeira aos participantes dessa etapa da pesquisa. Todas essas disposições estão presentes no Item 5.2 do projeto de mestrado – que se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso ao qual o(a) participante da pesquisa pertence.

Caso o(a) senhor(a) aceite participar das etapas mencionadas dessa pesquisa, estará colaborando para o reconhecimento da literatura regional produzida na cidade Imperatriz-MA. Além de proporcionar o acesso às obras literárias da cidade em uma plataforma disponível para todo o país, contribuindo para a divulgação da literatura local, bem como a inclusão da literatura regional imperatrizense no processo de ensino-aprendizado.

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder quaisquer perguntas feitas (total ou parcialmente) e se houver qualquer constrangimento e desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento durante a sua execução, será respeitada a sua decisão.

Não há despesas pessoais para o participante da pesquisa, em qualquer fase do estudo, incluindo preenchimento e entrega do TCLE e do termo de Cessão de Direitos Autorais. A entrevista poderá ocorrer de forma virtual pelas plataformas digitais, ou ainda em algum local a ser definido em comum acordo pelos envolvidos. A disponibilização da(s) sua(s) obra(s) literária(s) para a biblioteca virtual será gratuita. Sendo assim, a disponibilização será voluntária, sem compensação financeira durante e enquanto da existência da biblioteca ou enquanto o autor autorizar a disponibilidade de sua obra. Assim, não há compensação financeira pela sua participação, que será voluntária.

Rubrica (Pesquisador Principal):



Rubrica (Participante da Pesquisa):



Caso haja algum dano direto ou indireto, decorrente de sua participação nessa pesquisa, você receberá assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo os dispositivos legais vigentes no Brasil. Tem também o participante da pesquisa direito de pedir a retirada das obras literárias cedidas para a biblioteca virtual, em qualquer momento durante e depois do desenvolvimento da biblioteca. Caso o(a) senhor(a) sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, pode procurar o pesquisador responsável para solicitar esclarecimentos e ajuda.

Os resultados da pesquisa serão divulgados, inicialmente, na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Podendo ser publicados, posteriormente, em revista científica, livros etc. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão arquivados sob a guarda do pesquisador responsável, por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor entre em contato com **Mariana Soares dos Santos** (Fone/ WhatsApp: 99-99180-3563, graduada em Letras (UEMASUL), Especialista em Metodologias Inovadoras em Língua Portuguesa (IESF) e Mestranda em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, ou pelo endereço eletrônico (e-mail): mariana.santos@uemasul.edu.br. O atendimento normal ocorrerá 7 (sete) dias por semana, em horário

comercial. Em caso de urgência, o contato deve ser feito via telefone, a qualquer hora do dia.

Caso esta pesquisa seja interrompida, a qualquer momento, por parte do pesquisador, por questões de segurança ou quaisquer outros impedimentos, os participantes receberão a assistência adequada, gratuita, e pelo tempo que for necessário.

Caso concorde em participar, pedimos que **assine e rubrique** este documento (nos locais indicados), que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o(a) senhor(a).

Assim, declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome do Participante: José Bonifácio César Ribeiro

Data: 31/03/2022


ASSINATURA DO PARTICIPANTE

Nome do Pesquisador Responsável: MARIANA SOARES DOS SANTOS. Endereço: Avenida Principal, Ecopleno 3, casa 175, Bairro Lagoinha.
CEP: 65909-001 Cidade: IMPERATRIZ-MA
Telefone Celular: (99) 99180-3563
E-mail: mariana.santos@uemasul.edu.br


ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Data: 31/03/2022

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o:
Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Carlos Macieira da Secretaria de Estado da Saúde do Maranhão.

Coordenadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa Seabra Soares de Britto e Alves
Telefone (98) 32687058

Endereço Avenida Jerônimo de Albuquerque, S/N 1º andar, Bloco Central, sala 1 - ramal 7011, Calhau, São Luis-MA. CEP- 65.074-220

E-mail: cepesma@saude.ma.gov.br

*Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para garantir a proteção dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Pelo presente instrumento jurídico particular, **Ariston Rodrigues de França**, brasileiro, portador da Cédula de Identidade nº 53505596.0, CPF nº 238.290.283-34, domiciliado na cidade Imperatriz, Maranhão, na condição legal de autor/detentor dos direitos autorais sobre os poemas **Fundo de gaveta, Beco do medo e Grito**, decide pelo presente Termo de Cessão de Direitos Autorais, em ceder à pesquisa “**POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense**”, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**, CPF nº 60750193328, como parte da pesquisa de mestrado pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, sediada no CNPJ nº 26.677.304/0001-81, os direitos patrimoniais e de autor referentes à obras/ criações supramencionadas, com fundamento nos artigos 28 a 33 da Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (Lei de Direitos Autorais), para a finalidade específica de integrar uma biblioteca virtual que ficará disponível na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, e que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais. Assim, autorizo a utilização das referidas obras aqui mencionadas para integrarem **gratuitamente** a biblioteca virtual da presente pesquisa, sem quaisquer compensações financeiras com as devidas finalidades expostas pela pesquisa.

31 de outubro de 2022.



ASSINATURA DO PARTICIPANTE

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Pelo presente instrumento jurídico particular, **Domingos Izaias Cezar Ribeiro**, brasileiro, portador da Cédula de Identidade nº 03740472009-6, CPF nº 158.035.113-15, domiciliado na cidade de Imperatriz, Maranhão, na condição legal de autor/detentor dos direitos autorais sobre a obra intitulada **A literatura produzida em Imperatriz**, decide pelo presente Termo de Cessão de Direitos Autorais, em ceder à pesquisa **“POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense”**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**, CPF nº 60750193328, como parte da pesquisa de mestrado pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, sediada no CNPJ nº 26.677.304/0001-81, os direitos patrimoniais e de autor referentes à obra criação supramencionada, com fundamento nos artigos 28 a 33 da Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (Lei de Direitos Autorais), para a finalidade específica de integrar uma biblioteca virtual que ficará disponível na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, e que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais. Assim, autorizo a utilização das referidas obras aqui mencionadas para integrarem gratuitamente a biblioteca virtual da presente pesquisa, sem quaisquer compensações financeiras com as devidas finalidades expostas pela pesquisa.

31 de outubro de 2022.


Assinatura do autor participante

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Pelo presente instrumento jurídico particular, **Gilmar Pereira da Silva**, brasileiro, portador da Cédula de Identidade nº 677150-SSP,MA, CPF nº 110.737.563-00, domiciliado na cidade Imperatriz, Maranhão, na condição legal de autor/detentor dos direitos autorais sobre as obras intituladas **A galinha Magra-Magrinha** e o **Último conto contado**, decide pelo presente Termo de Cessão de Direitos Autorais, em ceder à pesquisa **“POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense”**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**, CPF nº 60750193328, como parte da pesquisa de mestrado pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, sediada no CNPJ nº 26.677.304/0001-81, os direitos patrimoniais e de autor referentes à obras/ criações supramencionadas, com fundamento nos artigos 28 a 33 da Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (Lei de Direitos Autorais), para a finalidade específica de integrar uma biblioteca virtual que ficará disponível na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, e que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais. Assim, autorizo a utilização das referidas obras aqui mencionadas para integrarem gratuitamente a biblioteca virtual da presente pesquisa, sem quaisquer compensações financeiras com as devidas finalidades expostas pela pesquisa.

31 de outubro de 2022.

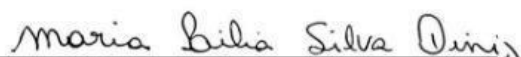


Assinatura do autor participante

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Pelo presente instrumento jurídico particular, **Maria Lilia Silva Diniz**, brasileira, portadora da Cédula de Identidade nº 2657651/ssp-DF CPF nº 33334781372, domiciliada na cidade Imperatriz, Maranhão, na condição legal de autora/detentora dos direitos autorais sobre as poemas **Pandemia de versos** e **TempeAndo**, decide pelo presente Termo de Cessão de Direitos Autorais, em ceder à pesquisa “**POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense**”, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**, CPF nº 60750193328, como parte da pesquisa de mestrado pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, sediada no CNPJ nº 26.677.304/0001-81, os direitos patrimoniais e de autor referentes à obras/ criações supramencionadas, com fundamento nos artigos 28 a 33 da Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (Lei de Direitos Autorais), para a finalidade específica de integrar uma biblioteca virtual que ficará disponível na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, e que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais. Assim, autorizo a utilização das referidas obras aqui mencionadas para integrarem gratuitamente a biblioteca virtual da presente pesquisa, sem quaisquer compensações financeiras com as devidas finalidades expostas pela pesquisa.

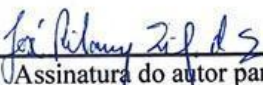
31 de outubro de 2022


Assinatura da autora participante

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Pelo presente instrumento jurídico particular, **José Ribamar Silva de Sousa**, brasileiro, portador da Cédula de Identidade nº 12.761-SSP/PA, CPF nº 109.542.873-04, domiciliado na cidade Imperatriz, Maranhão, na condição legal de autor/detentor dos direitos autorais sobre a obras intituladas **Uma releitura de “O enigma do homem” de Edgar Morin, Um conto de amor perdido e Fundação de Imperatriz (um conto)**, decide pelo presente Termo de Cessão de Direitos Autorais, em ceder à pesquisa **“POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense”**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**, CPF nº 60750193328, como parte da pesquisa de mestrado pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, sediada no CNPJ nº 26.677.304/0001-81, os direitos patrimoniais e de autor referentes à obras/ criações supramencionadas, com fundamento nos artigos 28 a 33 da Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (Lei de Direitos Autorais), para a finalidade específica de integrar uma biblioteca virtual que ficará disponível na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, e que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais. Assim, autorizo a utilização das referidas obras aqui mencionadas para integrarem gratuitamente a biblioteca virtual da presente pesquisa, sem quaisquer compensações financeiras com as devidas finalidades expostas pela pesquisa.


31 de outubro de 2022.


Assinatura do autor participante

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Pelo presente instrumento jurídico particular, **Raimundo Trajano Neto**, brasileiro, portador da Cédula de Identidade nº 051740532014-8, CPF nº 064.963.693-72, domiciliado na cidade Imperatriz, Maranhão, na condição legal de autor/detentor dos direitos autorais sobre os poemas **Não bula comigo, moço**, **Os pássaros**, **Imperatriz**, **A pedra** e **Magia do rio** decide pelo presente Termo de Cessão de Direitos Autorais, em ceder à pesquisa “**POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense**”, sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**, CPF nº 60750193328, como parte da pesquisa de mestrado pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, sediada no CNPJ nº 26.677.304/0001-81, os direitos patrimoniais e de autor referentes à obras/ criações supramencionadas, com fundamento nos artigos 28 a 33 da Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (Lei de Direitos Autorais), para a finalidade específica de integrar uma biblioteca virtual que ficará disponível na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, e que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais. Assim, autorizo a utilização das referidas obras aqui mencionadas para integrem gratuitamente a biblioteca virtual da presente pesquisa, sem quaisquer compensações financeiras com as devidas finalidades expostas pela pesquisa.

31 de outubro de 2022.

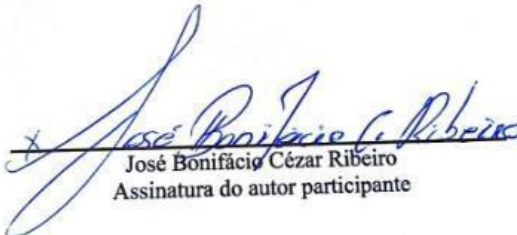


Assinatura do autor participante

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Pelo presente instrumento jurídico particular, **José Bonifácio César Ribeiro**, brasileiro, portador da Cédula de Identidade nº 052719922014-7, CPF nº 195.139.251-53, domiciliado na cidade Imperatriz, Maranhão, na condição legal de autor/detentor dos direitos autorais sobre a obra intitulada **Banzeiros**, decide pelo presente Termo de Cessão de Direitos Autorais, em ceder à pesquisa "**POR ENTRE CHÃOS E RIOS: os caminhos narrativos da literatura imperatrizense**", sob a responsabilidade da pesquisadora **Mariana Soares dos Santos**, CPF nº 60750193328, como parte da pesquisa de mestrado pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, sediada no CNPJ nº 26.677.304/0001-81, os direitos patrimoniais e de autor referentes à obras/ criações supramencionadas, com fundamento nos artigos 28 a 33 da Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (Lei de Direitos Autorais), para a finalidade específica de integrar uma biblioteca virtual que ficará disponível na página do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, e que tem por objetivo proporcionar o acesso **gratuito** às obras locais, tanto para o estudo da literatura local, quanto como alternativa de letramento para professores e alunos a partir de textos regionais. Assim, autorizo a utilização das referidas obras aqui mencionadas para integrarem gratuitamente a biblioteca virtual da presente pesquisa, sem quaisquer compensações financeiras com as devidas finalidades expostas pela pesquisa.

31 de outubro de 2022.


José Bonifácio César Ribeiro
Assinatura do autor participante